

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 887

COIMBRA — Segunda-feira, 21 de Março de 1904

10.º ANO

Contra as propostas de fazenda

O CAMINHO

Podem os comerciantes de todo o país continuar embalados pela esperança de que a transformação dos processos de jerencia pública cabe perfeitamente dentro do regimen vigente e que dele virão ainda, pelo impulso do protesto occorrente, dias mais calmos e propícios de reabilitação e prosperidade.

Nós persistiremos em analisar os factos, inferindo-lhes com lealdade as conclusões indesmentíveis. E se com boa-fé e firme desejo de se elucidarem neles refletem os que sinceramente andão no protesto incólór, concordarão comnós em que todo o ataque tem logicamente de visar o regimen — orijem primordial de todos os males — encaminhar-se no sentido de o substituir por novas instituições onde a soberania nacional completamente se exerça.

Está posta de parte essa velha e ridícula mentira de que os altos poderes do Estado ignorão as manivas e os atentados dos seus governos, collocando-os nessa ignorancia e ao abrigo das invetivas que possão fundibular-lhes.

De direito e de facto se pretendeu que esses poderes não tinham responsabilidade alguma, e só aos governos que deslealmente abusavam da sua confiança, compromettendo-os ante o país, era licito pedir contas das loucuras e crimes praticados.

Isto se afirmou, na plena consciencia de que tal afirmação era uma desfaçada mentira, e isto temão em afirmar ainda ôje uns torpes cortezaos assalariados politicos — que, a esquina da opposição, esperão que o regimen os chame a fazer os lre-tes rendosos do Poder.

Mas a miudo se contradizem os defensores servis do regimen, e principalmente quando occorrem brigas inflamadas entre as clientelas, por motivo de partilhas nos lucros da exploração nacional, vêem em termos claros a confissão do cançado sofisma, são elles proprios que num jesto de natural violencia derrubão o fraíl anteparo, erguido para es-

conder as responsabilidades graves dos altos poderes do Estado.

Publicamente reconhecem os fervorosos monarchistas que esses poderes podem inteirar-se, e de facto se inteirão, da conduta dos governos, quando se dirigem a elles, em apelos conspicuos, solicitando lhes a sua interferencia no sentido de conterem esses governos a dentro de normas justas de moralidade e patriotismo, ou de os destituir do mando como satisfação aos protestos da opinião.

Ninguém decerto se dirige a quem com anticipada certeza sabe que não pôde escutá-lo nem deferir-lhes as reclamações. Fazê-lo, em taes condições, seria inutil, pueril, ridiculo — um verdadeiro apostolado no deserto, pela simples mania de pregar.

Portanto, esses poderes que em momentos frequentissimos de delambida adulação se pretende que são irresponsaveis, por ignorantes, estão de facto no conhecimento do que seja a administração, ou melhor, a exploração pública, e podem indubitavelmente intrometer-se para lhes mudarem o aspéto.

Sempre os altos poderes do Estado tiverão mando absoluto, a quaesquer outros poderes se impuserão sempre, repelindo todas as limitações ao seu despotismo.

Claramente o disse Rodrigues Sampaio.

Sacudidamente o repetiu em data mais proxima o sr. Mariano de Carvalho.

Em artigos largos de análise á nossa historia constitucional, o sr. Dias Ferreira demonstrou que o rei era o dono do país, pela extrema concentração de poderes que nelle se avia feito.

Em tempos nunca esquecidos de rubra opposição, o proprio sr. Alpoim o afirmou, accusando el-rei de não ter olhos para ver as miserias do seti povo e ouvidos para escutar-lhe as queixas justas, increpando-o severamente dos seus bamboleamentos jubilosos ante as gargalhadas da Yvette...

Mas todos o têm affirmado, mas todos o sentem!

E querem ver, destacado de um jornal franquista, um trecho precioso que vem depor sobre o assunto?

Leiam no *Diario Ilustrado*:

«Aos altos poderes do Estado resta apenas, depois de imprescindivelmente reconhecerem a respeitabilidade do protesto, responderem *sim* ou *não*. E com a sua resposta, que oportunamente virá, os altos poderes do Estado são de por uma vês definir-se, a toda a luz e a toda a transparencia, sem livros ou subterfugios que a attitude do commercio inteligentemente soube excluir. Quando a resposta vier, saber-se-á definitivamente quem é que está com o país, que protesta como um só omem, ou quem se declara contra elle, calcando aos pés as suas queixas justas na essencia ou na forma.»

Pode aver acaso mais formal reconhecimento de que os altos poderes pôdem intervir e têm o dever de intervir, nas coisas da administração pública?

Não. Pode aver trampoloneiros que ainda o sustentem, mas custa a crer que ainda aja injenuos que aceitem a grosseirissima intrujice.

Sómente o sr. João Franco, que tais coisas afirma, se amanhã os altos poderes disserem que não ao país, calcando-lhes as queixas justissimas, e o convidarem ao mesmo tempo a senhorear-se do poder, o incólór salvador dir-lhes-á apressadamente que *sim*.

Assente, pois, que os altos poderes estão no conhecimento da nossa situação e tem força bastante para mudar-lhes a face ameaçadora, resta ver como elles têm interterido sempre que a consciencia pública se insurge e protesta.

Quantas vezes não tem o país protestado contra os desmandos dos governos e reclamado reformas radicais nos processos de administração pública? Quantas vezes, de um

extremo ao outro do país, não têm resoado clamores indignados contra a exigencia de novos sacrificios, o desbarato dos dinheiros publicos, a ineptia e a immoralidade que pompeião nas rejiões do poder?

Quantas vezes! Quantas vezes!

E têm sido justissimas essas queixas. Os governos o têm reconhecido, dispendendo-se em promessas de *vida nova*; os politicos o têm confessado, trovejando em catilnarias vigorosas contra um passado de desatinos em que todos têm largas responsabilidades: o proprio rei o aceitou, ao ouvir ler, á treze annos, a mensajem da camara do Porto, a que respondeu com promessas solenes, para logo esquecidas.

Que têm feito, pois, os altos poderes do Estado perante as reclamações justas do país?

Têm-nas calcado aos pés!

E os omens que, em ôras como esta de ajitação propicia, põem o dilema de serem êsses poderes contra o país ou pelo país, como se tem conduzido quando pela primeira attitude elles se decidem?

Têm-nos continuado a servir com a mesma fidelidade, o mesmo servilismo, e a mesma vergonha...

Têm sido por elles e contra o país, pelos seus interesses mesquinhos contra os interesses elevados do povo!

Acuzar o passado e acuzar o regimen cuja força apoia os governos. Arguir os governos e arguir o regimen que com elles se confundiu em intima convivencia para a prática de todos os crimes e desvarios.

Sempre que o povo tem protestado não tem sido atendido pelos altos poderes do Estado.

Estes tem sido contra elle, tem calcado aos pés as suas queixas justas.

Como, pois, incriminar os governos sem incriminar o regimen? Como preconizar a destruição de uma politica imoral e ruinoza, sem reconhecer ao mesmo tempo a ne-

cessidade de destruir o regimen que essa politica tem sancionado, que com ela tem vivido na mais idilica das armonias, que dela tem aproveitado os recursos para a sua vida faustoza?

Não pôde ser, ô impenitentes injenuos!

Não pôde ser, ô replazos mariólas!

De resto têm-se provado, com insuspeitos documentos officaes e com depoimentos incontraditados de monarchicos, que para a situação affitiva em que o país se encontra o regimen tem contribuido poderozissimamente, com as suas constantes e dezordenadas exigencias.

Ninguém desmentiu a campanha do *Debate*; e quando á tempos um jornalista, ora reconduzido á mamadeira ministerial, denunciava com estrondozo escandalo que o país pagava *iates* de recreio pela módica quantia de **oitocentos contos**, os zelozos defensores do prestijio réjio não levaram até aos tribunais o audás delatôr.

O regimen é réo maior nos crimes que fozozamente se vêm stigmatizando.

Absolvê-lo é cumplicitar com elle e deixar-lhe campo aberto á reincidencia.

O caminho, pois, que o protesto contra as propostas de fazenda tem logicamente de tomar é este: — contra a Monarquia e pela REPUBLICA.

Tudo o mais é uma farça. O movimento é nacional, dizem; não pode ser a campanha de um partido, insistem; mas nós continuaremos a afirmar que só do partido republicano pode ser essa campanha, pois que é elle o unico partido nacional.

Os outros são partidos do rei; e entre o rei e a nação o divorcio é fundo e data de antigos tempos.

Decididamente: abaixo a velha mistificação!

Se se declarão pelo país têm de ser pela REPUBLICA.

Associação Comercial

Reuniu na sexta-feira a assembleia geral da Associação Comercial de Coimbra para ouvir a comissão que foi a Lisboa entregar á camara dos pares a representação contra as propostas de fazenda.

A mēza ficou constituída pelo sr. Paulo Antunes Ramos, presidente, secretario pelo sr. Manuel Joaquim de Miranda e Lotario Marques Ganhilho. Começou uzando da palavra o sr. Pedro Bandeira, como presidente da comissão que fora a Lisboa levar o protesto da Associação Comercial, mostrando a sua gratidão pelos serviços prestados á Associação Comercial pelo digno par do reino sr. Dantas Baracho, deputado sr. Oliveira Matos, e pelo sr. Pedro de Araujo, presidente da Associação Comercial do Porto.

Fôrão propostos votos de agradecimento aos srs. Dantas Baracho, Oliveira Matos e Pedro d'Araujo, pelos serviços prestados á comissão em Lisboa, durante a sua permanencia ali.

O sr. Francisco Vilaça da Fonseca, uzando da palavra, fêz várias considerações mostrando a necessidade de protestar com energia, pela resistēcia efectiva e clara, porque não era de esperar que attendesse a protestos da opinião quem tem desprezado as vozes de indignação levantadas pelos comícios realizados em todo o país. Era necessario protestar violentamente pela resistēcia ostensiva do comércio que tem sido ludibriado por todos os governos que se têm sucedido no poder.

Continuando nesta ordem de ideias, mostrou como pela imprevidencia administrativa, pela deficiencia da lei, o comércio não podia forçar a pagar os devedores de pequenas quantias, e lutava com embaraços constantes, por falta de leis que o protegessem e zelassem os seus interesses e por avêr leis de mais que o oprimião com impostos vexatorios.

Referindo-se á lei de contribuição de renda de caça, mostrou a sua iniquidade terminando por acentuar a necessidade de afirmar a resistēcia do comércio contra todas as propostas de fazenda, por forma a não ficarem dúbidas ao govêrno sobre a firmēza da sua attitudē e a justiça dos seus protestos.

O sr. Vilaça foi muito aplaudido tanto ao acabar, como nas passagens mais violentas do seu eloquente discurso.

Têve em seguida a palavra o sr. Cassiano Martins Ribeiro, que teceu merecidos louvores ao orador precedente, elojando ao mesmo tempo a comissão que tinha ido a Lisboa levar o protesto da Associação, pela forma como se tinha desempenhado do seu mandato. Fazendo suas as palavras do sr. Vilaça, mostrou a necessidade que tinha o comércio de não abandonar a questão, afirmando-se o de Coimbra intranzigente e solidario com o do resto do país.

Terminou no meio de aplausos, por propôr que se nomeasse uma comissão de vijilancia para se ir entender permanentemente com as comissões de protesto de Lisboa, Porto e das outras rejioēs do país, afirmando e mantendo assim a maior solidariadade com o comércio de toda a nação.

Essa comissão foi aprovada por aclamação e ficou composta pelos srs.:

Francisco Vilaça da Fonseca, Pedro Bandeira, Antonio Jozé da Costa, Antonio Augusto Neves, João Simões da Fonseca Barata, Antonio Jozé Fernandes e Manuel Antonio da Costa.

Método João de Deus

Por vèzes nos temos referido na Resistencia aos trabalhos do sr. capitão Homem Christo no ensino primário dos recrutas.

Nada para louvar mais do que a persistēcia dos seus esforços que, se ôje, são devidamente aquilatados nas rejioēs officiais, e lhe merecem a consideração de colégas e extranhos, fôrão muito tempo vistos com desdém e qualificados com o sorriso de ironia superior da imbecillidade indijena.

O sr. capitão Homem Christo tem ôje a felicidade de vêr reconhecida a necessidade do seu trabalho de ensino pelos próprios recrutas, que procurão a sua companhia para aprender, sujeitando-se áquêl trabalho violento que vem acrescentar-se ao da instrução de recrutas, como de prazer e alívio.

E' para vêr o intercsse com que

escrevem a primeira carta á familia, e o alvoroço com que a vêm mostrar aos officiaes que os ensinão.

Um dia destes, um que escreverá uma carta para a mãe, a primeira que a pobre mulher avia de vêr de um filho sem a poder lêr, fôra mostrá-la entre receiôzo e contente ao alfêres que a leu e o elojiou; ficava com tanto prazer por o serviço o não deixar deitar naquêla noite mesmo a carta no correio, que o officialha levou ao retirar, por êle a não querer confiar de mais ninguém, como coisa muito precioza.

O melhor elojio que se pôde fazer ao método João de Deus são os resultados colhidos nas escolas do rejimento de infantaria 23.

Rapazes do campo, rúdes, sem instrução, sem ideias, ainda os mais rudimentares, aprenderão desde novembro até agôra a lêr e a escrever correntemente.

Um á, que se distinguiu sempre pelo seu bom comportamento, pela assiduidade ao serviço, pela sua vontade e força disciplinadôra, e que apenas o não saber lêr nem escrever impedira sempre os superiores de lhe dar maior graduação.

Oje sabe lêr e escrever e têve á pouco a nomeação que estáva indicada pelas suas bēlas qualidades.

Com a escola primária tem o rejimento de infantaria conseguido cabos e sarjentes, cuja falta se sente em todo o exército.

O ensino não fica só porém em lêr e escrever, e os soldados aprendem rudimentos de história, noções de arimética e de jeografia, e á os que lêem com mais inteliencia uma carta jeográfica do que qualquer aluno dos nossos liceus.

Quem vê as escolas do rejimento, se admira o altruismo e o trabalho perzistente do sr. Homem Christo e dos officiaes superiores e inferiores que o tem ajudado na sua bēla obra, não extranha menos a atenção, o afínco com que os soldados se dobrão sobre os livros, lendo com esforço inteliigente, acompanhando as silabas com o movimento rijido dos seus dedos grossos, dobrando-se sobre a escrita, em que as lētras aparécem, ao ditado, vagarosamente, mas seguidamente, sem exzitações, como o resultado do trabalho dos seus cérebros rúdes, mas pensando seguramente, sem sobresaltos.

Quando se lhes fala, olhão e escutão, se não entendem, voltão-se para os que julgão mais inteliientes, a vêr se aquilo será assim.

Quando um lê, os outros não levantão os olhos do livro e seguem baixo o que está lendo.

Vê-se que a faina, em que estão, é do seu agrado e vontade, e sai-se d'ali com a impressão consoladôra que se não tem numa aula do liceu, ou da Universidade.

Louvar o sr. Homem Christo seria trabalho escuzado e de bem pouco valôr; mais do que tudo o que lhe poderíamos dizer, deve valer lhe a alegria constante de vêr seguido de tanto resultado o seu trabalho, tão nobre pelo seu fim, como por sêr realizado no nosso país, avêso a emprēzas uteis que não venhão muito reclamadas, nem sirvão intercses pessoais.

Apezar disso, não podemos impedir-nos de lhe mostrar mais uma vés toda a nossa admiração e todo o nosso respeito pelo seu trabalho, inspirado em obra de tão alta utilidade, e tanto patriotismo.

CONGRESSO MEDICO

Está publicado ja o programa do congresso que tem de realizar os Nucleos da Liga contra a tuberculose.

Foi impresso na imprensa da Universidade, em papel de linho, e tem no frontispicio as armas de Coimbra e o selo da Universidade, indicando a imprensa.

E' de um formato elegante, bem impresso, com a sobriedade decorativa destes trabalhos.

A atris Virjinia e o atôr Ferreira da Silva acedêrão jentilmente ao pedido da comissão para tomarem parte no sarau realizado em onra dos congressistas, faltando apenas a autorização superior que foi já devidamente solicitada.

Fôrão convidados a tomar parte no sarau os academicos João de Barros, Gomes da Silva, Campos Lima, e ôje mesmo foi enviado ao grande poeta

Guerra Junqueiro o pedido para vir mais uma vés pôr a eloquencia dos seus vèrsos, e a força dominadôra do seu talento ao serviço de uma obra de filantropia e de alto interesse social.

O espetáculo que constará de três partes, terá uma, a última, que será exclusivamente academica, com uma peça orijinal de Gomes da Silva.

O cenario para esta parte será pintado por estudantes,

A' na peça dois papeis, um para a atris Virjinia e outro para Ferreira da Silva. São os mais insignificantes; porque os rapazes, que é quem parte, rezervarão para si a parte de mais responsabilidades — a melhor...

Fábrica Afonso XIII

Esta importante fábrica de moajens, pertencente ao sr. João Augusto da Silva Martins, de Abrantes, acaba de fêzer analisar os seus produtos pelo sr. Charles Lepierre, illustre professor da Escola Industrial Brotero.

A analize fêz-se em oito amostras tiradas ao acaso perante testemunhas nos estabelecimentos dos srs. Antonio Jacó Junior, David de Souza Gonçalves e Manuel Simões Azeoz, concluindo o sr. Lepierre no final do seu relatório: «As precedentes análizes demonstrão que todas estas farinhas são puras, entrando apenas na sua constituição o grão de trigo, sem mistura alguma ao mesmo tempo que revelão um excellent processo de fabrico.»

Não podia ser mais lizonjeiro o resultado da analize que vem firmada com um nome cujo saber e probidade científica estão á muito reconhecidos.

O sr. João Augusto da Silva Martins tem já montados todos os aparelhos que lhe permitirão pôr á venda no proximo mês de abril, farinhas de milho, empregando no seu fabrico o cuidado posto na preparação das farinhas de trigo tão vantajozamente conhecidas pela analize do sr. Charles Lepierre.

Congrêso Agrícola

Do sr. Presidente da Comissão organizadôra do congrêso agrícola, a que nos referimos no penultimo numero, e que terá lugar em Coimbra, no mês de julho proximo, recebemos o programa e o regulamento.

Como num dos passados numeros transcrevemos o programa, resta-nos publicar para esclarecimento dos leitores o

REGULAMENTO

Art. 1.º — O Conselho Distrital de Agricultura realizará no mês de julho do corrente año uma exposição agrícola, composta de alfaias, productos agrícolas, instalações especiais e gados.

Art. 2.º — A exposição deverá ter lugar na Escola Nacional de Agricultura no dia 9 de julho.

Art. 3.º — Os expositôres deverão remetter á comissão organizadôra e até ao dia 1 de julho, dois avizos conforme os modelos A e B, a fim de se saber com anticipação qual o espaço precizo para a instalação da alfaias e productos agrícolas e alojamento e acomodação dos gados.

Art. 4.º — A alfaias e productos agrícolas deverão dar entrada no recinto da exposição, dois dias antes da inauguração do mesmo certamen; e os gados, vinte e quatro ôras.

§ unico. — Os expositôres das proximidades de Coimbra poderão apresentar os seus gados no proprio dia da inauguração até ás 6 ôras da manhã.

Art. 5.º — As alfaias, productos agrícolas e gados deverão ser acompanhados de duas guias segundo os modelos C. e D.

Art. 6.º — As despēzas com o transporte, instalação e acomodação da alfaias e productos agrícolas; e transporte, alojamento e alimentação dos gados, serão feitas pelo Conselho Distrital de Agricultura.

§ unico. — Se os expositôres dezerem fazer instalações á sua custa, deverão declaral-o com antecendencia de trinta dias, a fim de se lhes rezervar o espaço necessario.

Art. 7.º — A alfaias, productos agrícolas e gados expostos não poderão ser retirados do recinto antes de encerrada a exposição, salvo cazo de força maior devidamente comprovado.

Art. 8.º — A duração da exposição

será de três dias para os gados; e a das alfaias e productos agrícolas poderá prolongar-se até ao dia 15 de agosto.

Art. 9.º — As instalações agrícolas especiais a que se referem as classes do 4.º grupo da secção agrícola do programa, serão representadas na exposição por meio de fotografias, podendo ser vizitadas pelo respêtivo júri se assim o entender necessario para formular o seu juizo.

Art. 10.º — A alfaias a que se refere o programa em todas as classes do 1.º e 2.º grupo da secção agrícola, poderá ser exhibida em tamanho natural ou em pequenos modelos feitos segundo escalas conhecidas.

Art. 11.º — A distribuição das instalações no recinto da exposição e bem assim a acomodação de material, productos e gados expostos, é da exclusiva competencia da comissão organizadôra.

Art. 12.º — Condições de admissão dos productos agrícolas: cada expositor não poderá apresentar mais de duas garrafas de vinho e uma de azeite.

Art. 13.º — Condições de admissão dos gados são as seguintes:

1.º Os cavalos, êguas, pôldros e pôldras pôtem ser exhibidos em lotes de quatro a seis cabeças ou izoladamente;

2.º Os bois, vacas e crias pôdem ser expostos izoladamente, em lotes de quatro cabeças ou em sinjeis da mesma raça;

3.º O gado ovino e caprino será exposto em lotes nunca inferiores a quatro, nem superiores a dôze cabeças;

4.º As pôrcas de criação e os cevadós poderão ser expostos individualmente ou em lotes nunca superiores a quatro cabeças.

Art. 14.º — As classes do 1.º e 2.º grupo da secção agrícola dividir-se-ão em duas partes, cada uma das quais terá uma apreciação especial; uma constituída pela alfaias apresentada pelos lavradores do distrito, e outra pela alfaias exposta pelos fabricantes do mesmo distrito.

§ unico. — Serão admitidos tambem como expositores hors concours os fabricantes de fóra do distrito.

Art. 15.º — Os estabelecimentos e corporações officiaes são declarados fóra do concurso para a adjudicação de prémios.

Art. 16.º — Serão concedidos diplomas de honra e medalhas de ouro e prata em ambas as secções, e prémios pecuniarios na secção dos gados.

Art. 17.º — Para a apreciação e classificação das alfaias, productos agrícolas e animais expostos averá dois júris que serão oportunamente nomeados.

NOTA. — A comissão organizadôra presta todos os esclarecimentos que lhe sêrão pedidos e que devem ser dirigidos com o enderço:

Comissão Organizadôra da Exposição Agrícola.
Govêrno Civil, Coimbra.

El-rei D. Miguel

A livraria editora Guimarães & C.ª de Lisboa acaba de lançar no mercado um romance histórico de Faustino da Fonseca, com o titulo acima, que sem duvida se destina a um succésso.

O El-rei D. Miguel é um livro para liberaes e miguelistas. Aquêles porque encontrarão nas suas paginas uma lição, um incitamento a amarem a liberdade e o progrêso que tanto sangue custou aos seus antepassados, e aos partidarios de D. Miguel porque terão reunidos numa obra interessantissima, todos os documentos da existencia do seu principe, todos os seus retratos, os dos seus antepassados e dos seus descendentes, de companheiros de luta, das mulheres que amou, todas as vistas dos palacios portuguezes em que rezidiu.

O El-rei D. Miguel é o assunto de maior sensação da história portugueza, o mais comovente, o mais arrebatador, aquêl que cauza mais funda impressão porque o leitor tem sempre a certeza de que não é illudido por nenhum imaginoso artificio.

O El-rei D. Miguel será a reconstituição de um extraordinario periodo cuja história, tem sido sempre adulterada, incompreendida e falsificada e constituirá, na lição da verdade, um alto assunto de civismo em que as nações aprenderão como se afirmão direitos e se conquistão liberdades.

A publicação do El-rei D. Miguel é feita aos fasciculos semanais de 16 paginas, em bôlo formatado, por 40 reis e tomos de 80 paginas, muito illustradas, por 200 reis.

Em Coimbra anda um propagandista da caza editora, que recolhe assinaturas, para êste romance, bem como para o Tratado completo de Cozinha e de copa que a mesma caza está publicando nas mesmas condições do D. Miguel, e que é sem duvida, o melhor tratado no jénero.

Previsão do tempo

Previsões de Escolastico para a segunda quinzena de março

De 19 a 21 — Chuva na Catalunha, Aragão, Navarra, Andalusia e Extremadura: depois em Gibraltar, Bilbao e Galiza, avendo o rejimen sul e reflexão borrascoza no Mediterraneo.

De 22 a 24 — Rejimen dezencontrado do norte e noroeste, duro, seco e frio, nevando nas Castelas, Aragão, Navarra, Soria, Asturias, Teruel, Avila e nas grandes cordilheiras. Frio geral.

De 25 a 28 — Céu nublado na Andalusia, Levante e Aragão. Frio e depois tempo primaveril, seguido de chuvas em varias rejioēs. Vento do léste e suêste em Murcia e temporal nas costas.

De 29 a 31 — Ventos ásperos no nordeste e noroeste. Nevoeiros na Galiza e vale do Ebro. Frio ao norte e nevadas na rejião central e temporal em todos os litorais.

LITTERATURA E ARTE

ENTRE OS OPRIMIDOS

A LUÍS BRAGA

Sinto me só na vida, abandonado
De tudo que é prazer ou alegria,
E, se en outr'óra das tristēzas ria,
Agora é para mim tudo mudado.

Sonhei o Amor: e nunca realizado
Veiu o meu sonho procurar-me um dia.
A vida para mim era vazia
Como um enorme e frio descampado.

Busquei de amigos o ampáro forte
Da mais pura amizade, e a minha sorte
Fêz-me encontrar só a afeição mentida.

E ao povo umilde, á miseravel jente,
Eu dou agora o coração ardente,
Que para mim me não serviu na vida.

Coimbra,

18 de março de 1904.

Campos Lima

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor - Moura Marques

Associação Conimbricense para o Sexo Feminino Olimpio Nicolau Rui Fernandes

1.º Aviso

Por ordem da ex.ª sr.ª Presidente, são avizadas as socias desta associação, de que no dia 27 do corrente, pelas 10 horas da manhã, a de reunir a assembleia geral na sede do Monte-Pio Conimbricense Martins de Carvalho, sito no Pateo da Inquirição.

Ordem do dia:

Aprezentação do relatório e contas da gerência de 1903 e respetivo parecer do Conselho Fiscal, e resolver sobre a colocação de capitães.

Coimbra, 21 de março de 1904.

A 1.ª Secretaria,

Ermeinda Travassos Arrobas.

CONTOS DAS CREANÇAS

Maria Pinto Figueirinhas
Preço 300 réis - Livraria Editora de José Figueirinhas Junior - Rua das Oliveiras - Porto.

ACABA DE PUBLICAR SE

MULHERES ONESTAS

POR

Alfredo Galis

XI da Tuberculose Social

Um volume 500 réis

Estão já publicados:

- I - Os Chibos, 1 volume 500 réis;
- II - Os Predestinados, 1 volume 500 réis;
- III - Mulheres perdidas, 1 volume 500 réis;
- IV - Decadentes, 1 volume 500 réis;
- V - Malucos, 1 volume 500 réis;
- VI - Os Políticos, 1 volume 500 réis;
- VII - Sáficas, 1 volume 500 réis;
- VIII - A Taberna, 1 volume 500 réis;
- IX - Casa de óspedes, 1 volume 500 réis;
- X - A Sacristia, 1 volume 500 réis.

Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor - 158, Rua da Prata, 160 - Lisboa.

Executa prontamente qualquer encomenda que venha acompanhada da importancia.

(18) Folhetim da "RESISTENCIA,"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

VI

A entrevista

— Que sitio encantador! exclamou o conde ao ver o vasto horizonte que se desenrolava a sua vista; que felicidade seria passar a vida longe do mundo e sem barulho, aos pés duma linda castela. O! Como este Ombert é feliz...

— É! É muito feliz! replicou ironicamente Savy, e daqui a pouco não á de aver ninguém no reino que não tenha inveja dele!...

Apenas tinham dado uns cem passos encontrárao frei Luce. O monje parou, levantou um pouco o chapéu e disse:

— Senhores, aconselho-lhes que não sigão por esse atalho; porque é muito perigoso e vai só até ao muro dos jardins do senhor de la Roche-Corbon: a porta está fechada e não creio que a dona venha abri-la; porque o marido está para a caça, e ela passeia sózinha no terraço da borda d'agua; por isso tomem pelo caminho de cima, se quizerem passear socegados; porque talvez possam ser avistados pelas sentinelas.

Savy, disse Adhemar, a Universidade quer-nos como ao diabo, e se pudesse avia de acoitar-nos; mas, se quizermos arruiná-la, não temos mais do

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO PROVIZÓRIO

Carreiras entre o Largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partida dos carros do largo das Ameias

Números dos comboios e destino	Horas da partida
8 (correio) para Lisboa	12, 11 ^m n.
15 " " " " " "	3, 3 m.
17 " " " " " "	5, 46 "
18 " " " " " "	8, 8 "
19 " " " " " "	2, 26 t.
22 " " " " " "	3, 36 "
3 " " " " " "	5, 37 "
Rapido " " " " " "	6, 16 "
4 " " " " " "	6, 48 "
54 Rapido " " " " " "	8, 43 n.

Carreiras entre o Largo de D. Carlos e a Rua do Infante D. Augusto

Partida do Largo de D. Carlos

8, 9, 10 e 11 horas da manhã
2,30 - 3,30 - 4,30 - 5,30 da tarde.

Partida da Rua do Infante D. Augusto

8,30 - 9,30 - 10,30 - 11,30 - manhã
3 - 4 - 5 - 6 horas da tarde.

Tabela de preços

Largo das Ameias ou Casa do Sal a Rua do Infante D. Augusto - 50 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro a Rua do Infante D. Augusto - 40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal ou Rua do Infante D. Augusto ao Mercado - 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luis - 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Mercado - 20 réis.

Estação B dos Caminhos de Ferro ao Largo das Ameias ou Mercado - 50 réis.

Estação B dos caminhos de ferro a rua Infante D. Augusto - 80 réis.

Estação B dos caminhos de ferro a Casa do Sal - 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços anuais de 1200 réis; e 900 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carrros.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 RÉIS

Pedidos a livraria editora de José Figueirinhas Junior - Rua das Oliveiras 75 - Porto.

que dar-lhe para reitor a este diabo velho; avia de servir-nos bem... Meu reverendo, as suas palavras não caem nos ouvidos dum surdo, e ei-de falar de D. Luce ao duque de Orleans.

— A! Meu caro senhor, disse frei Luce, deitando um olhar cheio de finura ao conde, o mosteiro e os interesses da santa reliião dão-me bastante que fazer, e o vosso serviço não tem outra coisa de mais empenho do que tratar da sua salvação.

Então o frade, depois de ter, com um ultimo golpe de vista, mostrado os jardins de Roche Corbon ao conde Adhemar, acrescentou:

— Venho de dar uma lição á cas telá; tem feito muitos progressos e lê, quasi só, pela sua biblia; é uma boa cristã, se só tivéssemos almas que se parecessem com a dela, o digno abade não seria obrigado a lançar os raios da igreja; esta boa senhora teme o inferno mais que tudo, e é obediente á vós da reliião.

— E' então o sr. o director espirital dela? replicou Savy.

— Não, meu digno senhor, mas tem confiança em mim, e eu representei-lhe á pouco, por ordem de S. Reverencia os graves inconvenientes da excomunhão do marido; porque, se nós o retirarmos da comunhão dos fiéis, será considerado como morto pelos verdadeiros fiéis, e ella deverá separar-se dele para salvar a sua alma. Aconselhei-lhe que fizesse com que o senhor de la Roche-Corbon fosse docil ás disciplinas da nossa santa madre igreja.

— Está bem, frei Luce; á de ser recompensado dos seus trabalhos.

Então o frade, cumprimentando os

ANUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADES

CONCELHOS DE SOURE E MONTemor-o-VELHO

Francisco Gonçalves de Lemos e António Couceira Martins, venderão, se o preço lhes convier, em praça particular que se realizará na casa do Paço em Formozelha, no dia 4 de abril, ás onze horas da manhã, os prédios abaixo descritos:

Uma propriedade que mede cerca de 34 jeiras de terra lavradia, situada no Campo, freguezia de Santo Varão denominada Insua das Vergueiras; confronta do norte com a vala d'Ourique e Insua de Jacintho Godinho, poente com o mesmo, sul e nascente com estradas.

Uma propriedade situada no lugar de Santo Varão que se compõe de lugar d'azeite, pateo, currais e quatro moradas de cazas; confronta pelo norte e nascente com ruas publicas, sul com José Pereira Placido de Santo Varão, e poente com José Pereira Sinde do mesmo lugar.

Uma morada de cazas e pateo no lugar de Santo Varão, sitio do curral do concelho; confronta pelo norte com rua publica e António dos Reis de Santo Varão, poente com José Pereira Sinde, nascente com o prédio antecedente.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio do Carregal, medindo 30 aguilhadas de terra; confronta do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra, poente com Firmino do Casal Cimeiro, sul com a vala e norte com erdeiros de João Maria de Santiago.

Uma propriedade no Campo de Ourique (Formozelha) sitio das milharicas que mede 7 aguilhadas, confrontam pelo poente com o dr. Roxanes de Coimbra, norte com José Joaquim Pereira, de Santo Varão, sul com estrada, nascente com os erdeiros de António Roza Rovisco d'Andrade, de Montemor-o-Velho.

Quatro aguilhadas de terra de se meadura no Campo d'Ourique, sitio das Milharicas, confrontam do poente com erdeiros de José Pimentel Rolim, norte com estrada da Mondeguinha e sul com José Joaquim Pereira, de Santo Varão.

Dois aguilhadas de terra no mesmo sitio e campo que partem do norte com José Joaquim Pereira, nascente com o prédio antecedente e sul com a estrada do porto de cães.

Quatro aguilhadas de terra no Campo d'Ourique sitio das Alpenduradas; partem do nascente com o dr. José Galvão de Montemor-o-Velho, poente com erdeiros de Frutuozo José da

Silva e norte com erdeiros de José Lourenço da Costa.

Um olival no monte de Santo Varão, sitio do Pancete; parte do norte com erdeiros de José Lourenço da Costa, sul com o Vale do erdeiro, nascente com estrada e poente com erdeiros de Joaquim da Silva, de Pereira.

Seis aguilhadas de terra, no sitio das Escoladas, paul de Formozelha, que partem do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra, poente com estrada publica, sul com erdeiros de José Lourenço da Costa, norte com erdeiros do dr. Manique, de Coimbra.

Uma caza no lugar de Santo Varão, rua do Curral, parte do norte com Manuel Jorge Martinho, sul com José Vasco Girão, poente com rua, e nascente com Alexandre José de Figueiredo.

Uma caza no mesmo lugar e rua da Igreja que parte do norte com a mesma rua, sul e poente com Benjamim da Silva Matôzo e nascente com Fernando Pinheiro.

Francisco Gonçalves de Lemos, venderá nas mesmas condições os prédios seguintes:

Uma propriedade na Quinta da Cova, que parte do poente com António Tavares, do Casal Cimeiro; do nascente com erdeiros de D. Luiz de Lencastre; e sul com a vala do meio. Mede 34 aguilhadas.

Uma propriedade na Quinta do Paul que mede quinze aguilhadas, parte do norte com José Ribeiro da Silva, de Santo Varão; do sul com dr. Roxanes, de Coimbra; poente com D. Maria Eduarda de Seabra Barjona de Freitas; nascente com estrada publica.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio das Camaras, medindo 20 aguilhadas; parte do nascente com a vala morta; do poente com erdeiros de José Lourenço da Costa; sul com erdeiros de João Lopes de Souza, de Coimbra.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio da Legua Pinto, que mede 13 aguilhadas, parte do nascente com José Pinto de Formozelha; poente com o dr. Lebre; sul com vala morta; norte com erdeiros de José Lourenço da Costa.

Uma propriedade que mede seis aguilhadas no sitio das Alpenduradas; partem do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra; poente com José Joaquim Pereira de Santo Varão; sul com Manuel Gonçalves Azevedo, da Figueira da Foz; norte com José Joaquim Pereira, de Santo Varão.

Cinco aguilhadas no Campo de Ourique sitio do Rego; partem do norte com rio Mondego, sul com Francisco de Souza Nazaré; nascente com António Rodrigues Pinto; e poente com erdeiros de J. A. Cura da quinta do Piquete.

Três aguilhadas no sitio dos Lou

que tinha feito nela uma viva impressão.

No primeiro tempo do seu casamento com Ombert, tinha ido a Tours ver ás festas, que a cidade tinha dado ao duque de Orleans por occasião da sua passagem. Foi no meio destas festas que lhe appareceu o desconhecido com o nome de Adhemar; então Catarina, apesar de preza ainda ao barão, sentiu o movimento indefinível, que atúa talvez tanto sobre os sentidos como sobre a alma, e que não é ainda senão o presentimento do amor; ás primeiras palavras do conde Catarina pôs-se a córar; e, quando Adhemar lhe pegou na mão, retirou-a precipitadamente com medo de se traír.

O conde foi como que protegido por uma fada; porque, durante três dias que durarão ás festas e mesmo depois da partida do duque de Orleans, achou meio de chegar junto de Catarina, e a eloquencia da sua voz, o encanto dos seus modos acabarão por alcançá-lhe o coração desta bella castela.

Avia apenas quinze dias que, voltando da expedição de Guenne e passando por Tours, se introduzira por algumas horas no castelo, debaixo da armadura dum ómém d'armas, e cada vez que se mostrava a Catarina, fazia-o um brilho, com uma graça, com uma majestade mesmo que tornávão a pobre castela mil vezes mais triste depois da sua partida.

No momento, em que Adhemar saltava o muro do jardim, Catarina caminhava na direcção do muro oposto; ao ruido, que fêz o conde caindo levemente no parque, voltou-se e deu um grito; aquêle grito abafado pelo medo, per-

reiro, monte de Formozelha; partem do norte com estrada; sul com o dr. Lebre; poente com Joaquim Monteiro Gandara, de Formozelha; nascente com D. Bebiana Manique, de Coimbra.

Uma morada de cazas em Formozelha, situada na rua Nova; confronta do norte com António Joaquim Pescante; sul com Luis Pinto da Graça; nascente com o Paço; e poente com a dita rua.

O dominio diréto de um prazo que paga o fóro anual de seiscentos réis (600) imposto em uma caza na rua Nova de Formozelha: parte do sul com erdeiros de Manuel Silvestre; norte com Ana das Neves; nascente com o Paço; poente com a rua publica. E' enfeitada Fortunata Brarda.

O dominio diréto de um prazo que paga o fóro anual de 120 réis, imposto em uma caza em Formozelha, sita na rua Nova; confronta do sul com Maria Ramalhe; norte com Antonio Milheiro; nascente com o Paço; e poente com rua. E' enfeitada Ana Carlos.

Uma terra com 5 aguilhadas no sitio da Torna Cimeira do Paul; parte do sul com a viuva de Bento Anjo do Casal Cimeiro; do norte com erdeiros de Frutuozo José da Silva, de Coimbra; do nascente e poente com estrada.

LIQUIDAÇÃO DE PENHORES

em LEILÃO

A principiar em 14 de março de 1904 todos os dias até completar liquidação desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde, rua do Visconde da Luz, 60 far-se-á leilão de todos os penhores que passem três mezes de juros em atraso.

Consta de fazendas brancas e de cor, cazimiras, chales, roupas de cor feitas, lençóis, cobertas de cama, cobertores de damasco, Christos de marfim e outras Imajens, armas de fogo, oculos, binóculos, biciclêta, maquina de costura, relójos de mesa, do bolso em prata e ouro, aneis, broches, correntes, cordões e muitos mais objetos d'ouro e prata.

A caza penhorista de Alipio Augusto dos Santos previne os srs. mutuarios para até esse dia resgatarem seus penhores ou pagarem os juros vencidos.

Continua-se a emprestar sobre ouro, prata, joias, papéis de credito e tudo o mais de facil liquidação.

Grade de Vinhatico

Vende-se uma com 5^m de comprimento e o,80 de altura.

Para esclarecimentos Pharmacia Assis - Praça do Comércio.

Queijos da Serra d'Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

Mercearia LUZITANA

deu-se da folhagem das tilias, e Catarina estupefacta, quasi a desmaiar, apoiou a sua linda cabeça a uma arvore; o vento levantou todos os aneis do seu cabelo; o conde estava junto dela, e os seus olhos, sempre voltados para o lado oposto, recusávão-se a ver o objeto dum amor que ella creprobava e si mesmo como um crime.

O conde, vendo-se desprezado, beijou respeitadamente o vestido de Catarina, e algumas lagrimas borbulhárão-lhe dos olhos.

— Quem suspira ao pé de mim? disse Catarina quasi louca.

— Sou eu que choro Catarina, disse o conde, sou eu o mais desgraçado dos omens, já não posso viver senão nos logares em que estás; é me necessário respirar o ar que tu resprias, e tu és a minha vida.

Catarina fêz um movimento como que a voltar a cabeça, mas deixou-a ainda voltada para o lado oposto.

— Pelo menos, olha para mim, é tudo o que peço; deixa-me ver esse rosto adorêdo, cuja gracioza recordação cujas ordens expressas me fizeram arrancar ao furôr dos soldados velhos, crianças e mulhéres.

— E' então verdade, disse Catarina sem voltar a cabeça, que em atençã a mim e em meu nome se perdoára aos vencidos! O' ceu! exclamou, olhando enfim para o conde, estou só e escuto o... a... a... terei força de lhe fugir...

Deu alguns passos, mas o conde disse-lhe:

— Para, Catarina, ou então, se fugires, eide seguir-te para toda a parte!...

(Continua.)



VINHOS DE PASTO

GENUINOS
BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

COIMBRA

Instalação provisória: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (1 de março de 1904)

Marcas	Garrafa de 6 litros		Garrafa de 12	
	1	6	1	12
Tinto GRANADA...	600	130	720	90
• CORAL...	650	140	780	95
Branco AMBAR...	700	—	100	1000
• TOPAZIO...	—	—	120	1000

Distribuição gratuita aos domicílios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas roldas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.

Para uso externo: — Em diferentes especies de dermatoses.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis
Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges 4

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes á venda na

Mercearia LUZITANA

(Deposito unico em Coimbra)

Prezisa-se uma professora para educar uma menina que ensine portuguez, francês, musica, piano e bordados.

E' para uma vila a duas horas de Coimbra. Para tratar em Coimbra, com João Borges, rua da Calçada, n.º 29 e em Lisboa na rua Augusta, n.º 75, 1.º.

CAVALOS MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestígios as esquinças, sobre-canas, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraquês de pernas, etc., deve ser preferido á untura forte, na pneumonia e todas as doenças que exijam uma vezicação prompta e segura. Frasco 900 réis. A' venda nas principaes terras. Depósitos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintans, rua da Prata, 194. Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto — Moura, Largo de S. Domingos, 99: Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Mont-Agraco.

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *sorrês*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primeira fantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castelos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Florinas*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars e com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

CASA MEMORIA

DE Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99—Rua Visconde da Luz—103

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura—*Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as póde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos. Preços modicos.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

GARANTIA

Companhia de seguros de fogo com sede no Porto

Fundada em 1853

Capital 1.000.000.000

Esta companhia, das mais antigas e poderozas de Portugal, toma seguros sobre prédios, mobílias e estabelecimentos de qualquer natureza.

Representantes: Gaito & Canas

Mercearia Luzitana — Coimbra

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é unida revendedora em Coimbra, a Mercearia Luzitana.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1899, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

ACETYLENE

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco. — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creanças, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvás, etc.

Pede-se ao publico a finésa de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Papelaria BORGES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta casa:

Fornecimento para escritório, escolas e degenho;

Recente fornecimento de todos os essenciais para floristas;

Aparêlhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais: fotografias em coleções e álbuns, bilhetes postais e carteiros com vistas de Coimbra; centenares de variedades de vistas, edificios fantazias em figuras — bellas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos Gáveau de Paris: como unico ajente, aqui, vende toma encomendas nas melhores condições que o comprador póde encontrar; tem por afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3.500 cada cento em cartão virilha.

Deposito dos Tabacos sem Nicotina fornecido com o desconto do deposito jeral em Lisboa.

Companhia de Seguros Reformadora

A unica que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas

Correspondentes: Gaito & Canas

COIMBRA

RESISTENCIA,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano..... 2700
Semestre..... 1350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Ano..... 2400
Semestre..... 1200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, ano..... 3000 réis
Ilhas adjacentes..... 3000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha, Réclames, 60

Anuncia-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

12 - RUA DA MOEDA - 14

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração - RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

N.º 888

COIMBRA - Quinta-feira, 24 de Março de 1904

10.º ANO

CONTRA AS PROPOSTAS DE FAZENDA

Vai alastrando o protesto contra as medidas de fazenda, que se vai acentuando de manifestação de desagrado não já de uma parcialidade política, mas de toda a nação que pela voz de todas as classes se levanta contra os esbanjamentos seguidos e se recusa a continuar na vida de sacrifício, vexada por impostos sempre novos.

O alarve levantado pelo partido republicano achou eco em todas as classes, foi adotado por toda a nação. Só os partidos monárquicos têm um movimento falso, uma atitude incerta, uns porque se julgam próximos a serem chamados ao poder, e não de governar, como até agora, porque só governando assim se poderão sustentar; outros porque têm ser tomados como republicanos e inutilizar assim os esforços feitos para escalar o poder.

E' também para notar que a imprensa monárquica pela sua atitude ostil para com o partido republicano, está mostrando o medo de que o progresso das ideias republicanas, alastrando pelo país que se mostra tão disposto a recebê-las, acabe de vés com a exploração do povo de que têm vivido rotativistas e extra-rotativistas.

Os comícios improvisão-se por todo o país. Ainda á pouco se fêz o comício brilhante de Aveiro e já se anuncia outro em Braga, outro em Vizeu, outro em Coimbra.

O comércio de Coimbra rezolveu realizar no domingo 27 o comício contra as propostas de fazenda, que por motivos de força maior tinha sido adiado.

Numa reunião de comerciantes, que teve ontem lugar deliberou-se convidar o sr. conselheiro Bernardino Machado, dr. Antonio de Padua, deputado Oliveira Matos e dr. Enriques de Silva para se inscreverem como oradores do comício.

Os srs. dr. Afonso Costa, José Ferreira Gonçalves, do Porto, e o sr. Luis Philippe da Mata, de Lisboa, foram oje também convidados por officio para o mesmo fim.

Pela parte do comércio de Coimbra falará o sr. Francisco Villaça da Fonseca.

E' como se vê, um comício sem caráter de classe, nem espirito de partidario.

De todas as terras do reino vêm novas de protestos, de comícios.

A attitude da classe comercial, nomeando em todo o país comissões de resistencia e caminhando num movimento unido e igual está, dando provas de grande solidariedade, e grande patriotismo.

Só pela solidariedade de todas as classes se poderá vencer, porque a força de corrupção é enorme e vem de longa data. E não falta quem, no interesse do governo, per-

tenda pela calúnia e pela intriga semear a discórdia e a lúta, creando uma conflagração de interesses que tudo inutilizaria.

O movimento de resistencia pelo protesto têm porém um limite e é necessário ir pensando na marcha a seguir depois.

Os governos monárquicos já citão-se de poder-se sustentar no poder contra a opinião pública, dizem poder arrostar de frente com o protesto.

Donde lhe vêm a força?

Do povo? Não que em jornais, protestos e comícios se têm assinando os sucessivos desvarios e progressivos esbanjamentos. Não á jornal monárquico que não tenha dito ter culpas nos desvarios passados, e como garantia do futuro dão apenas palavras de arrependimento que o seu passado não autoriza a tomar a sério.

A força não lhe vêm por isso da imprensa monárquica, que, nesta ora angustiada de crise da pátria, continúa na exhibição trajicamente ridícula dos antigos processos, na exploração do povo com os expedientes gastos e sabidos.

E' vêr a attitude d'essa imprensa, no aniversário natalicio do principa real.

Querendo lizonjeiar o poder cubrião-no de ridiculo.

Uma das folhas monárquicas, mais autorizadas pelo seu proceder nas occasões criticas para a monarquia, falando do principe e de ninguém lhe conhecer as ideias futuras da administração chamava-lhe esfinje, e atribuia o seu silencio á astucia diplomatica.

Outro lizonjeando El-Rei e a sua força educativa comparava-o a D. Maria e chamava-lhe a boa mãe

Em nenhum d'esses jornais se lia uma palavra só chamando a atenção do jóven principe para a crise da pátria, em nenhum se lhe falava nos interesses sagrados do povo que um dia por ventura teria de dirigir.

Erão tudo palavras de baixa adulação, era o babar viscoso do beija-mão dos cortejos senis, era o rastejar de espinha dos podengos de corte.

Todos esquecerão os interesses da pátria para, no encalço dos abildozos, se dizerem felizes por aver alegria num lar, que celebrava uma festa de familia, para todos afirmarem e garantirem o apoio ás instituições, logo que se lhes conserve o salario.

Parecia a linguagem dos atulicos do seculo XVIII, não o falar grave e enternecido de quem vê suspensa a desgraça sobre as pessoas que ama.

Sem cor, sem vida, sem crença, sem vigor, a linguagem da imprensa monárquica mostrou naquele dia qual será a sua linguagem d'amanhã.

E' prudente não a reeditar em arrependimentos de quem com tanta facilidade muda de opinião e de linguagem.

O caminho é só um: atacar de frente partidos e clientelas monárquicas, destruir iluzões de vida nova em ómens condenados pelo seu passado.

Para salvar o país só á uma solução - a mudança de instituições.

Do mal causado pela monarquia só nos poderá livrar a REPUBLICA.

EM AVEIRO

O Sindicato Agrícola do Distrito de Aveiro dirijiu á Real Associação Central de Agricultura Portuguesa o officio seguinte:

Il.º e Ex.º Sr. - Acúzo recebida a circular de v. ex.ª de 1.º do corrente, assim como a representação que a Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, dirijiu ao parlamento contra as propostas de fazenda, algumas das quais, apesar dos protestos lavrados em nome da agricultura do comércio e da industria, já fórao sancionadas com a votação da câmara dos deputados. O Sindicato Agrícola do Distrito d'Aveiro tem sempre acompanhado essa Real Associação nas representações a bem dos interesses da agricultura e não regateia agora a sua adção ao justo apelo que v. ex.ª pretende de novo fazer chegar aos conselhos da Corôa, mas entende que é tempo perdido reclamar do governo providencias salutaras em proveito da agricultura nacional, depois de se saber que o governo nenhum uzo fêz da autorização que pediu para rezolver as questões relativas a cereais, azeites e vinhos. Este Sindicato entende que a classe agricola nada conseguirá dos governos enquanto não levar ao parlamento deputados seus, com mandato imperativo para tratarem as questões de interesse agricola, desprezidos de compromissos partidarios e empenhados apenas em chamar a atenção do governo e do país para a rezolução dos assuntos que mais se relacionão com o desenvolvimento da industria agricola. Se a união fãz a força não-se os agricultores, não para ajudarem a politica de emprego, que oje é a norma que orienta e consolida o partido que governa e o que aspira a governar, mas a politica agricola que se imponha aos governantes com uma força viva do país, a unica que não tem representação no parlamento, e a unica que devia ali apparecer de cabeça levantada a falar com toda a independencia a bem dos seus interesses.

Deus guarde a v. ex.ª etc...

Esta representação está eivada do mesmo erro de orientação, que aqui já acenuamos em diversas representações de classe.

O mal não vem da falta de representação no parlamento; o mal está no parlamento e nas instituições, o mal está em que sindicatos, associações, e emprêzas industriais tem pedido sempre como um favor a satisfação das necessidades mais urjentes e tem sempre posto de parte a politica, quando se trata dos seus interesses, adulando publicamente as instituições que fazem a ruina do p. is.

Sindicatos, associações e emprêzas industriais devem fazer sempre politica defendendo os seus interesses, promovendo a sua prosperidade e contribuindo assim para o progresso e riqueza da nação; mas devem-no fazer, sem falsas lizonjas, respeitando os interesses alheios e tendo sempre em mira o bem publico.

Ora isso só se pode fazer mudando de instituições.

Não fórao os parlamentos que des-

moralizão os governos; fórao os governos que transformão os parlamentares, representantes da vontade nacional em simples titeres, obedecendo aos seus caprichos, sem respeito pela opinião publica, sem amor pelo interesse dos povos que representão.

Tudo passou a obedecer passivamente ao governo sempre atento e em extaze, como um sacerdote oriental diante do idolo grotesco de Budha.

Não será a vontade dos agricultores que á-de rezolver a questão, se não se atender ao que mandão os interesses jerais do país.

A boa vontade duma classe á-de gastar-se de encontro ás ordens do poder central; os interesses dos agricultores nunca serão ouvidos, se no poder não ouver quem véle pelos interesses jerais da nação.

O caminho é só um; reformar as instituições.

Imaginar que, num país viciado por um trabalho lento e eficaz de corrupção, se poderá acabar com os desperdícios escondidos da administração publica, imaginar que pela força de opinião os que levão vida farta, abandonarão rapidamente os seus processos de exploração publica, é seguir caminho errado e tentar emprêza inutil.

A não ser que as classes com representação no parlamento, queirão advogar os seus interesses, explorando o voto para tornar facil a vida de esbanjamento da fazenda publica.

Vêr na representação parlamentar apenas a ocasião de forçar os governos a atender aos interesses duma classe, têm sido sempre o erro dos nossos parlamentos.

E' necessário ir mais longe; atender aos interesses jerais do país.

Imaginar que o bem jeral do país viria, se cada classe tratasse dos seus interesses, e que pelo interesse de cada um se chegaria ao interesse comum é dum raciocinio pueril. Nem todas as classes têm representação no parlamento, os grandes industriais, os grandes capitalistas inutilizarão sempre os esforços dos mais pequenos, e vender-se-ão com a mira no interesse próprio, logo que aja no poder quem possa comprar.

A corrupção do parlamento português vêm exactamente de ter avido sempre quem saiba advogar muito bem os seus interesses.

E á mais duma emprêza industrial ou comercial que têm contribuido para a corrupção dos governantes, comprando os dirêta ou indiretamente, para advogar os interesses da sua classe.

A maior parte dos nossos ómens publicos de maior importancia estão ligados a altas emprêzas, e nem por isso a prosperidade d'elas é maior, apesar do alto valimento dos seus patrões. Acima de tudo estão as instituições. Acima de tudo estão os interesses do país.

Não é do favorecimento dos interesses particulares que á-de prover a riqueza e a prosperidade publica.

E' do conhecimento dos interesses jerais do país, e da sua satisfação que á-de vir gradualmente o bem jeral da nação a prosperidade do comércio e da industria.

Emquanto ouver quem possa vender o favor, á-de avêr sempre quem o compre com prejuizo dos outros.

E' da lúta dos interesses, da exploração do favor publico que tem provindo a ruina economica do país.

Em todo o momento da nossa historia politica, sem excluzão do momento actual, a arteifice monárquica, na exploração de todos os segredos da intriga facilitada pela sua longa vida de exploração, têm sabido colocar em opposição os interesses das classes, que se inutilizão a combater-se, deixando o governo como simples espectador, á espera do final para regatear com o vencedor o preço do silencio.

E' no interesse jeral que devem

agora pensar as classes, é no interesse jeral que cada um mesmo deve pensar; porque está em perigo a vida e a ãnra da nação.

UMA REPRESENTAÇÃO MODELO

A representação dos manipuladores e vendedores de carvão, que a Vanguarda merecidamente qualifica de representação modelo, termina com os dados estatísticos e concluzões seguintes:

A cauza a que atribuimos as nossas desgraças - entre todas as históricas e tradicionais - só pode ser uma, segundo o nosso entendimento, e é a substanciada nos argumentos constantes do seguinte artigo de deza-gravo:

Artigo 14.º As despêzas orçadas para 1903-4 são as seguintes, aproximadamente:

Encargos jerais	10:500 contos
Serviços próprios dos ministérios	24:000 »
Ditos da divida pública	22:500 »
Extraordinários	2:500 »
Somma	59:500 »

Seja tomada a verba de 24:000 contos como aquélla d'onde saem os vencimentos, ordenados, salarios, etc., de todos os servidores do Estado, emquanto todas as outras verbas compreendem a mesma espécie, tal qual a da Junta do Credito Publico e agencias financeiras, etc. Seja a média anual dos vencimentos de todos os servidores do Estado, incluidos os inativos, de 256:000, á razão de 700 réis diarios. Feita a divizão por esta taxa, o quociente determina a existencia de 94:000 individuos, ou 20:900 familias, que são sustentados pelo Estado á custa dos impostos.

Sejão reduzidos d'estas quantidades o numero real, efetivo, de 18:000 praças dos exercitos de terra e mar, e as verbas dos seus pretos, á razão de 300 réis diarios, ou 109:500 anuais somando 1:970 contos.

Resulta: 76:000 funcionarios de todas as classes e categorias, cujos vencimentos, ordenados, salarios, etc., somão 22:030 contos.

Ora, nenhum Estado europeu, em relação a cada um dos seus 5 milhões de habitantes, pôde ter igual numero de servidores. Se assim fosse, e eles pagassem os mesmos vencimentos de Portugal:

A Espanha, com 16 milhões de habitantes, teria 245:000 funcionarios e gastaria com eles 62:720 contos; a Italia, com 30 milhões de habitantes, teria 450:000 funcionarios, e gastaria com eles 116:736 contos; a França, com 36 milhões de habitantes, teria 547:000 funcionarios, e gastaria com eles 140:020 contos; a Gran-Bretanha, com 38 milhões de habitantes, teria 577:000 funcionarios, e gastaria com eles 147:310 contos.

Mas, isto é impossivel; porque tais somas, acrescidas das enormes despêzas das respectivas civilizações e consequentes melhoramentos publicos de toda a ordem, assumirão proporções espantozas, correspondentes a impostos fabolozos.

E todavia, os vencimentos dos funcionarios de cada uma das nações supracitadas são superiores aos dos funcionarios portugueses:

Os de Espanha, na razão de 25 % a mais, sendo a taxa média de 320:000 réis; os de Italia, na razão de 50 % a mais, sendo a taxa média de 385:000 réis; os de França, na razão de 75 % a mais, sendo a taxa média de 448:000 réis; os da Gran Bretanha, na razão de 150 % a mais, sendo a taxa média de 640:000 réis.

Logo, racional e lojicamente, o nu-

mero de funcionarios d'esses Estados está na razão inversa dos seus ordenados.

Ora, na razão inversa e em proporção com os numeros portuguezes, os supracitados Estados estão nas seguintes situações burocráticas:

A Espanha terá 95:000 funcionarios, a 320:000 réis, e dispenderá com elles 30:400 contos; a Italia terá 114:000, a 385:000 réis, e dispenderá com elles 43:800 contos; a Franca terá 133:000, a 448:000, e dispenderá 59:604 contos.

N'estas proporções, Portugal terá a dispendir e a ter:

Com relação a Espanha: 30:000 funcionarios a 320:000 réis, 9:600 contos; com relação a Italia: 19:000 funcionarios a 385:000, 7:315 contos; com relação a Franca: 18:000 funcionarios a 448:000, 8:064 contos; e excluída a Gran-Bretanha por motivos óbvios.

E a média dos três países, preferível, seria a da Italia, em razão da sua situação economico-financeira entre a Espanha e a Franca.

E n'este caso o numero de funcionarios portuguezes seria a quarta parte, com 50 % a mais dos ordenados, e com os preços de todos os meios de subsistencia reduzidos nas proporções das reduções dos impostos. Os serviços publicos terião de ser necessariamente simplificados, mas em todo o caso o trabalho seria maior.

E' portanto ao exejrçado é inaudito numero de funcionarios do Estado, na maioria pobrissimos, e vivendo atribuladamente, que attribuímos as nossas misérias publicas, consubstanciadas nas taxas extorsivas dos impostos e produzindo o seu constante agravamento. E foi e é para obviar á sua sustentação que os governos de á 50 anos até hoje tem absorvido e concentrado em seus poderes todas as funções publicas de carácter administrativo, deturpando todas as instituições tradicionais e novas, creando multissimos serviços e ramificando-os por especies minimas.

Pelos motivos aqui resumidamente expostos rogamos o vosso patriotismo, para que:

- 1.º Interponhais o vosso voto á aprovação das propostas do governo;
- 2.º Oponhais a vossa negativa á continuação dos processos dissipadores do dinheiro dos impostos;
- 3.º Promovais a simplificação dos serviços publicos com o fim de obstar ás accumulações dos funcionarios do Estado, no seu numero e nos seus vencimentos multiplos;
- 4.º Susciteis a decretação de quadros de funcionarios do Estado com visto de redução do seu numero actual — pela acção do tempo — em proporção com a população do pais elevando-lhes os vencimentos em proporção da sua redução numerica; e, simultaneamente reduzindo tambem os impostos em proporção da economia burocratica.

Sómente assim entendemos, que poderião ter fim as nossas misérias publicas, e serem asseguradas a independência e as prosperidades do pais.

Pela comissão de protesto contra as medidas de fazenda do Porto têm sido espalhados por todo o pais impressos com os seguintes dizeres:

Protesto Nacional

Dirigido á Camara dos Dignos Pares do Reino contra as propostas de fazenda

Os abaixo assinados, cidadãos portuguezes, commerciantes, proprietarios, agricultores e operarios do concelho de..., vêm por este meio afirmar o seu protesto solene, contra os desperdícios na Administração Publica, e consequentemente contra as propostas de fazenda, apresentadas ao parlamento, as quais representam um pezado e incomportavel sacrificio imposto ao pais, com o fim unico de se continuar na mesma vida de dissipações e esbanjamentos que de á muito vem caracterizando as normas administrativas de todos os governos.

Em Coimbra, onde se achão nos estabelecimentos mais concorridos, estas folhas têm sido cobertas de assinaturas, indicando juntamente com os nomes as profissões dos subscriptores.

Dr. Bernardino Machado

Em Bernardino Machado a singular harmonia do pensamento e da acção bastaria a realizar as suas extranhas facultades aféctivas e morais.

Por isso o poder volitivo não tem nêlo as manifestações violentas que no nosso pais dão a reputação de homem enérgico.

E' sabido que a energia, como entre nós costuma ser considerada, corresponde sempre a uma implacável tirania velando a impotencia intelectual e moral de quem a assume, impedindo no mais pequeno circulo onde esses omens atuem, uma livre disciplina, sem a qual não á verdadeira liberdade.

Em Bernardino Machado a vontade é uma rezultante tão precisa e necessaria dos seus atos cerebrais e aféctivos que o seu pensamento ou sentimento logo tende a radicar-se em acção.

Isto lhe dá o cunho mais autentico da mais profunda sinceridade.

Esse homem procurou sempre eféctuar o que afirmou.

Por isso quantas obras enfim realizadas o pais lhe deve! E quantas mais bem mais a sua jenerosa alma viu morrer na indiferença de muitos e na ostilidade dalguns que representam a apatia de quasi todos.

Quantas lutas perdidas, quantos cuidados vão, quantas esperanças, quantas ancias e quanto trabalho disperso neste dezértico de almas!

Mas a sua nervóza atividade não a vence nunca o dezanimo; uma vitória não é nunca ocasião de descanço, como uma derrota sofrida não é nunca motivo para que a descrença o perturbe.

Este homem caracteriza-se pela superior sinergia que torna tão profundamente harmonica a sua obra e pela alta e profunda bondade que torna tão serena e lojica á sua vida, porque esta é tão inexcedível que parece dominar aquella e avultar sobre ella.

E no entanto Bernardino Machado é como professor um dos maiores exemplos que no nosso pais demonstram quanto vale a liberdade do ensino, que ninguém como elle pratica, como orador não á em Portugal quem tão lojicamente construa um discurso, e á alguns d'elles que em toda a parte serião modelares, tanto mais que o seu poder literario é notavel pela energia e pela precisão expressiva, forte e aliciente. Como politico...

Mas não... A sua história politica anda ligada intimamente á sua vida de educador.

Com effeito a sua influencia na vida social através das organizações partidárias foi na monarchia, como o está sendo na républica, um aspéto da sua influencia educativa jeral.

Bernardino Machado é, onde quer que esteja, um singular poder moderador, não um poder moderador inerte onde tudo vem quebrar-se na paralia da indecisão e da indiferença, — mas um poder moderador activo, continuamente exercendo a sua função vitalizante, acordando energias, disciplinando vontades, agregando esforços, protegendo, fraternizando e amando, ouvindo todas as vózes, escutando todos os gritos, procurando lançar em toda a parte a sua vida, como se não fosse licito conserva-la, quando uma outra vida póde salvar-se para o Bem e uma alma redimir-se para a Verdade.

A! a sua obra de politico, pela sua extranha sinceridade, encerra á história d'uma corajosa abnegação que no pais não sei mais onde possa encontrar-se, onde mais possa repetir-se.

A sua obra de politico e a sua obra de educador confundem-se, constituem uma unidade; — em vão se procurou separa-las.

Porque? Porque elle não vai de partido para partido, empira e mecanicamente; elle não se alista em nenhum como um condottieri que vai procurar fortuna e para quem um golpe de corajem é um jogo de interesse mesquinho; não; são as suas ideias que o conduzem.

E que marcha glorióza tem sido a sua vida!

Porque é que Bernardino Machado, á pouco, já antes socialista, se alistou no partido republicano?

E' porque elle chegou a tal ponto, que julgou a monarchia incapaz da obra de educação em Portugal, que é a primeira e grande revolução a fazer.

E assim elle entrou na républica, como em toda a parte; pela porta mais ampla da liberdade; a da instrução e do civismo; a do amor dos fracos e dos

umildes; e da plene Verdade que conduz á absoluta Justiça.

Eu não pretendo agora analizar o que tal ato valerá na vida social portugueza, o que eu pretendo assinalar é que só a mais profunda sinceridade e a mais profunda convicção o levarão a elle.

E no entanto Bernardino Machado, meus amigos, exerceu, exerce e exercerá o poder monarchico.

Esta incoerência é flagrante e inelutavel, e espero o aja de ser por largos annos...

Ele exerce entre a sua familia o mais amplo poder monarchico, como o mais amantissimo dos poderes, — o patriarcal.

A! que essa familia á de ser sempre um extranho e valorózo protesto contra as suas crenças e afirmações republicanas... onde quer que possa existir um tal senhor e tais vassallos.

Lopes d'Oliveira.

Congresso Médico

Trabalha-se activamente na organização da exposição que á de abrir-se por ocasião do congresso, e que será como um complemento, a exemplificação pratica das ideias advogadas ou discutidas no congresso.

Estão-se reunindo materi-is sobre os sanatorios portuguezes, abrangingo não só a descrição e fotografia deste estabelecimento, como a exposição dos logares pitorescos, das belezas naturais que assinalam as diversas regiões em que estão situados.

A comissão organizadora procura, tanto quanto possível, fazer a história d'esses estabelecimentos apresentando em fotografias successivas, as primeiras abitações construidas e a sua marcha progressiva até ao estado actual.

O programa das festas que está definitivamente delineado nas suas linhas jerais, começa a apresentar-se, pelas adezões recebidas e pela boa vontade de todos os cooperadores, como de exito seguro e brilhante.

As salas do Instituto fóra postas já ao dispor da comissão para se podêrem ir instalando os objectos a expôr.

A exposição que começará no atrio do Instituto decorado com massios de arbusto e flores continuará pela escadaria, abrangingo os corredores e as diversas salas, entre as quais será principalmente decorada a grande sala das festas.

O museu de antiguidades do Instituto estará aberto durante os dias da exposição, o que mais agradável deve tornar á impressão do conjunto.

O sr. bispo conde, a quem a comissão organizadora dos festejos aos congressistas se dirijiu pedindo-lhe para conservar aberto o tezouro da Sé, sem duvida uma das mais interessantes colleções d'arte relijioza do pais, e que onraria até a iniciativa dum prelado estrangeiro, disse á comissão que não só mandaria abrir o museu, mas que elle mesmo os receberia até, acompanhando os congressistas não só na sua ida ao tezouro como na sua visita á Sé Velha.

CAMINHO DE FERRO DE ARGANIL

Vão principiar, ou antes recomencar os trabalhos desta linha férrea, sendo as obras dirigidas por o sr. João António Maximo, que tem estudos ángios sobre a linha, e valiózos planos e trabalhos que lhe fóra comprados pela companhia construtora.

O sr. João António Maximo que, com a interrupção dos trabalhos, ficara adido ao ministério das obras publicas e com residencia na Figueira da Fós, virá ao dia 4 do proximo mês de abril para organizar os estudos e determinar os trabalhos de construção que devem começar em principios de maio.

Está quasi completa a demolição da capella da Senhora do Carmo na rua Martins de Carvalho.

Com quanto não fósse obra de grande vulto, e tivesse sido, como é tradição, delineada pelo mesmo frei Coito que perpetrôu o detestavel guarda-vento da porta principal do convento de Santa Crús, é pena que algum devoto se não lembrasse de a reedificar em outro lugar por ser um exemplar de uma construção coimbrã no século XVIII.

Em todo o caso, para matar saudades, lá fica o guarda-vento que é da mesma pena e mesma arte...

Jozé Pinheiro de Melo

O nosso estimádo coléga *Vanguarda*, publicando o retrato de Jozé Pinheiro de Melo, acompanhando-o das palavras que a seguir, transcrevemos com prazer:

E' prezidente da *Associação dos Lojistas de Lisboa* e foi o principal organizador do movimento comercial contra as propostas de fazenda. Por isso bem merece as omenagens de todos os que têm a peito resgatar o pais da abjeção a que o arrastarão os seus nefastos dirijentes.

Pinheiro de Melo deve tudo o que é a si mesmo, á sua iniciativa intelijente, ao seu esforço eróico, á sua vontade indomavel e á sua onrãdes inconcussa. Filho de pais umildes, elevou-se pelos proprios merecimentos e por um trabalho insano, constante, ininterrupto. E' esse o seu brazão e dêle se ufana, como quem tem a consciencia de aver cumprido relijiosamente a sua missão social.

A's qualidades de trabalhador benemérito, junta, porém, Pinheiro de Melo as mais preclaras virtudes civicas. O cidadão, o valorozo portuguez, sempre pronto a defender as liberdades publicas ameaçadas e a pátria oprimida, completa o exemplarissimo chefe de familia. E' sem contestação, uma das mais simpáticas figuras do nosso pais. Corajoso aberto ao bem, alma aberta a todas as aspirações jenerozas, Pinheiro de Melo tem sido, e será sempre um cooperador decidido, sincero e desinteressado de todas as campanhas que tenham por objectivo a defesa do direito, da liberdade e da justiça. Sob este ponto de vista, os serviços prestados á cauza popular são dos mais a sinalados e meritorios. A democracia sabe que tem nêlo um esforçado combatente e que pode contar abertamente com o seu concurso valiozissimo.

A atividade de Pinheiro de Melo não conhece limites e desdobra-se pelos mais complexos ramos sociais. Chega a ser prodijiozo o que fás e como ainda lhe sobeja o tempo para consagrar algumas horas por dia aos seus adoraveis netinhos. Administrador zelozo da sua casa comercial; na sua cruzada a favor do Bem, elle é diretor do Gremio Popular, que tão altos serviços tem prestado á instrução do nosso pais, do Azilo de S. João, uma casa de beneficencia modelo e socio de todas as agremiações portuguezas que primam pelos seus intuitos patrioticos e umanitarios. E' um organizador par excellencia, moderado mas seguro nos seus processos, meto-dico e apreciando os factos politicos e sociais pelos seus rezultados praticos. A classe comercial ama-o, e com razão, porque muito lhe deve. Se vingar o alvitro do nosso amigo Eduardo Nunes da Mota de promover a sua candidatura á deputado por Lisboa, a *Vanguarda* onrar-se á de poder cooperar para que a capital tenha em cortes um representante digno das suas tradições e do bom nome portuguez.

Jinázio-Club

Reunirão ontem os atradores civis, socios do Jinázio de Coimbra, para tratar da organização da 4.ª filial.

Rezolvêrão mandar convite a todos os atradores civis, quer sejião ou não socios do Jinázio para se reunirem amanhã á fim de deliberar se a 4.ª filial deve ficar como secção especial do Jinázio ou não.

Ensino

Este noíso coléga, que com tanto interesse e saber zelá o interesse da instrução e os do majisterio tão deza-tendido e abandonado no nosso pais, acaba de publicar um numero dedicado ao sr. conselheiro Bernardino Machado, donde destacamos o artigo de Lopes de Oliveira que acompanha na primeira pagina o retrato do illustre professor.

Redijido com elevação, sentimos não ter espaço para reproduzir todos os artigos que a redação dedicou ao nosso amigo e correligionario, nêste primorozo numero.

Fá-lo émos porém como o permitirem as circunstancias.

No proximo numero reproduziremos o artigo de Tomás da Fonseca, orijinal como tudo o que sai da pena despreocupada e simples do moço poeta, cheio de particularidades de vida intima, toda de abnegação, do sr. dr. Bernardino Machado, artigo sentido, de uma emoção communicativa.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO PROVIZÓRIO DESDE 24 ATE 31 DE MARÇO DE 1904

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas	
Do largo das Ameias	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9 30	10
10 30	11
11 30	12
12 30 tarde	1 tarde
1 30	2
2 30	3
3 30	4
4 30	5
5 30	6
6 30	7
7 30	8 noite
8 30 noite	9
9 30	10

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas	
Do largo das Ameias	Da estação B
6 ^h 10 ^m manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos combolos.
8 10	
2 30 tarde	
3 36	
4 35	
5 37	
6 25	
6 49	
8 10 noite	
12 15	
3 10 madrug.	

Todo o serviço que fór feito alem do indicado neste orario é considerado extraordinario.

Tabela de preços

Largo das Ameias ou Caza do Sal á Rua do Infante D. Augusto — 50 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazómetro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis.

Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazómetro ao Largo de D. Luis — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazómetro ao Mercado — 20 réis.

Estação B dos caminhos de ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.

Estação B dos caminhos de ferro á rua Infante D. Augusto — 80 réis.

Estação B dos caminhos de ferro á Caza do Sal — 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 1200 réis; e 900 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

Côres dos farois

Verde, indica a Alta.
Vermelha, estação B.
Branca, Caza do Sal.
Amarelo escuro, reservado.

Museu de antiguidades

Vão muito adiantadas as obras para alargamento deste museu, devendo talvez na proxima semana abrir-se a porta de comunicação para as novas dependencias.

Tem para isso de ser apáoado e removido o altar renascença (incompleto) que veio de Lorbão, onde andava aos bocados por diversos logares.

Deu já entrada no museu o azulejo da capella do Carmo da rua Martins de Carvalho, que pela tradição é attribuido ao oleiro coimbrão Briozo, de quem o museu possui uma colleção tão interessante de obras.

O azulejo é azul sobre fundo branco. A comparação com o que já tinha depositado no museu o sr. dr. Teixeira de Carvalho, que é exemplar mais luxuozo, com a policromia caracteristica de Briozo e datado, autoriza a tradição,

E' mais um bello e raro exemplar de antiga oaria conimbricense.

Na collocção que se anda formando de objectos relativos ás lutas liberaes depositou o sr. dr. Teixeira de Carvalho:

— Um alfinete de peito com uma pequena miniatura representando o busto de D. Pedro IV vestido de jeneralissimo, descoberto, dando a direita a D. Maria II, de azul e branco e cordão real na cabeça.

— Uma medalha de prata, cravejada de minas novas, com o retrato de D. Miguel, de manto, a cabeça descoberta destacando sobre uma cortina vermelha, tendo ao lonje, perto do ombro direito, sobre uma almofada a corôa real, que mais parece uma borla de doutor em medicina.

— Uma medalha, de vidro em ambas as faces para deixar ver a decoraçào que é a mesma dambos os lados e representa um troféo de bandeiras tendo ao centro as armas reaes portuguezas; em baixo e do lado esquerdo, um môcho simbolo do saber, ao meio uma agulha desprendendo o vòo; em cima uma corôa verde cercando a letra — AUDEO — á volta partindo de corôa a legenda — PRO REGE PRO PATRIA PRO FIDE.

Os srs. Antonio Duarte Craveiro Junior e Narcizo de Melb comprãao a acreditada serrallaria do sr. Jozé Miguel Cabral, que tão brilhantemente se apresentou na exposiçào distrital de Coimbra em 1884.

Os atuais proprietarios, novos e trabalhadores, conhecem bem a profissào, em que se distinguem, e são pela sua onradés e carater merecedores da estima pública, de que tãem gozado sempre, e que é a garantia do futuro e prosperidade da nova empreeza industrial.

COMUNICADO

O ex.º sr. Elias Gordilho e a sua afronta

A leitura dos Artigos do Ex.º Sr. Elias Gordilho, inseridos nas colunas do Ensino n.ºs 103 e 104 sob a epigrafe O Ateneu Commercial de Coimbra e a minha afronta, vierão trazer-me uma rezoluçào que avia posto de parte, pois que muito antecipadamente era de meu conhecimento a maneira com aquêl cavalheiro apregoava a sua entrada por jeito ou força nas salas do Ateneu nos dias em que a Direcção promovêse as suas festas.

Ocultamente dirijia insultos pessoais e tentava amesquinhar alguns dos directores; e esta circumstancia seria bastando por baixo das suas compridas pestanas lhe illuminava as faces pallidas.

— A! Catarina, diz-me que me não odeias, diz-me, e môrro contente! Anda! Nunca serás tão ternamente amada, e te para vir a publico mostrar a ipocrizia do Sr. Gordilho. Sua Ex.ª tinha empenho, muito empenho! em assistir

(19) Folhetim da "REZISTENCIA"

H. DE BALZAC

O EXCOMUNGADO

VI A entrevista

— Barbaro! disse ella, a dôr á-de matar-me! perturbaste a minha vida, sou desgraçada e desgraçada por tua cauza! deixa, deixa a minha mão, os teus beijos são crimes!...

— Catarina, disse o Conde, como podes tu ser desgraçada? Não és bella e pura como os anjos? E's rainha neste mundo, e tudo o que tu quizeres fazer será bem feito. Envergonhado seja quem te ofuzar! Não és tu o bem absoluto, a absoluta virtude, a onra absoluta? Ficarás tu menos bõa, menos tocante, menos pura por amar um ser que te adora, e a relijião ordena-te pagar o bem com o mal?

— Sim! A minha relijião, a fé jurada, tudo me ordena que odeie o que quer afastar-me para lonje do caminho da salvaçào.

— E tu podes fazê-lo? disse o Conde pegando no braço de Catarina, a quem olhou com olhos cheios de amor,

aos bailles do Ateneu, mas como os borroes feitos lá dentro por capricho de cada um lho não permitião, quis incluir-se no convite que avia sido feito a um respeitavel cavalheiro para assim passar: mas teve o pouco senso de antecipar a festa proclamando aos setes ventos, que iria ao baile e que a sua entrada produziria a sensaçào duma bofetada em cheio na pessoa do presidente em especial.

Claro está que a Direcção estando de sobreavizo dispôs-se a fazer saber ao Sr. Elias que não seria admitido por aquêl forma. Foi uma decerção orrivel para quem tanto deejava assistir aos bailados não se importando que a Associação estivesse ou não legalmente constituída, que os seus directores fossem menos corréto e deejados para com Sua Ex.ª, que as autoridades viessem num dado momento e levassem tudo prezo, enfim tudo era posto de parte, porque a mira era outra...

Convencido de que não podia entrar no Ateneu lembrou-se o Sr. Elias de solicitar dos mui dignos Redatores do Ensino um cartão para com êle se apresentar aos pedantes e senhores de falsa cazaca e conseguir assim o que tanto ambicionava. A Direcção da referida colctividade naturalmente não enviou o seu convite ao Ensino por não ser costume convidar para as suas festas todos os jornais, e não para ofendêr a imprensa da localidade que mereceu sempre o respeito da classe? Porque não foi mais franco no seu pedido á Redacção do Ensino? Devia ter dito á pessoa que lhe forneceu o cartão, que não tinha convite pessoal para as festas do Ateneu e a intensão que o levára a solicitar o bilhete de identidade; por que estou intimamente convicto que lho recusarião não querendo que por intermedio do seu jornal alguém fosse indviduamente e por capricho tãlo querer forçar com a sua autoridade as portas duma associaçào.

Suponho que ninguem razoavel lho teria facultado a não ser por engano ou por falta de esclarecimentos leais, como aconteceu.

E' preciso frizar bem, que o Ateneu representando os exerceiros de Coimbra, deve finezas e consideraçõe especiais á imprensa conimbricense e não cometeria o erro de a desconsiderar na mais pequena coiza. O que aconteceu com o Sr. Gordilho é de côr bem diversa aquêl que êle lhe dá.

Vem êste cavalheiro para as colunas dum jornal chamar incivis, malcreados e senhores de falsa cazaca aos directores do Ateneu simplesmente por não o deixarem ir ao baile. E' muito cruel!

O que eu suponho é que um Senhor que frequentou coléjios escolas superiores e tem pretensões a Doutor não tenha apreendido coizas tão simples!! Ora calê-se lá V. Ex.ª Rev.ª não venha sem que nem para quê chamar aos outros o que com mais razão lhe podem chamar a si: e com referencia á falsa cazaca a sua é de pessimo pano e sem fôrro.

O alvo foi êste: ir ao Ateneu ainda que a caza lhe caísse em cima e isto só pelo prazer de lá ir!!!

Não foi possivel o seu dezejo, e então

Catarina calou-se, baixou os olhos, e dir-se-ia que um sôgo sombrio, saindo te atreves a dizer que me não odeias!...

— Já t'ò não disse, deixando-me ficar ao pé de ti? Deixa-me.

— Acaba! deixa-te depois de te têr ouvido.

— Se t'ò não disse, não te deixei já vêr que te amo... e que morro por te amar! Mas quero morrer innocente. Perdão! Perdão para mim, peço-t'ò!... Foje, afasta-te e posso morrer ainda pura de todo o crime.

Tendo dito estas palavras, Catarina exclamou derramando lagrimas em abundancia:

— Não te lizonjeia o saber que, lonje de ti, no silencio e na dôr, se á-de fanar lentamente uma pobre planta, que serás amado, contra a minha vontade, e que êste amor me á de levar ao tumulo! Lonje de ti uma mulher nova, desconhecida e talvez esquecida fará de ti seu deus e o objecto constante de todos os seus pensamentos.

— Amas-me, exclamou o Conde, ó! Catarina, amas-me!...

E Adhemar, abandonando a mão de Catarina, encostou-se á arvore no mesmo logar em que Catarina se apoiava momentos antes.

inflamou-se-lhe o espirito, in enjou-se lhe o jénio (porque Sua Ex.ª em m u jénio) e disse o que qualquer não diria a um arceiro; por fim terminou por chamar a atençào da autoridade. Meu carissimo senhor: o mui digno e respeitavel chefe do distrito, os representantes da lei, á muito que sabem que o Ateneu é uma Associação modesta, que vive da dedicaçào dos seus socios e trata o melhor possivel dos interesses que lhe estão confiados; não tem nem fás politica, e daí a rezac porque sacudirião com bico da bota o seu apêlo por o julgarem uma vingança mesquinha e réles impôsta pelo capricho da sua raiva.

Satisfeito com o ter esclarecido alguns pontos d'êsta questào nada mais direi para evitar massadas proibidas.

Um socio da velha guarda.

JOZE' SAMPAIO (B uno)

O ENCOBERTO

1 volume, 700 réis

LIVRARIA MOREIRA — EDITORA 20, Praça dos Restauradores PORTO

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 500 réis

Editor — Moura Marques

TEIXEIRA DE PASCOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 RÉIS

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O produto d'êste livro revertêrã a favor duma Assistencia de creanças doentes que se vae fundar em Amaranthe.

ACABA DE PUBLICAR SE

MULHERES ONESTAS

POR

Alfredo Galis

XI da Tuberculose Social

Um volume 500 réis

Estão já publicados:

- I—Os Chibos, 1 volume 500 réis; II—Os Predestinados, 1 volume 500 réis; III—Mulheres perdidas, 1 volume 500 réis; IV—Decadentes; 1 volume 500 réis; V—Malucos, 1 volume 500 réis; VI—Os Politicos, 1 volume 500 réis; VII—Saficas, 1 volume 500 réis; VIII—A Taberna, 1 volume 500 réis; IX—Caza de óspedes, 1 volume 500 réis; X—A Sacrisia, 1 volume 500 réis.

Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor—158, Rua da Prata, 160 —Lisboa.

Executa prontamente qualquer encomenda que venha acompanhada da importancia.

CONTOS DAS CREANÇAS

POR

Maria Pinto Figueirinhas

Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

ANUNCIOS

Grade de Vinhatico

Vende-se uma com 5º de comprimento e 0,80 de altura. Para esclarecimentos Pharmacia Assis — Praça do Comércio.

Queijos da Serra d'Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

VENDA DE PROPRIEDADES

NOS

CONCELHOS DE SOURE E MONTÉMOR-O-VELHO

Francisco Gonçalves de Lemos e António Couceiro Martins, venderão, se o preço lhes convier, em praça particular que se realizará na caza do Paço em Formozelha, no dia 4 de abril, ás onze óras da manhã, os prédios abaixo descritos:

Uma propriedade que mede cêrca de 34 jeiras de terra lavradia, situada no Campo, freguezia de Santo Varão, denominada Insua das Vergueiras; confronta do norte com a vala d'Ourique e Insua de Jacintho Godinho, poente com o mesmo, sul e nascente com estradas.

Uma propriedade situada no logar de Santo Varão que se compõe de lagar d'azeite, pateo, currais e quatro moradas de cazas; confronta pelo norte e nascente com ruas publicas, sul com Jozé Pereira Placido de Santo Varão, e poente com Jozé Pereira Sinde do mesmo logar.

Uma morada de cazas e pateo no logar de Santo Varão, sitio do curral do concelho; confronta pelo norte com rua publica e António dos Reis de Santo Varão, poente com Jozé Pereira Sinde, nascente com o prédio antecedente.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio do Carregal, medindo 30 aguilhadas de terra; confronta do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra, poente com Firmino do Casal Cimeiro, sul com a vala e norte com erdeiros de João Maria de Santiago.

Uma propriedade no Campo de Ourique (Formozelha) sitio das milharias que mede 7 aguilhadas, confrontam pelo poente com o dr. Roxanes de Coimbra, norte com Jozé Joaquim Pereira, de Santo Varão, sul com estrada, nascente com os erdeiros de António Roza Rovisco d'Andrade, de Montemor-o-Velho.

Quatro aguilhadas de terra de se meadura no Campo d'Ourique, sitio das Milharias, confrontam do poente com erdeiros de Jozé Pimentel Rolim, norte com estrada da Mondeguinha e sul com Jozé Joaquim Pereira, de Santo Varão.

Duas aguilhadas de terra no mesmo sitio e campo que partem do norte com Jozé Joaquim Pereira, nascente com o prédio antecedente e sul com a estrada do porto de cães.

Quatro aguilhadas de terra no Campo d'Ourique sitio das Alpenduradas; partem do nascente com o dr. Jozé Gálvão de Montemor o-Velho, poente com erdeiros de Frutuozo Jozé da Silva e norte com erdeiros de Jozé Lourenço da Costa.

Um olival no monte de Santo Varão, sitio do Pancete; parte do norte com erdeiros de Jozé Lourenço da Costa, sul com o Vale do erdeiro, nascente com estrada e poente com erdeiros de Joaquim da Silva, de Pereira.

Seis aguilhadas de terra, no sitio das Escolidas, paul de Formozelha, que partem do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra, poente com estrada publica, sul com erdeiros de Jozé Lourenço da Costa, norte com erdeiros do dr. Manique, de Coimbra.

Uma caza no logar de Santo Varão, rua do Curral, parte do norte com Manuel Jorje Martinho, sul com Jozé Vasco Girão, poente com rua, e nascente com Alexandre Jozé de Figueiredo.

Uma caza no mesmo logar e rua da Igreja que parte do norte com a mesma rua, sul e poente com Benjamim da Silva Matôzo e nascente com Fernando Pinheiro.

Francisco Gonçalves de Lemos, venderá nas mesmas condiçõe os prédios seguintes:

Uma propriedade na Quinta da Cova, que parte do poente com António Tavares, do Casal Cimeiro; do nascente com erdeiros de D. Luiz de Lencastre; e sul com a vala do meio. Mede 34 aguilhadas.

Uma propriedade na Quinta do Paul que mede quinze aguilhadas, parte do norte com Jozé Ribeiro da Silva, de Santo Varão; do sul com dr. Roxanes, de Coimbra; poente com D. Maria Eduarda de Seabra Barjona de Freitas; nascente com estrada publica.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio das Camaras, medindo 20 aguilhadas; parte do nascente com a vala morta; do poente com erdeiros

de Jozé Lourenço da Costa; sul com erdeiros de João Lopes de Souza, de Coimbra.

Uma propriedade no paul de Formozelha, sitio da Legua Pinto, que mede 13 aguilhadas, parte do nascente com Jozé Pinto de Formozelha; poente com o dr. Lebre; sul com vala morta; norte com erdeiros de Jozé Lourenço da Costa.

Uma propriedade que mede seis aguilhadas no sitio das Alpenduradas; partem do nascente com António Rodrigues Pinto, de Coimbra; poente com Jozé Joaquim Pereira de Santo Varão; sul com Manuel Gonçalves Azevedo, da Figueira da Foz; norte com Jozé Joaquim Pereira, de Santo Varão.

Cinco aguilhadas no Campo de Ourique sitio do Rego; partem do norte com rio Mondego, sul com Francisco de Souza Nazaré; nascente com António Rodrigues Pinto; e poente com erdeiros de J. A. Cura da quinta do Piquete.

Três aguilhadas no sitio dos Loureiros, monte de Formozelha; partem do norte com estrada; sul com o dr. Lebre; poente com Joaquim Monteiro Gandara, de Formozelha; nascente com D. Bebiana Manique, de Coimbra.

Uma morada de cazas em Formozelha, situada na rua Nova; confronta do norte com António Joaquim Pescante; sul com Luis Pinto da Graça; nascente com o Paço; e poente com a dita rua.

O dominio dirêto de um prazo que paga o fôrro annual de seiscentos réis (600) imposto em uma caza na rua Nova de Formozelha: parte do sul com erdeiros de Manuel Silvestre; norte com Ana das Neves; nascente com o Paço; poente com a rua publica. E' enfiteuta Fortunata Brarda.

O dominio dirêto de um prazo que paga o fôrro annual de 120 réis; imposto em uma caza em Formozelha, sita na rua Nova; confronta do sul com Maria Ramalhete; norte com Antonio Milheiro; nascente com o Paço; e poente com rua. E' enfiteuta Ana Carlos.

Uma terra com 5 aguilhadas no sitio da Torna Cimeira do Paul; parte do sul com a viuva de Bento Anjo do Casal Cimeiro; do norte com erdeiros de Frutuozo Jozé da Silva, de Coimbra; do nascente e poente com estrada

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras. Confeçõe para ómens e crianças, pelos ultimos figurinos. Vestes para ecclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

AMENDOAS

O maior e mais completo sortido de amendoas encontra-se na Casa Innocencia, de que é proprietario Manuel Antonio da Costa — rua Ferreira Borjes, 91 a 97, Coimbra.

Das 42 qualidades diferentes, que fabrica—cuos preços variam de 340 a 750 réis cada kilo, fazem-se sortidos de 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª qualidades que se vendem respetivamente a 600, 500, 440, 400 e 360 réis.

A tambem confeitos a 300 réis, rebuçados a 400 e 360 réis, marmelada e outros doces de fruta: cristalizados, secos e de calda, ditos de ovos, pasteis etc. etc.

Aos Srs. Revendedores, fazem-se grandes descontos que chegará até dez por cento conforme a quantidade e modo de pagamento.

A quem a requisitar, manda-se tabela de preços de todas as qualidades e cobdiçõe de venda.

Nesta caza tambem se encontram verdadeiras especialidades em todos os jêneros de mercearias: assucar, chá, café, vinhos finos etc. etc.

CAIXEIRO

Precisa-se de um caixeiro com boa pratica de mercearia, bom comportamento e boas referencias.

Dá-se-lhe bom ordenado, merecendo-o.

Nesta redacção se diz.

(Continua.)

PROGREDI
ET
PRODESSE



VINHOS DE PASTO

GENUINOS
BRANCOS E TINTOS
Para consumo e exportação

COIMBRA

Vendas por junto e a miúdo

Instalação provisória: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (1 de março de 1904)

Marcas	Garrafa de 6 litros	Garrafa de litro		Garrafa bordaleza	
		1	6	1	12
Tinto GRANADA...	600	130	720	90	930
» CORAL...	650	140	780	95	1000
Branco AMBAR...	700	—	—	100	1050
» TOPAZIO...	—	—	—	120	1300

Nos preços indicados não vaie incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em laque, e nas rolhas das garrafas e garrafões vaie o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicílios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua do CONTREXVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicacs, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis
Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

2, RUA FERREIRA BORGES 6

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes á venda na

Merccaria LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Preciza se uma professora para educar uma menina que ensine portuguez, francês, musica, piano e bordados.

E' para uma vila a duas oras de Coimbra. Para tratar em Coimbra, com João Borges, rua da Calçada, n.º 29 e em Lisboa na rua Augusta, n.º 75, 1.º.

CAVALOS

MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LINIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestígios as esquinencias, sobre-canãs, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraquês de pernas, etc., deve ser preferido á untura forte, na pneumonia e todas as doencas que exijam uma vezicacão prompta e segura. Frasco 900 réis. A' venda nas principaes terras. Depósitos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintans, rua da Prata, 194. Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto — Moura, Largo de S. Domingos, 99: Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Monte-Agraço.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados góstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas *Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyrras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoãs e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chãs verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Courega de Lisboa, 32.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Phonographos Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

CASA MEMORIA

DE Santos Beirão & Henriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — *Memoria*. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memoria* com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francêses que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A' sempre quantidades de Pianos para alugar.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Balrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, ex-empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doencas de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

GARANTIA

Companhia de seguros de fogo com sede no Porto

Fundada em 1853

Capital 1.000.000.000

Esta companhia, das mais antigas e poderozas de Portugal, toma seguros sobre prédios, mobilias e estabelecimentos de qualquer natureza.

Representantes: Gaito & Canas

Merccaria Luzitana — Coimbra

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é unica revendedora em Coimbra, a Merccaria Luzitana.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminês, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

♦ ♦ ♦ ACYTIENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francês, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 10.000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por ora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e criança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Papelaria BORGES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta caza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os essenciais para floristas;

Apparelhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria.

Edições de Lembranças locais: fotografias em collecções e albums, bilhetes postais e carteiros com vistas de Coimbra; centensrés de variedades de vistas, edificios fantazias em figuras — belézas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Pianos *Gaveau de Paris*: como unico agente, aqui, vende toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem o afinador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coisa: quem precizar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3.500 cada cento em cartão virgita.

Deposito dos Tabacos sem Nicotina fornece com o desconto do deposito jeral em Lisboa.

Companhia de Seguros Reformadora

A unica que em Portugal efetua seguros postacs, para todas as cabeças de distritos e de comarcas

Correspondentes: Gaito & Canas

COIMBRA

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano 23700
Semestre 13350
Trimestre 6800

Sem estampilha:

Ano 23400
Semestre 13200
Trimestre 6600

Brazil e Africa, ano 30600 réis
Ilhas adjacentes, 30000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 889

COIMBRA — Domingo, 27 de Março de 1904

10.º ANO

Contra as propostas de fazenda

Os abaixo assinados convidão o povo de Coimbra a assistir ao comício de protesto contra as propostas de fazenda, promovido pela classe comercial, e que áde realizar-se amanhã, domingo, 27 do corrente, pelas 2 óras da tarde, no Teatro Principe-Real.

Cumpra a todos os cidadãos concorrer a esta manifestação pública de protesto, dando assim força e autoridade ao comércio para proseguir com exito na luta, em que anda empenhado na defeza dos interesses do país.

Coimbra, 26 de Março de 1904.

Pedro Ferreira Dias Bandeira — Francisco Vilaça da Fonseca — Antonio Augusto Neves — Vitor da Silva Feitor — Antonio Jozé da Costa — Manuel Antonio da Costa — Paulo Antunes Ramos — Carlos Augusto Louzada — Jozé Monteiro dos Santos — Jozé Antonio Dias Pereira — Joaquim Augusto Borjes d'Oliveira — Roque d'Almeida Mariano — João Nunes Vicente — Manuel Joaquim de Miranda — Manuel Roza Pereira d'Almeida — Manuel Antonio de Carvalho — Antonio Jozé d'Abreu — Jozé Rodrigues da Cunha — Francisco Donato Lopes — L. M. da Costa Dias — Matias Rodrigues Liberado — David de Souza Gonçalves — Melo & Simões — Antonio de Castro Reis — João Rodrigues Braga, sucessor — Jozé Julio da Costa Freire — M. Ribeiro Otorio — Castro Leão — Bernardino Anjos de Carvalho — Armando Ribeiro Otorio — João de Moura Marques — Guilherme Barboza — Antonio Vieira de Carvalho — Manuel Ferreira Malheus — Manoel Joaquim Vilaça — J. F. d'Oliveira Reis, sucessores — Manuel da Silva Feitor — Jozé Teixeira Matos — Antonio Ferreira Pereira — J. Silva Coelho — Antonio Silva Feitor — Antonio Ferreira Vás Junior — Francisco Pereira Serrano — Manuel Martins Ribeiro — Francisco Alves Madeira Junior — Antonio Silva — João da Fonseca Barata — Ernesto Lopes de Moraes — Antonio Nunes Correia — Cassiano Augusto Martins Ribeiro — Jozé d'Almeida Teixeira — Augusto Luis Marta — Joaquim Carvalho da Silva — João Gomes Junior — João Gomes Moreira — José Rodrigues Paixão — Corrêa & Borjes — Manuel Vilaça da Fonseca — Henrique de Melo — Jozé Dias da Costa — João Caetano da Piedade — Vitor Lopes de Oliveira Batista — Antonio de Matos Vale — João Alves Barata — Antonio Marques Gregorio — José Monteiro da Costa — Manuel da Costa — Antonio Domingos Graça.

Não esqueçamos. Vai reunir-se em Coimbra um novo comício de protesto contra as propostas de fazenda, mais uma manifestação do movimento que se tem generalizado a todo o país, sendo impotentes para combatê-lo os partidos monárquicos, que se vingão atacando os seus promotores — o partido republicano.

Sim! Foi o partido republicano que levantou este movimento de revolta, foi o partido republicano o que se achou no primeiro momento ao lado do povo, foi ele o único partido politico que lembrou ao povo a necessidade de protestar, para se não vêr mais uma vês ludibriado pela exploração das clientelas monárquicas.

Foi o partido republicano que falou ao país na necessidade de pugnar com altívés e dezassombro pela sua dignidade constantemente ofendida pelos partidos monárquicos, pelos seus interesses e pela sua vida desprezada pelos governantes, como a vida e os interesses dum escravo.

Foi o partido republicano que levantou num movimento forte de energia esse povo que todos dizião sem forças, enfraquecido por uma vida longa de sacrificios, sem altívés para protestar; porque uma administração ruinóza o dezacreditára no extranjeiro, e tinha deformado o orgulho e caráter nacional por um trabalho lento de corrupção que lhe tirára a força para protestar e lutar mesmo dentro do próprio país.

Foi o partido republicano que, nesta como noutras ocações de crise nacional, quando os governantes estão prontos a pôr a nação em leilão, vendendo-nos como um rancho de escravos para pagar os seus esbanjamentos, as suas fantazias ruinózas, fês levantar o povo para a luta, acordou a energia das classes quebrantada por uma vida longa de extorsões e de perseguições vis.

Foi o partido republicano. Foi! E é necessário não o esquecer!

Os partidos monárquicos foram coajidos pela atitude do povo, e aparentarão apenas advogar os seus interesses.

Mas esse movimento é simplesmente aparente e falso, como todos os que nos últimos cincoenta annos assinalão na história da monarquia o movimento em favor do povo.

O sr. Intze Ribeiro, ainda ôje, finje não perceber que o movimento de revolta tem um caráter nacional, e para congraçar as classes que tencioná explorar em seu proveito e contra o povo, afirma, á noticia de qualquer dezacato, a sua confiança em que elle não foi produzido senão por ómens que desprezão o interesse do estado, e nunca pelas coletividades que protestão.

Esta linguaagem, própria a angariar lhe os interesses das classes, tenta separá-las do povo.

O sr. Intze mostra-se pronto a atender as reclamações do comércio e da industria, logo que elas não tenham o caráter duma reclamação jeral do país.

Para se dar força e para tornar impossivel ou sem resultado a guerra dos outros partidos monárquicos, o sr. Intze escuda-se com a confiança da corda.

E os partidos monárquicos, que, no primeiro momento, para lisonjear o povo, se não poupávão a confessar publicamente erros passados de administração e a jurar solenemente vida nova, fazendo protestos de não descurar os interesses jerais, e afirmando poder forçar a confiança da corda, esses partidos, que censurávão abertamente a dissipação do chefe do estado, encólhem-se covardemente e comêção a aproveitar com ancia todas as ocações de fazer um compromisso á familia reinante, na mais vil e baixa adulação.

A linguaagem da imprensa monárquica, nos últimos tempos, tem sido, salvas rarissimas exceções, da mais baixa e servil abjeção.

A situação é esta: o partido do sr. Intze vai deixar o governo; todos fazem esforços para lhe succeder, e, como o sr. Intze afirma que o movimento contra as propostas de fazenda é um movimento republicano, todos estendem o pescoço, gritando como grálhas a sua fé monárquica.

Foi o partido republicano que ajitou o país, e mostrou que não faltávão em Portugal nem energias para protestar, nem forças para se fazerem ouvir.

O que faltava era confiança nos governantes.

Os governos monárquicos perceberão então que a opinião pública era favoravel á ideia republicana, e que o povo estava disposto a adoptá-la.

Daf a arrogancia falsa do sr. Intze, expediente politico que não engana ninguém.

As medidas de fazenda não serão aprovadas porque o país não quer.

Essa é a verdade.

Os governos não-de evitar a discussão, para não dar azo a declarações inconvenientes que pôssão ir comprometer de vês a monarquia que do combate saiu mortalmente ferida.

Bem basta o que no primeiro movimento de irrefletida cólera disserão os jornais monárquicos, tentando desculpar os partidos e atribuir a responsabilidade dos esbanjamentos a quem pela lei do país, a não pôde ter.

As propostas de fazenda não serão aprovadas; á-de dar-se ao facto a côr de uma satisfação ás classes; mas não o serão porque a indignação é jeral e funda e porque os interesses afetados não são os de uma classe, são os do povo que tem sido vitima dos interesses de todas as classes, com que tem jogado sempre a politica da monarquia, por fórma a obter o equilibrio que lhe permita continuar na vida de esbanjamento e de prodigalidade, que tem sido em Portu-

gal a norma da administração monárquica.

Para continuar nessa vida, todos os partidos monárquicos se congregão agora.

Reconhecêrão quanto era fatal aos seus interesses o pôr a descoberto os erros dos contrarios.

Na administração monárquica, todos os governos tem cometido os mesmos erros.

Eles mesmo o confessarão á pouco, envolvendo na confissão as proprias instituições, dizendo-se os amigos do povo.

A representação republicana em cortes era até apresentada pelo mais ferrenho adversario do partido republicano como necessária, como poder moderador de esbanjamentos e erros de administração, como vijilancia necessária aos bandos monárquicos de corrupção facil.

Oje todos se levantão contra os republicanos, porque elles apparecem no meio do aplauzo entusiastico do povo; e a representação dos republicanos no parlamento é considerada como o maior perigo para a monarquia.

Isto onra o partido republicano. Só elle é ôje a esperanza da conservação da nacionalidade, do rejuvenescimento da patria.

Quem advogar os interesses do povo portuguez, nada tem de esperar dos partidos monárquicos, que publicamente confessão o seu passado de administração ruinóza da fazenda pública, e continuamente môstrão a sua fraqueza dentro e fóra do país.

A monarquia faliu. Só nos poderá salvar a RÉPUBLICA.

Associação Comercial

Realizou-se ante-ontem a assembleia de comerciantes e industriais, a que nos referimos no último número.

Pelas 7 horas da noite a sala da sede da Associação Comercial regorjitava de uma multidão de comerciantes e industriais, conversando animadamente, tratando com o máximo entusiasmo da necessidade de responder com um novo protesto á provocação do sr. ministro do reino.

Procedendo-se á nomeação da meza foi eleito para presidente o sr. Pedro Bandeira e para secretários os srs. Antonio Augusto Neves e Francisco Vilça da Fonseca.

O sr. Pedro Bandeira dando conta dos trabalhos da comissão de vigilância, mostrou a necessidade que se impunha á todos de se manterem na atitude de protesto, dando parte que a comissão resolveria realizar no próximo domingo um comício.

Era por isso a ordem da noite a realização do comício e os termos em que devia ser convocado.

Teve em seguida a palavra o sr. Vilça da Fonseca que, acentuando mais uma vez a opinião já apresentada de que os comícios são muitas vezes prejudiciais para o triunfo das melhores causas por serem como que umas válvulas de segurança por onde explodia a indignação publica, num movimento arrebatado, mas de curta duração, deixando os governos levar a cabo todos os projetos mesmo os que mais ruinosos se tem apresentado e os que mais indignações tem levantado.

No atual momento porém, achava o comício urgente e inadivél pela necessidade de responder á provocação do sr. presidente do conselho com uma affirmação publica de protesto e solidariedade.

As propostas de fazenda são imorais e vexatórias. Quando se impunho sacrificios ás camaras municipais e aos funcionarios publicos em nome de saúde publica, pela necessidade de atender á luta contra a tuberculose, vinha o mesmo ministério, lançar novos impostos sobre os alimentos de primeira necessidade, e contribuir assim para a forma violenta e efficaç para o aparecimento e diffusão da tuberculose que tem na mízeria do povo o principal fator.

O sr. Cassiano Martins Ribeiro, que em seguida a palavra, manifestando a sua aprovação ás palavras do sr. Vilça, e deu conta dos trabalhos preparatorios para a realização do comício.

O sr. Godinho de Matos, afirmando a inutilidade dos comícios, disse que devia tempo de entrar num caminho radical — o do encerramento geral.

Pedi então a palavra o sr. João Lopes de Moraes Silvano e, com um vigor que levantou toda a assembleia em ovacões entusiasticas e repetidas, disse que preferia reacção activa, o combate á resistencia passiva. Para elle o comício era sempre util; porque era sempre util para uma classe pensar, discutir, trabalhar e combater em comum.

O velho negociante, tão simpatico em Coimbra, tão cheio de vida e de animação juvenil, foi delicadamente aplaudido quando terminou de falar.

O sr. Vilça da Fonseca, falando a seguir pronunciou um dos mais eloquentes discursos, provocando a todo o momento os aplausos, pela força da sua linguagem simples, mas cheia de força, de fé, de enthusiasmo e calor.

Terminou propondo o texto do comício que publicamos no outro logar, e a quem todos querião dar o apoio da sua assinatura.

A reunião dos commerciantes e industriais foi uma das mais notaveis que se tem feito na Associação Commercial e era o objeto de todas as conversações. Tudo faz esperar o mais bello exito do comício.

O commercio, provocado deve responder energicamente á insolencia do ministro que o provocou com a audacia que lhe dá a certeza da impunidade.

Achão-se inscritos para falar no comício:

De Lisboa os srs. dr. Manuel de Arrajaga, Luis Filipe da Mata e Cupertino Ribeiro; do Porto os srs. drs. Nunes da Ponte, Afonso Costa, Jozé Ferreira Gonçalves e dr. Augusto de Castro; de Coimbra os srs. dr. Bernardino Machado, Francisco Vilça, Antonio Maria Pereira Junior e dr. Teixeira de Carvalho.

Dr. Bernardino Machado

Quanto se têm falado d'este homem! Por toda a parte se conhece este nome, em toda a parte se admira este alto espirito.

Para que falar d'ele, pois, se está em todos os corações, se ecôa em todas as almas?

Contudo era preciso dizer alguma coisa desconhecida, alguma coisa grandioza das muitas que á nos atos diarios da sua vida.

Que me perdõe elle, o eu vir revelar aquilo que tão occultamente praticou certa noite de agosto...

Nesse dia disséra-me elle para eu apparecer á tarde no seu gabinete de trabalho. Fui. Ele dava a ultima revista aos seus papeis: mandou-me esperar um pouco. Depois, subitamente: sabe? vamos fazer esta noite uma peregrinação.

Vestiu o sobretudo e partimos. Pelo caminho foi-me explicando... Ia sair por dois mizes, para tratar da saúde, com a familia... Precizava despedir-se: avia familias que podião succumbir na sua suzerania, era preciso prevenil-as...

E subitamente batia a uma porta. Vinha uma criatura mizeravel, ordinariamente uma mulher cheia de filhos andrajózos. O dr. Bernardino dava as boas noites, deixava não sei o que e partiamos de novo. Quando batia a uma porta e ninguem falava, dizia-me que tomasse nota: dava o nome da rua, o numero da porta e adeante uma quantia avultada por vêzes.

Percorrêmos ruas e ruas; o dr. Bernardino bateu a muitas portas. Partimos ás 6 horas e acabamos ás 9 e meia; aproximadamente.

Por fim elle sentiu-se extenuado. Quiz sentar-se, disse que tinha fome... Esquecêra-se do jantar e não tinha forças para ir até a casa...

Então deixei-o só e parti, a procurar alguma coisa para comer. Voltei e encontrei-o, imóvel, de pé sempre, junto dumas arvores. Abriu o pacote de chocolate que lhe trazia e — nem sei de vergonha como o conte — ofereceu-me antes de tudo um bocado e eu aceitei, e eu comi com elle, ali de pé, em plenas trevas, cansados ambos, anhelantes os dois...

D.1 a 3 ou 4 dias parti eu para a Figueira em cumprimento doutra missão, talvez maior, talvez mais jeneroza ainda. Refiro-me á colonia de creanças pobres de Coimbra.

Esta colonia das creanças é das obras mais extraordinarias do dr. Bernardino Machado. Não entro em detalhes, nem mesmo narro o seu aparecimento.

Brevemente vai apparecer o relatório e então se verá o que isso foi.

Um dia, num otel do Porto, Guerra Junqueiro dizia-me: E' extraordinario, este Bernardino. A sua auidade estende-se a todos os individuos e a todas as classes.

Para se vêr o que elle é, basta dizer-se que têm 13 filhos e ainda se lembra dos filhos dos outros! Isto para mim é decizivo, é enorme!

Na verdade, este sabio lente da Universidade, é a mais singular criatura que sempre conheci. Um homem que ne tombe jamais, como dizia Hugo; dum só parecer, dum só rosto e uma só fé, como dizia Sá de Miranda.

«Ele nunca perde o seu dia, dis Lopes d'Oliveira, porque nunca esquece uma ocasião de fazer o bem. Eu confesso que lhe dev' muito: — a sua convivencia tão altamente espirital, tão affetiva — foi para mim na época mais doloroza da minha vida mental, o mais pacificante e enternecido alivio, produzindo o melhor do pouco equilibrio que tenho conseguido dar-lhe e acenquando uma certa bondade de coração que era em mim uma fraqueza e agora se vai tornando em força.»

Para concluir: Uma noite estava o dr. Bernardino a jantar num otel, onde se encontrava tambem o commissário de policia de Coimbra. Eu observava de largo. Falava-se de repressão, de revóltas...

O commissário afirmava que era preciso cutilada, pois sem isso a mocidade era intratavel...

O dr. Bernardino disfarçou o seu aborrecimento e em seguida disse, fa-

lando a turba: — Mas v'ja, a ordem está sempre com a liberdade; a auto-ridade é que provoca as revoluções; — éla, sim, que é a dezordeira. Senão vejamos: onde é que em Coimbra á ordem, seriedade, cavalheirismo? E' nas républicas seguramente, onde ninguem manda, onde todos são independentes.

Outro tanto não succede nos collegios, nos seminários: á sempre dezordens, rebeldias... Isto é assim: tenho-o notado sempre...

Tomás da Fonseca.

Eles!

D'O Seculo noticiando a confissão do estrangeiro que roubou os livros em Mafra:

... com éla se põe a coberto de toda a suspeita o nome onrado do bibliotecário sr. Aires de Sá, e ainda o do empregado subalterno sr. Onorato Vicente, que, como já dissêmos, apesar de ser um umilde servidôr da caza real, está tambem izento de toda a responsabilidade...

Apezar de ser servidor da Caza real... Não é mau!

Congresso médico

Estão já em Coimbra vários aparelhos e instrumentos que são de figurar na expozição anéxa ao congresso.

Na expozição devem figurar, ao lado de quadros parietais de propaganda anti-tuberculôza adótados no estrangeiro, outros nacionais para que a Liga abriu um concurso com o programa seguinte:

Até 15 de abril de 1904 recebem-se na sede da Liga (Ospital de Rilhafões) projetos de quadros parietais de propaganda anti-tuberculôza, que devem satisfazer as seguintes condições:

- 1.ª — Serem executados a pastel ou a aguarela;
2.ª — Terem as dimensões de 1m de largo e 0m.8 de alto;
3.ª — Terem distribuidos no desenho e harmonizando se com elle os seguintes dizeres:

- A tuberculose não se érda.
— A tuberculose adquire-se: Pelo contatô com tuberculózos. Pela inalação de poeiras infetadas. Pelo uzo de alimentos igualmente infetados, particularmente do leite de vacas tuberculôzas.
— O desenvolvimento da tuberculose é favorecido pela mízeria, pelo alcoolismo e pela insalubridade das abitações.
— Não se deve varrer a séco.
— Deve se fugir dos beijos dos tuberculózos.
— Deve-se ferver o leite de proveniencia desconhecida.
— Deve se ser cautelozo no convivio com os tuberculózos; avendo cuidado não á perigo.

Estes projetos figurarão na expozição anéxa ao Congresso da Liga, que em abril proximo se realiza em Coimbra, e serão julgados por um júri nomeado pela meza do Congresso.

As indicações e modelos de quadros conjéneres estarão patentes na Sociedade das ciencias médicas de Lisboa (rua do Alecrim, 53, 2.ª) todos os dias uteis, das 4 ás 5 horas da tarde; ali se prestão quaesquer outras informações. —(a) Daniel de Matos e Miguel Bombarda.

Este programa foi apenas publicado em Lisboa e Porto. Só agora se publica em Coimbra. Se porém algum dezenhista ou pintor

quizer concorrer, poderá pedir esclarecimentos aos srs. drs. Daniel de Matos ou Teixeira de Carvalho.

O Azilo da Infancia Dasvalida exporá fotografias do edificio e das diversas instalações com designação do número de aziladas, ensino ministrado, movimento de doentes, etc.

As creches exporão relatórios, fotografias da sua installação, e o livro douro dos seus benefiçores.

Bom seria que as outras sociedades de proteção á infancia seguissem este movimento, mostrando assim a simpatia e o interesse que lhes meréce a obra do congresso.

As cartas de convite tivêrão o melhor acolhimento, e as adesões tem vindo em grande número, sendo para esperar pelo movimento que já á que o número de congressistas exceda a quinhentos.

Dr. Antonio Jozé d'Almeida

O Norte publicou o retrato d'este nosso bom amigo e devotadissimo republicano, acompanhando o do seguinte artigo, que publicamos com o prazer que temos todas as vêzes que vemos fazer justiça inteira a este nosso amigo e correligionario.

«Uma das mais lejitimas glórias do Partido Republicano. Do curso do ultimatum e sinatório do manifesto coimbrão, foi sempre de uma só fé e duma só lei, inquebrantavel. E na vida social e na vida politica, o que foi Beard na cavalaria, sans peur et sans reproche. O dr. Antonio Jozé de Almeida é um dos oradôres mais fluentes e arrebatadôres do nosso partido; o seu verbo inspira se nos altos sentimentos da patria e da liberdade e, nos impetos da sua diltica brilhante, arrastas as multidões. E' um verdadeiro tribuno. Como escritor tem todas as energias dos batalhadôres da pens: independencia, verdade, brilho, altivês. Aja vista a Deza-fronta, esse livro que tem a empreinte do seu caráter sem mácula, em que vibra toda a sua alma de patriota e de republicano.»

Os quintanistas em Lisboa

Dos jornais de Lisboa iremos transcrevendo o que dissêrão da recita de Jozé Bruno, que fugiu das normas das recitas habituais, mostrando como a vida academica se pode apresentar com espirito sem recorrer aos clichés estafados das serenatas, a melancolia do luar, e as vozes das ninfas, paradas a chorar os bichareis que dizem o seu adeus, quando chegam as andorlhas a anunciar a primavera

Começamos pelo Novidades a que pomos o correitvo do Diario de Noticias.

E vai na propria ortografia. E vai com elojios a S. M. a Rainha. E vai textualmente, porque... Ora! Porquê? Porque vai lindo o começo da primavera, e com um tempo as im não á vontade de ser desagradavel a n'guém.

O ENSAIO GERAL

«Não ha um unico bilhete á venda...» diz-nos o sr. Costa Pinto á porta de S. Carlos. E effectivamente assim é. A phrase não traduz um reclamo banal, lançado á publicidade com um intuito interesseiro. E' a expressão inildivel da verdade. E a todas as pessoas que se abeiram do guichet do camaroteiro, a resposta é sempre a mesma, invariavel e inflexivel: «Não ha um unico bilhete á venda...» E tá tudo passado; camarotes, frizas, balcão, plateia, até os logares de pé. Só não venderam o teatro, porque isso daria margem certamente a uma revolução temerosa, com protestos de todos os dilettanti, e, quem sabe, notas diplomaticas e demonstrações navaes á mistura — todo o repertorio das chancellarias europeias...

Dentro, no palco, ha ensaio geral da peça. Os quintanistas amontoam-se, á fulrica, junto da caixa do ponto. Conversa-se animadamente, dialoga-se com nervo, o sussuro alegre d'uma boa companhia perpassa pelos bastidores como

uma irreverencia á gravidade habitual do nosso theatro lyrico, e na presidencia da orchestra, agitando nervosamente a batuta e a cabelleira, remexe-se o pianista Theophilo Russel. Vae repetir se o côro de recepção ao phantasma vivo do Crédor...

— Attenção, meus senhores!... muita attenção!

Os violinos atacam os primeiros compassos, os rapazes perfilam se na frente do maestro. As vozes graves e profundas acompanham a musica. Parece um ensaio a valer d'uma perfeita companhia de operetta. Até um dos interpretes, abotoado n'uma sobrecasaca preta, onde scintilla como um grito de revolta um plastron vermelho, desfere notas com a compostura d'um burguez domingado, conscio do seu papel. O côro eleva-se gradualmente, augmentado agora pelo rufar dos tympanos e o zumbir estranho dos rabecões. A partitura não é de Wagner, mas reproduz nitidamente a idéa do auctor do poema. Na catadupa de semi-colcheias desenha-se claramente a scena: a entrada receção do crédor, como no primeiro acto da Bo éme; o acolhimento ruidoso dos estudantes, envolvendo o n'uma manifestação calorosa: a desconfiança de Pantaleão ante um tal enthusiasmo; as saudações, os brindes, o ridiculo, a esturdia endiabrada, o bom humor de quem não tem um ceutil no bolso e muita alegria no coração, tudo isso resalta a cada passo da melodia com intermittencias de solos, duettos e tercetos, sempre propriados, sempre salitantes...

De repente, a orchestra emmudece. O pianista Russel vibra seccamente na estante umas pancadinhas da batuta. O auctor da peça — capa e batina, monoculo enristadono olho dire to — avança no meio do côro apostrophando comicamente os que desafinaram. Ha uma pausa de alguns minutos. O maestro observa ao homem dos tympanos que devia ter feito em certa altura uma paragem de rufo. Discute se o caso. Alguns estudantes confirmam:

— Faça se a suspensão!... Repita-se o côro!

Os violinos atacam outra vez. Os rapazes continuam a cantar, mas a orchestra, como se emperrasse novamente em obstaculo irremovivel, torna a emmudecer. Agora é o Crédor que não entrou a tempo...

— Repita se o Crédor!... berram os do côro.

O pianista Russel enfia pela centessima vez; os dedos afilados e nervosos na cabelleira farta. E' preciso recomeçar com paciencia e desvelo. No palco, escassamente illuminado pelas luzes da ribalta, os interpretes increpam amigavelmente a fiffa do Pantaleão. O auctor da peça, com previo assentimento dos companheiros, ausenta-se por alguns minutos. Um dos estudantes, mais desenvolvido, reclama o vira. Outro propõe que se abandone o côro e a orchestra execute o hymno.

— Venha o hymno!... A marcha!... O côro n.º 2!...

— Mas o n.º 1 ainda não está ensalado!... observa um terceiro.

— E' o mesmo!... A valsa, a valsa é que se deve ensaiar agora!

O maestro hesita um momento a dar signal. Rumoreja se com mais calor á volta da caixa do ponto. Uns conversam distrahidos, alheados completamente das exhortações do director de scena, o tal estudante da sobrecasaca preta e gravata vermelha. Outros recebem os cumprimentos effusivos dos amigos e antigos conhecimentos da bohemia coimbrã. Falla-se de tudo menos de ensio.

— Attenção, meus senhores!... muita attenção!

Não ha meio de levar o caso a serio. Quando se imagina que está tudo a postos e na medida dos desejos do maestro, volta o rumor á agir, a movimentar a fileira dos rapazes, que bandam de vez em quando para os quatro cantos do palco. Na platéa de S. Carlos raros curiosos espregitam as peripécias do ensaio. O sr. Costa Pinto dá as ultimas ordens para a ornamentação da sala onde se ha de servir uma ceia volante aos quintanistas. E' a ampla dependencia onde funciona o Centro Nacional de Egrima. Ha vasos com plantas, flores, uma meza muito comprida e vistosas cadeiras de espadar. Os creados andam atarefados dum lado para outro.

— O serviço é todo da casa real... diz nos o sr. Costa Pinto. Sua Magestade a Rainha retribue a generosidade dos rapazes, que vieram á sua custa de Coimbra, a contribuir com o producto

do espectáculo para a Assistencia Nacional aos Tuberculosos, offerecendo-lhes uma taça de champagne depois da recita... Tem lhes prodigalizado, além d'isso, todas as gentilezas, não deixando um só momento, de manifestar o seu reconhecimento pela delicadeza da lem-brança...

Do Diario da Noticias:

A RECITA

Excedeu toda a expectativa o exito da recita que os quintanistas de Coimbra hontem deram em S. Carlos, em beneficio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e que levou aquelle theatro uma concorrencia extraordinaria.

A peça de José Bruno Carreiro é chistotissima, muito bem feita litterariamente, e teve um desempenho correctissimo, especialmente por parte do Pad'Zé e dos tres interpretes da parodia á Ceia dos Candeeas, no 2.º acto, entre os quaes figurava o auctor.

O prologo, primorosamente recitado pelo quintanista José Ayres de Magalhães deixou logo muito bem impressionados os espectadores, quer pela graça dos pensamentos, quer pela delicadeza da forma, quer pela finura de dicção.

No 1.º acto da peça, toda a acção de estudantes com o credor Pantaleão manteve o publico em constante gargalhada, principalmente durante a preleção do Pad'Zé acerca do papel que á ceia desempenha entre as mais re-fecções...

A parodia, á que acima nos referimos, ao bello acto em verso de Julio Dantas, é uma das scenas mais felizes da peça de José Bruno. O medico que só gosta de aguardente (a espanhola), o jurista que só bebe Champagne (a franceza) e o theologo que só bebe vinho de pasto (a portugueza) entretem um dialogo acintillante de espirito e de animação.

As tricanas, entre as quaes vieram alguns rapazes muito conhecidos e estimados em Lisboa, conformo constava do programma que ante hontem publicamos, apresentaram-se optimamente e

algumas d'ellas metteriam a um canto as autenticas de Coimbra.

Todos—autores e actores—foram festejadissimas, havendo os que tomaram parte principal na festa recebido lindissimos bouquets de flores com largas fitas de seda, offerta de sua magestade a rainha, a quem, no começo e no final do espectáculo foram levantados entusiasticos vivas.

Os bouquets foram entregues no palco pelos srs. Cost Pinto e Nuno Que-riol.

A recita seguiu-se o copo de champagne offerecido por sua magestade a rainha aos academicos no salão do primeiro andar do theatro onde é a sede do Centro Nacional de Esgrima. O serviço foi da casa real e primoroso, havendo a sala sido ornamentada com gosto sob a direcção do sr. Costa Pinto.

A excelente banda de musica da guarda municipal foi muito applaudida pela maneira como executou a rapsodia Liszt. O espectáculo acabou depois da uma e da noite.

MARIO MACHADO

Dêmos hontem os retratos de tres das principaes figuras do grupo de quintanistas que vieram a Lisboa dar a recita a favor da Assistencia Nacional; o auctor da peça «Uma vespera de feriados», o auctor da musica que entremeteia a peça, e o celebre «Pad'Zé»; damos hoje os retratos de dois outros quintanistas: o auctor da letra da ballada de despedida dos quintanistas, o sr. Alvaro Sereno, que tambem é um dos auctores da peça, e o sr. José Ayres de Magalhães, iniciador da recita em Lisboa a favor da Assistencia, e tambem, como acima dizemos, interprete do prologo da peça, e de um dos papéis da parodia á «Ceia dos candeeas».

Estes dois quintanistas, acompanhados pelo auctor da peça o sr. José Bruno Carreiro, foram hontem ao paço das Necessidades, convidar para a festa suas magestades, que acolheram a commissão com captivante amabilidade.

Tambem offereceram a sua magestade alguns exemplares da ballada da sr.ª condessa de Proença a Velha.

Partiu para Espanha o sr. Frederico Albert, que anda pela Europa em commissão do governo do Chile estudando matas, caça, e piscicultura, depois de ter visitado Leiria e o Bussaco, acompanhado pelo chefe da repartição de matas, sr. Ferreira Borges.

Deve voltar á Portugal para continuar os seus estudos nos mезes de julho ou agosto.

No Congresso de caixeiros, reunido em Lisboa, representa os empregados do commercio de Coimbra o sr. Julio Martens.

não te atreves a dizer que me não odeias!

— Já t'ó não disse, deixando-me ficar ao pé de ti? Deixa-me.

— Acaba! deixa-te depois de te ter ouvido.

— Se t'ó não disse, não te deixei já ver que te amo... e que morro por ti amar! Mas quero morrer innocente. Perdo! Perdo! para mim, peço-t'ol! Foje, afasta-te e posso morrer ainda pura de todo o crime.

Tendo dito estas palavras, Catarina exclamou derramando lagrimas em abundancia:

— Não te lisonjeia o saber que, longe de ti, no silencio e na dor, se á-de-funjar lentamente uma pobre planta, que serás amado, contra a minha vontade, e que este amor me á-de levar ao tumulo! Longe de ti, uma mulher nova desconhecida e talvez esquecida fara de ti seu deus e o objecto constante de todos os seus pensamentos.

— Amas-me, exclamou o Conde, ó! Catarina, amas-me!...

E Adhemar, abandonando a mão de Catarina, encostou-se á arvore no mesmo logar em que Catarina se apoiava momentos antes.

— Não! Não te amo, exclamou Catarina espantada com a felicidade do seu amante, é a Ombert que eu amo!... Amo-o ainda mais do que a ti... A em mim alguma coisa que eu não sei exprimir... não imagino que sejas mais amante, mais corajoso, mais leal, mais franco, mais grande que o meu caro e muito amado Ombert! Não! Tu não tens o seu valor, éle, só éle é o querido da minha alma. Um encanto, que

Crèche de Coimbra

A ex.ª sr.ª D. Risolêta Jorje de Figueiredo, para sufragar o aniversario do falecimento de seu pai, o comendador João Francisco Ferreira Jorje, offereceu á Crèche a esmola de 10000 réis.

O sr. Antonio João Jorje de Miranda e D. Maria Jorje de Miranda offerecerão ambos 10000 réis á mesma Crèche por igual motivo.

Estas esmolas que revert em beneficio de uma instituição tão humanitaria são a prova de quanto as Creches são uteis e vão calando no animo de todos a despeito de muitos que teimão em não render-se a esta evidencia.

Bem não estas almas caridosas e filantropicas que tão bem sabem socorrer uma instituição tão pobre e que tantos beneficios está óje fazendo

A SEMANA SANTA

Sé Cathedral

DOMINGO — Benção e procissão dos Ramos, missa solene e Paixão ás 10 horas e meia da manhã.

QUARTA FEIRA — Officio de trevas ás 5 horas e meia da tarde.

QUINTA FEIRA — Missa de Pontifical, benção dos Santos Oleos, comunhão geral ao clero e fieis, expozição do Santissimo Sacramento e a desnudação dos altares ás 9 horas da manhã. Officio de trevas ás 5 horas e meia da tarde.

SEXTA FEIRA — Missa de Presantificação, Paixão, adoração da Cruz e sermão ás 9 horas da manhã. Officio de trevas ás 5 horas e meia da tarde e sermão da Soledade.

SABADO — Benção do lume novo, do cirio pascal e da pia baptismal, e missa solene d'Alcuvia ás 9 horas da manhã.

DOMINGO — Festa solene da Resurreição por missa de pontifical, benção papal e sermão ás 11 horas da manhã.

A todas estas solemnidades preside o sr. Bispo Conde, exceto Domingo de Ramos e Sabado d'Alcuvia.

Capella da Misericordia

DOMINGO — Benção dos ramos, paixão e missa, ás 10 e meia horas.

QUARTA FEIRA — Matinas e laudes ás 6 horas.

QUINTA FEIRA — Missa solene, expozição e desnudação dos altares, ás 11 horas Matinas e laudes ás 6 horas.

SEXTA FEIRA — Paixão, adoração da Cruz, missa dos Prezantificados ás 10 e meia horas Matinas e laudes e sermão ás 6 horas.

SABADO — Benção do lume novo, precónio e missa, ás 10 horas.

DOMINGO — Procissão, missa solene e sermão, ás 11 horas.

E' orador o Dr. Porphyrio Antonio da Silva.

não posso dominar, atraí-me contra minha vontade para ti; mas odio-te, Adhemar, e quero fugir de ti. Se grande, negroz! Seja esta a última vez que nos vemos! Ponho-me sob a tua protecção. Adhemar, sabes o meu segredo, gora podes perdê-me. Mas não, meu ligno e leil senhor, á-de salvar-me de mim, de ti... diz...

Tendo dito estas palavras, a castela, radiante de esperanza, olhou para o Conde com olhos em que se liao os ultimos esforços de virtude e o primeiro triunfo do amor; porque, pronunciação estas palavras delirantes, o desespero, a paixão e a virtude mais santa tinham animado alternativamente Catarina.

— Catarina, disse o Conde apertando a em seus braços, não tenhas med; não és tu que tens de morrer, não deixo morrer a obra mais bella do Universo, uma obra-prima saida das mãos do criador! tu, toda graça, toda belleza toda amor, sou eu que devo morrer!... Não tenhas medo, chora a minha morte precóel ama-me! mas, aconteça o que acontecer, ei de t'er, assim o espero toda a estima que dedicas ao teu querido Ombert.

— As tuas palavras, disse Catarina, fazem-me frio. Cala-te, calêmo-nos, e anda comigo, no mais profundo silencio, este caminho, para que me fique ao menos em lembrança um momento livre de toda a ideia de temôr, um momento, em que, sob o bello sol de França, diante da mais bella paisagem, eu tenha andado com quietude e com amor, apoiando-me ao teu braço, em costando-me a ti.

(Continúa.)

COMUNICADO

O ex.º sr. Elias Gordilho e a sua afronta

A leitura dos Artigos do Ex.º Sr. Elias Gordilho, insertos nas colunas do Ensino n.ºs 103 e 104 sob a epigrafe O Ateneu Commercial de Coimbra e a minha afronta, viêrão trazer-me uma rezolução que avia posto de parte, pois que muito antecipadamente era de meu conhecimento a maneira como aquelle cavalheiro apregoava a sua entrada por jeito ou força nas salas do Ateneu nos dias em que a Direcção promovesse as suas festas.

Ocultamente dirijia insultos pessoais e tentava amesquinhar alguns dos directores; e esta circumstancia seria bastante para vir a publico mostrar a ipocrizia do Sr. Gordilho. Sua Ex.ª tinha empenho, muito empenho! em assistir aos bailes do Ateneu, mas como os borrões feitos lá dentro por capricho de cada um lho não permitião, quis incluir-se no convite que avia sido feito a um respeitavel cavalheiro para assim passar: mas teve o pouco senso de antecipar a festa proclamando aos sete ventos, que iria ao baile e que a sua entrada produziria a sensação duma bofetada em cheio na pessoa do presidente em especial.

Claro está que a Direcção estando de sobrevizo dispôs-se a fazer saber ao Sr. Elias que não seria admitido por aquella forma. Foi uma decção orrivel para quem tanto deitava assistir aos baillados não se importando que a Associação estivesse ou não legalmente constituída, que os seus directores fossem menos correctos e delicados para com Sua Ex.ª, que as autoridades viessem num dado momento e levassem tudo prezo, cnfim tudo era posto de parte, porque a mira era outra...

Convencido de que não podia entrar no Ateneu lembrou-se o Sr. Elias de solicitar dos mui dignos Redatores do Ensino um cartão para com êle se apresentar aos pedantes e señores de falsa cazaca e conseguir assim o que tanto ambicionava. A Direcção da referida colctividade naturalmente não enviou o seu convite ao Ensino por não ser cos lume convidar para as suas festas todos os jornais, e não para offendêr a imprensa da localidade que mereceu sempre o respeito da classe? Porque não foi mais franco no seu pedido á Redacção do Ensino? Devia ter dito á pessoa que lhe forneceu o cartão, que não tinha convite pessoal para as festas do Ateneu e a intensão que o levára a solicitar o bilhete de identidade; porque estou intimamente convicto que lho recusarião não querendo que por intermedio do seu jornal alguém fosse indviduamente e por capricho tólo querer forçar com a sua autoridade as portas duma associação.

Suponho que ninguem razoavel lho teria facultado a não ser por engano ou por falta de esclarecimentos leais, como aconteceu.

E' preciso frizir bem, que o Ateneu representando os coxeiros de Coimbra, deve finezas e considerações especiais á imprensa combricense e não cometeria o erro de a desconsiderar na mais pequena coisa. O que aconteceu com o Sr. Gordilho e de cor bem diversa aquella que êle lhe dá.

Vem este cavalheiro para as colunas dum jornal chamar incivis, malcreados e señores de falsa cazaca aos directores do Ateneu simplesmente por não o deixarem ir ao baile. E' muito cruel!

O que eu suponho é que um Senhor que frequentou coléjios escolas superiores e tem pretensões a Doutor não tenha aprendido coizas tão simples! Ora cale-se lá V. Ex.ª Rev.ª não venha sem que nem para que chamar aos outros o que com mais razão lhe podem chamar a si: e com referencia á falsa cazaca a sua é de pessimo pano e sem fôrro.

O alvo foi este: ir ao Ateneu ainda que a caza lhe caisse em cima e isto só pelo prazer de lá ir!!!

Não foi possível o seu despejo, e então inflamou-se-lhe o espirito, incendiou-se lhe o jénio (porque Sua Ex.ª tem mui jénio) e disse o que qualquer não dizia a um arreeiro; por fim terminou por chamar a atenção da autoridade. Meu carissimo senhor: o mui digno e respeitavel chefe do distrito, os representantes da lei, á muito que sabem que o Ateneu é uma Associação modesta, que vive da dedicação dos seus

socios e trata o melhor possivel dos interesses que lhe estão confiados; não tem nem fás politica, e daí a razão porque sacudirião com bico da bota o seu apêlo por o julgarem uma vingança mesquinha e réles imposta pelo capricho da sua raiva.

Satisfeito com o ter esclarecido alguns pontos desta questão nada mais direi para evitar massadas prohibidas.

Um socio da velha guarda.

JOZE' SAMPAIO (Bruno)

O ENCOBERTO

1 volume, 300 réis
LIVRARIA MOREIRA — EDITORA
20, Praça dos Restauradores
PORTO

MANOEL DE SOUSA PINTO

A ÚNICA VERDADE

Drama em 2 atos
Preço 300 réis
Editor — Moura Marques

TELXEIRA DE PASCOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 RÉIS
Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.
O produto deste livro reverterá a favor duma Assistencia de creanças doentes que se vae fundar em Amaranthe.

ACABA DE PUBLICAR-SE

MULHERES ONESTAS

POR
Alfredo Galis
XI da Tuberculose Social
Um volume 500 réis
Estão já publicados:

- I—Os Chibos, 1 volume 500 réis; II—Os Predestinados, 1 volume 500 réis; III—Mulheres perdidas, 1 volume 500 réis; IV—Decadentes; 1 volume 500 réis; V—Malucos, 1 volume 500 réis; VI—Os Politicos, 1 volume 500 réis; VII—Saficas, 1 volume 500 réis; VIII—A Taberna, 1 volume 500 réis; IX—Caza de ospedes, 1 volume 500 réis; X—A Sacristia, 1 volume 500 réis.

Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor—158, Rua da Prata, 160 —Lisboa.

Executa prontamente qualquer encomenda que venha acompanhada da importância.

CONTOS DAS CREAÇAS

POR
Maria Pinto Figueirinhas
Preço 300 réis — Livraria Editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras — Porto.

ANUNCIOS

Antonio Ribeiro das Neves Machado
ALFAIATE
Rua da Soã, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confeções para ómens e crianças, pelos ultimos figurinos.
Vestes para ecclziasticos.
Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

Resistencia

Compram se os numeros 629 do 7.º ano 753 do 8.º e os n.ºs 821 e 836 do 9.º

Polhetim da RESISTENCIA

H. DE BALZAC

O EXCOMMUNICADO

—Barbaro! disse êla, a dôr á-de matar-me! perturbaste a minha vida, sou desgraçada e desgraçada por tua cauza! deixa, deixa a minha mão, os teus beijos são crimes!...

—Catarina, disse o Conde, como podes tu ser desgraçada? Não és bella e pura como os anjos? E's rainha neste mundo, e tudo o que tu quizeres fazer será bem feito. Envergonhado seja quem te acuzar! Não és tu o bem absoluto, a absoluta virtude, a onra absoluta?

Ficaras tu menos bôa, menos to cante, menos pura por amar um ser que te adora, e a religião ordena te pagar o bem com o mal?

—Sim! A minha religião, a fé jurada, tudo me ordena que odele o que quer afastar-me para longe do caminho da salvacao.

—E tu podes fazê-lo? disse o Conde pegando no braço de Catarina, a quem olhou com olhos cheios de amor. Catarina calou se, baixou os olhos, e dir-se-ia que um fôgo sombrio, saindo por baixo das suas compridas pestanas lhe iluminava as faces pallidas.



VINHOS DE PASTO

GENUINOS
BRANCOS E TINTOS
Para consumo e exportação

COIMBRA

Instalação provisória: rua da Seta, n.º 8

Vendas por junto e a miúdo

Tabella de preços de venda a miúdo (1 de março de 1904)

Mercearia	Garrafa de litro		Garrafa bordaleza	
	1	6	1	12
Tinto GRANADA...	600	130	720	90
" CORAL...	630	140	780	95
Branco AMBAR...	700	—	—	100
" TOPAZIO...	—	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicílios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — **Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesiculares, Catarrho uterino.**

Para uso externo: — **Em diferentes especies de dermatoses.**

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges 6

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes á venda na

Mercearia LUZITANA

(Deposito unico em Coimbra)

Preciza-se uma professora para educar uma menina que ensine português, francês, musica, piano e bordados.

E' para uma vila a duas horas de Coimbra. Para tratar em Coimbra, com João Borges, rua da Calçada, n.º 29 e em Lisboa na rua Augusta, n.º 73, 1.º.

CAVALOS

MUARES, ETC.; NADA DE FOGO; O LÍMIMENTO VESICANTE — COSTA — cura sem deixar vestígios as esquinencias, sobre canas, ovas, esparavões, entorses, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., deve ser preferido a outra forte, na pneumonia e todas as doencas que exijam uma vezicação prompta e segura. Frasco 900 réis. A venda nas principaes terras. Depósitos: Coimbra — Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128. Lisboa — Quintãos, rua da Prata, 194; Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto — Moura, Largo de S. Domingos, 99; Deposito geral, farmacia Costa, Sobral de Monte-Agraço.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados **doces sortidos**, para chá e **sorvês**, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como cristalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que á de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa fantasia, denominadas **Centros de mesa, Castelos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias, etc.**, etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosos e emfeitados.

Pão de ló pelo sistema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Colares, Champagne, Cognacs, Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se a pureza dos assucars com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

FONOGRAFOS

Manoel José Telles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos **Phonographos Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande collecção de cilindros, com lindas operas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes casas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

CASA MEMORIA

DE **Santos Beirão & Henriques**

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Luz — 103

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas maquinas de costura — **Memoria**. Tem todos os modelos mais recentes taes como vibrantes, oscilantes e bonine central o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas maquinas que nenhuma outra as pôde egualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a **Memoria** com tantas outras que por ahi se vendem. Vendem-se a prestações e a prompto pagamento. Aceitam-se maquinas usadas em troca por seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas Pianos alemães e francezes que se vendem a prompto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se Pianos em troca e compram-se Pianos usados.

A sempre quantidades de Pianos para alugar.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilizando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.
Preços modicos.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobílias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doencas de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços módicos

GARANTIA

Companhia de seguros de fogo com sede no Porto

Fundada em 1853

Capital 1.000.000.000

Esta companhia, das mais antigas e poderosas de Portugal, toma seguros sobre prédios, mobílias e estabelecimentos de qualquer natureza.

Representantes: Gaito & Canas

Mercearia Luzitana — Coimbra

CASA

Arrenda-se uma, na rua dos Sapateiros, n.º 40 e 42. Constando de lojas e 4 andares, própria para estabelecimento de qualquer género.

Trata-se com David de Sousa Gonçalves, rua da Moeda, Coimbra.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é unica revendedora em Coimbra, a **Mercearia Luzitana**.

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a maxima perfeição e modicidade de preços, toda a qualidade de fatos para homem e creanças, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flannels e panos pretos para casacas e batinas, para todos os preços.

Artigos para homem como camisa, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a finêsa de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentário

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Papelaria BORGES

COIMBRA

Especialidades mais bem sortidas nesta cáza:

Fornecimento para escritório, escolas e dezenho;

Recente fornecimento de todos os essenciais para floristas;

Aparêlhos e todo o material para a Fotografia;

Secção Especial e Extraordinaria

Edições de Lembranças locais; fotografias em collecções e albums, bilhetes postais e carteiras com vistas de Coimbra; centenares de variedades de vistas, edificios fantazias em figuras — belêzas, esculturas e quadros dos artistas mais celebres, costumes portuguezes etc. etc.

Piano: **Gaveau de Paris**; como unico agente, aqui, vende toma encomendas nas melhores condições que o comprador pôde encontrar; tem pot afunador e reparador E. Macedo, com quem tem contrato para enviar, mediante pedido Pedir preços.

Retratos ou fotografia de qualquer coiza: quem precisar de quantidade peça preços e condições; toma encomendas em todos os formatos e o preço é na sua relação, sendo a 3000 cada cento em cartão visita.

Deposito dos Tabacos sem Nicotina fornecido com o desconto do deposito geral em Lisboa.

Companhia de Seguros Reformadora

A unica que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas

Correspondentes: Gaito & Canas

COIMBRA

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Ano 23700

Semestre 13350

Trimestre 6840

Sem estampilha:

Ano 23400

Semestre 13200

Trimestre 6800

Brazil e Africa, ano 30600 réis
Ilhas adjacentes, 30000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

♦ ♦ ♦ ACYTILENE ♦ ♦ ♦

Carbureto de calcio francez, rendimento garantido de 300 litros por kilo, os 100 kilos franco — Lisboa, 100000 réis

Apparelhos, candieiros, lustres, bicos e mais accessorios

NOVA LUZ A GAZOLINA

Poder illuminante — 100 vellas por bico

GASTO: — 5 réis por hora

Mandam-se gratis catalogos e preços correntes

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO, N.º 9, 1.º andar



REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e Administração—Rua Ferreira Borges, n.º 89, 2.º andar

Typ. Democratica

ARCO DE ALMEDINA, 10

N.º 890

COIMBRA — Quinta-feira, 31 de Março de 1904

10.º ANO

PARTIDO REPUBLICANO NO COMICIO

Mais um comicio acaba de mostrar a força do partido republicano, e a sua união íntima com todas as classes.

Mais uma vez se levantou cheio de vida, na attitude energica de protesto, o povo português, que ao primeiro rebate do partido republicano correu a mostrar a sua unificação com o unico partido que via a seu lado.

Nos comicios tem-se sucessivamente definido a marcha que o partido republicano quer seguir, acompanhando o povo em todas as reclamações e chamando a sua attenção para todas as questões de que depende a sua vitalidade e a integridade da pátria.

O partido republicano veio agora pôr-se ao lado do povo; o partido republicano que o chamou para defender os seus interesses, e o povo que julgava, por uma educação viciosa, e por um trabalho lento de corrupção que lhe embotára todas as energias, que seriam baldados os seus protestos, viu bem claramente que não á poder capás de sufocar a vontade nacional.

E é necessário que ninguém se engane sobre o valor dos protestos. Não é uma classe que protesta, é o povo que reclama o seu direito a viver.

No povo, e só nele está a força nacional, a garantia da nossa independência, a afirmação da nossa existência politica.

Por isso todos apéllao para ele, por isso todas as classes affirmão estar ao lado dele.

A vitalidade do partido republicano, e a unica demonstração de vida da nacionalidade portugueza.

Não é nas secretarias do estado que se afirma a força da nossa raça. Elas mostrão só a rezistencia ao sofrimento, a promtidão jeneróza a todo o sacrificio.

O povo português tudo tem fiado das administrações monarchicas, por todas se tem deixado expoliar, crendo sempre nos protestos de uma vida nova.

Tem sido sempre ludibriado; os seus sacrificios tem sido sempre inuteis para o bem do país; e tem pelo contrario servido apenas para dar força ao sistema da corrupção, arvorado em poder.

O sacrificio constante do povo, que se tem sujeitado a todos os véxames, aumentou as receitas, mas não diminuem nada os encargos publicos.

As despézas aumentarão, aproveitando a tolerancia publica.

O deficit subiu.

O crédito diminuiu no extranheiro, porque em nada tentámos solver os nossos compromissos.

E pela sua tolerancia, pela sujeição rápida ao sacrificio, o povo português conseguiu apenas ver diminuir o seu credito, ver affirmar bem alto no extranheiro a pouca confiança que a todos merecia a pouca fé aos contratos.

Oje as afirmações monarchicas nada valem. Todos as conhecem, todos sorriem ao ouvir formulas frias sem valor.

Algumas fações monarchicas que virão o passo perigoso, em que estãvao, passarão a fazer afirmações democraticas.

E foi assim que os maiores e mais intransijentes inimigos do povo se apresentaram de repente a falar uma linguagem nova.

Não surtiu effeito o expediente. O povo reconheceu um novo engano.

A unica força nacional em Portugal é a força da democracia.

E são os partidos democraticos que tem levantado o povo português, cuidando da sua instrução, ensinando-lhes os seus direitos, mostrando-lhes a sua força.

O povo português, que dizem sem iniciativa, ignorante e envelecido tem-se posto jenerosamente ao lado dos partidos avançados, abandonando de vés a cauza monarchica.

O partido republicano tem oje as sympathias do povo português, que corre a ouvir os seus oradores e sublinha bem alto com os seus aplauzos, os seus dizeres, mostrando que conhece os seus direitos e deveres, e que está pronto a secundar a ação do partido republicano, e a envidar todos os esforços para o resurgimento da Patria.

Levando o povo português a protestar contra as propostas de fazenda, o partido republicano indicou-lhe apenas uma ocasião de protestar contra a expolição infame dos partidos monarchicos; mas mostrou-lhe tambem a necessidade de se manter numa attitude seguida de protesto contra a monarchia.

Não é a questão de fazenda e unica no nosso país, e o povo português necessita de protestar contra a exploração que vai em todos os ramos da publica administração.

E se necessita de protestar contra esbanjamentos, necessita tambem de reclamar a organização do trabalho nacional que tem sido absolutamente descuidada por os governos monarchicos, que tem visto nos serviços publicos apenas ocasião de favorecer cliente las politicas.

O povo português precisa de manter-se vigilante e numa attitude de protesto e reclamação.

O dever do partido republicano é indicar-lhe ocasiões de protesto, colocar-se ao lado dele, todas as vezes que o povo tome a iniciativa da reclamação, defender-lhe todos os interesses, indicar-lhe todos os deveres.

A nação acaba de mostrar do norte ao sul do país que confia no partido republicano.

E' necessario que o partido republicano se mostre digno dessa confiança.

Para combater é necessario ter

força, e a força dos partidos vem da sua união, da solidariedade deante do successo como em frente da derrota.

A força dos partidos vem da sua organização.

Se o partido republicano inspira oje confiança ao país, é porque o país conhece os esforços que tem feito pela sua organização, é porque o país os vê esquecer agrayos e injurias, para se reconciliarem deante do perigo da patria.

O partido republicano tem feito ato de civismo: os que dezalentados tinham esquecido a luta estão oje com os mais novos, e são tambem os mais entusiastas; e a experiencia da sua vida tem contribuido para levar tudo a bom caminho.

O povo, sem instrução, avaliou este trabalho e tem o premiado dignamente, aplaudindo-os e incitando-os.

E' que não é necessario ter grande saber para possuir a consciencia da propria dignidade.

Antigamente era o partido republicano quem debalde incitava o povo, oje é ele quem modera os seus impetos e as suas cóleras, quem pretende guia-lo num trabalho consciente e forte, de que rezulte o resurgimento da patria.

E' por isso que o partido republicano tem oje grandes responsabilidades, que não deve esquecer.

Chegou a ora do combate; é necessario que todos estejamos prestes, que cada um se saiba onrar cumprindo o seu dever.

As grandes vitórias não dependem oje de esforços isolados; da coragem e da dedicacão dum só.

Não é só a mandar que se vencem combates, é tambem a obedecer.

E' necessario organizar todos os esforços, reunir todas as vontades, que cada um saiba a quem tem de obedecer.

E depois, ouvir, trabalhar, lutar. Não estamos em tempos de aventura.

O esforço individual só pode ter todo o seu effeito quando diirijido na obra comum.

O protesto contra as propostas de fazenda não é uma escaramuça isolada, aproveitada pelo partido republicano.

Não é uma manifestação da sua vitalidade. O partido republicano não dezarma; continua combatendo.

Foi ele quem chamou o país a protestar contra as medidas de fazenda, como o áde chamar seguidamente para defender todos os interesses nacionais.

A nossa luta não é contra um partido monarchico, na nossa luta é contra a monarchia.

A nossa posição é a mesma que antes do aparecimento das propostas de fazenda.

Continuamos a combater.

Temos apenas uma vitória a mais!

Foi um dia alegre de sol o dia de domingo.

Andava a alegria pelo ar, avia dezuzada animação nas ruas da baixa, vião-se passar grupos de negociantes e representantes das associações falando animadamente.

Parecia um dia de festa, e era o dia de festa nacional, como são todos aquêles em que se afirma a vitalidade de um povo.

A Associação comercial era o alvo de todos os olhares. Pela escada, abtualmente tam solitaria, subião grupos conversando na maior cordealidade e sumindo-se em cima na porta da Associação comercial.

Avia interesse em todo o povo; nos grupos perguntãvao-se curtozamente os nomes dos que passãvao e olhãvao-se com mais attenção para as figuras dos que apenas são conhecidos de nome, pelos serviços feitos á classe ou ao povo.

Pelas duas oras comecou a notar-se um movimento grande em direção ao circo e as ruas ficarão abandonadas.

La comecou o comicio.

A policia fora distribuida discretamente e não avia de guarda ao teatro a comparceria, que é do estilo em Lisboa, fardada ou á paizana, na attitude rijida de figurantes de teatro de aldeia em dia de arraial de olhar turvo, sobranceiras crespas, a cabeça á banda, dobrada, ostal, como a de um carneiro disposto a marrar.

No palco do teatro ajuntãvao-se os representantes do comicio, e falava-se animadamente.

O sr. Conselheiro Bernardino Machado corria os grupos, sempre muito saudado, sempre com uma palavra de carinho, mostrando a alegria que o dominava por ver a attitude dos protestantes, por ouvir palávras altas de revolta.

Cassiano Martins Ribeiro não deixava a méza onde escrevião os delegados dos jornais do país, dando-lhes todos os esclarecimentos, facultando-lhes a leitura e a cópia dos documentos, cuidadosamente ordenados.

Vilaça da Fonseca olhava cuidadosamente por tudo, tendo no olhar vivo e intelijente o cuidado pelo exito do comicio, que tanto cuidado lhe dá, como aos outros membros de comissão de vijilancia.

A plateia foi-se enchendo até transbordar. Nos camarotes comecava a sentir-se aperto, e os que os ocupãvao tomãvao a precaução de os fechar.

A ora marcada para abrir o comicio, adeantou-se para o publico o sr.

Pedro Bandeira

O simpático prezidente da comissão de vijilancia foi recebido com uma salva de palmas que se repetiu quando, depois de declarar o fim do comicio, propôs para prezidente o sr. Vilaça da Fonseca.

O fim do comicio, disse o orador, era protestar mais uma vez contra as propostas de fazenda, mostrando assim a solidariedade com o movimento jeral do país, e pondo bem clara e bem em evidencia a attitude do comicio unido no mesmo protesto e pronto a levá-lo até onde fosse necessario.

Propôs para prezidente da méza o sr. Francisco Vilaça da Fonseca (aplauzos), que a assembleia receberia e aceitaria com certeza pela sua attitude bem conhecida em todo o movimento de protesto, pelas justas sympathias que a todos merecia o seu caráter e pela elevada situação que se creara no comicio Coimbra.

(Muitos aplauzos ao sr. Francisco Vilaça da Fonseca.)

Francisco Vilaça da Fonseca

Pede que todos os assistentes se mantêhao dentro da ordem para evitar a intervenção da autoridade, e porque só dentro da ordem se quer protestar.

O comicio é uma entidade de ordem e progresso; dentro da ordem se mantem e só sairá de lá quando for obrigado pela attitude dos poderes do estado.

As propostas de fazenda não são atentatórias contra o comicio, são um mal público, um véxame jeral, e o comicio protestando não o fazia pelo seu interesse só, pugnava tambem pelo bem jeral.

O comicio de todo o país, no protesto que fora levar a Lisboa, afirmando a iniquidade das propostas de fazenda, mostrou tambem a união e a fraternidade do povo português lutando pelos seus direitos.

Apezar disso á quem se jácte de poder governar sem a opinião pública; por isso o comicio chamou o povo para protestar na defeza dos seus direitos.

(Grande salva de palmas.)

Meus Senhores! Estão nesta caza representantes de todas as associações comerciais como testemunho de união e prova de confiança na sinceridade dos nossos esforços, cumpre-nos agradecer a obra concedida.

(Aplauzos.)

Foi o Porto que iniciou o movimento, de lá veio a primeira iniciativa, da invicta cidade, da terra das lutas pela liberdade, que não esquece nunca o que deve ás suas tradições.

O fim deste comicio é protestar mais uma vez contra as propostas de fazenda.

Para isso se achão aqui ómens de caracteres impolutos, inteliencias superiores, espiritos consagrados.

A todos peço por dever, não por o julgar necessario, que se mantêhao dentro da ordem.

Ao acabar de falar, o sr. Vilaça da Fonseca recebeu uma calorosa salva de palmas com que o publico affirmou mais uma vez a sympathia que merece o seu caráter modesto, a consideração pela sua inteliencia, a gratidão pelo seu trabalho franco e desinteressado em favor da sua classe, mantendo sempre alta e bem vivel a affirmacão das suas opiniões republicanas.

Em seguida o sr.

Cassiano Martins Ribeiro

leu o expediente.

Telegramas do comicio de Miranda do Corvo, saudando o comicio de Coimbra e aderindo por completo á todas as rezoluções tomadas no comicio.

Santarem, adere e está com o comicio do país.

Porto, coberto com 41 assinaturas. Põe-se incondicionalmente ao lado do comicio de todo o país, sauda o comicio de Coimbra e adere a todas as rezoluções que seão tomadas no comicio.

Porto, coberto com 41 assinaturas. Põe-se incondicionalmente ao lado do comicio de todo o país, sauda o comicio de Coimbra e adere a todas as rezoluções que seão tomadas no comicio.

— Figueiró dos Vinhos, adere e afirma sua solidariedade absoluta.

— Abrantes, solidário com o comércio todo o país e na defesa dos seus interesses e a bem do povo português adere as resoluções que se tomem.

— Associação Comercial e Industrial das Caldas da Rainha, adere completamente e saudar a assembleia.

— Associação Comercial de Aveiro, está com o comércio de Coimbra, a quem sauda, saudando também o nobre povo d'aquella cidade.

— Associação Comercial e Agrícola de Aveiro, adere ás resoluções que sejam tomadas no comício e diz-se solidário com ellas.

— Associação Comercial e Industrial de Penafiel, saudando o comércio, sauda o povo trabalhador de Coimbra e afirma a sua solidariedade.

— Associação Comercial e Agrícola de Pinhel, sauda a assembleia, fazendo votos por que do comício alguma coisa saia em beneficio do espoliado contribuinte.

— Figueira da Fôz: o comercio da Figueira, unido por tantos laços ao comércio d'essa cidade, saudando-o, sauda nêle o comércio de todo o país e adere a todas ás resoluções que se tomem no comício d'ôje.

— Barcelos, adere e sauda as comissões de comerciantes que assistão ao comício.

— Condeixa: o comércio desta vila envia o mais justo e mais levantado protesto contra as propostas de fazenda e adere por completo ao comício.

— Montemor-o-Velho: está ao lado do comércio de todo o país nesse movimento patriótico e adere ao comício de ôje.

Mais officios:

— Penacova, com 39 assinaturas de comerciantes agricultores e industriais, aderiudo em absoluto a todas as resoluções que sejam tomadas no comício que deve realizar-se e afirmando a sua solidariedade com todo o comércio do país.

— Coruche: firmado por 14 assinaturas de industriais, agricultores e comerciantes no qual, depois de se analisar a ruina, que ao país e a todas as classes em geral advem, das propostas de fazenda, se forem aprovadas na camara alta, se protesta energicamente contra ellas, collocando-se os signatarios, incondicionalmente ao lado do comércio de todo o país, e saudando o povo de Coimbra.

— Soure: com 21 nomes de negociantes de todos os ramos, afirmando a sua absoluta adção, tomando para si a responsabilidade das resoluções tomadas no comício pelos representantes da classe comercial que ali se encontrem, e pedindo se faça constar a solidariedade do commercio de Soure para com o comércio de todo o país. Saudando o comércio, sauda o país. As propostas de fazenda são onerosissimas para o povo, tornando-se indispensavel trabalhar até que ellas desapareçam e não deixem de si mais do que a vergonha de aver sido apresentadas á sanção dos ômens, que tão mal administração os dinheiros do povo portuguez.

— Vila Franca de Xira: estão de coração, os comerciantes desta vila, ao lado dos comerciantes de todo o país. Saudão a assembleia e adere ás resoluções que sejam tomadas no comício.

— S. João de Areias: assinado por 22 comerciantes industriais e agricultores. O commercio desta vila, na certeza de interpretar os desejos de todos os seus habitantes, vem perante a assembleia que assista ao comício saudar o povo portuguez, fazendo votos por que dos trabalhos dos comícios resulte o resurgimento da patria; pois compreende que, em virtude da unanimidade do protesto contra as propostas de fazenda, essa grande iniquidade, que levaria o país á fome e ao desespero, será já uma coisa liquidada.

Adere por completo a todas as resoluções que se tomem.

— Condeixa: um officio, assinado por 25 dos principais comerciantes e agricultores, protestando contra as propostas de fazenda e muito em especial contra os 50 %, em ouro e aderindo incondicionalmente ás resoluções que se tomem a bem dos interesses do contribuinte e da prosperidade da nação.

Carapinheira: com 41 assinaturas de comerciantes, agricultores e industriais, manifestando o seu descontentamento pela má administração dos governantes e aderindo ás resoluções que o comício entenda dever tomar.

— Montemor-o-Velho: um officio coberto com 68 assinaturas, no qual se diz que o commercio da vila, incondicionalmente ao lado dos representantes de commercio do país junto do comício de Coimbra, e na certeza de interpretar a vontade do povo de Montemor, vem por

aquella forma mostrar a sua solidariedade e protestar contra as propostas de fazenda.

— Associação Comercial das Classes do Beato e Olivais: saudando o commercio de Coimbra, sauda o commercio do país, tão lezado por contribuições que só tem servido para sobrecarregar o contribuinte e nada de proveito terem sido para o país, que se vê a braços com a miseria visto os seus dinheiros serem enviados para desbaratos e desvarios a que é necessário pôr cobro.

Sejão quais forem as resoluções tomadas no comício, adere a ellas incondicionalmente.

— Associação Comercial dos Lojistas do Porto: saudando a assembleia, sauda todos os patriotas que estão ao lado deste movimento de protesto contra as iniquas propostas de fazenda, aderindo incondicionalmente a todas as resoluções que sejam tomadas a bem dos interesses do contribuinte e da patria.

— Comissão promotora do protesto contra as propostas de fazenda de Braga, adere a todas as resoluções que contra as propostas de fazenda sejam tomadas no comício.

Está ao lado dos comerciantes do país o que quer dizer estar ao lado dos interesses de todo portuguez.

As propostas de fazenda devem ser suprimidas, pois a sua supressão representa a vontade nacional e o bem da nação portugueza.

Dr. Bernardino Machado

Saúda o comércio de Coimbra e as delegações e representantes de todos os pontos do país que se achão ali reunidos, por mais aquella demonstração da sua coezão, do seu espirito corporativo, e sobretudo do seu patriotismo, porque nesta campanha travada com os poderes publicos não se trata só dos interesses d'uma classe, mas sim dos interesses solidarios de todas as classes trabalhadoras. (Bravos. Aplausos repetidos.)

Expõe como as propostas de agravamento d'impóostos apresentadas pelo governo ao parlamento vinhão envolvidas e acobertadas com outras de fomento economico ao commercio, á industria e á agricultura. Como se, na desvalidez á que chegámos, por mais numerosas que sejam as nossas necessidades, não sobreleve a todas a necessidade de vivermos. Só ao povo proletario o governo não ofereceu nada, e descarregou rudemente a ameaça de nova tributação sobre a sua alimentação e a sua lus.

Por isso o partido republicano soultou o grito d'alarme contra as propostas de fazenda. E logo as federações operarias no seu comício as combatão. As outras classes estudáráo-nas, discutirão-nas; e, dentro em pouco, as associações comerciais representáráo ás côrtes contra ellas, e, organizando uma ação comum, operáráo essa admiravel mobilização de forças do dia 14 de março, que ficará para sempre como uma data gloriosa para o comércio portuguez, e folga de poder apontar á assembleia os promotores dessa grandiosa manifestação, ali presentes, o sr. José Pinheiro de Melo, de Lisboa, e os srs. José Ferreira Gonçalves, e José Pimentel, do Porto; á agricultura representava também contra ellas, e a industria, a principio vacillante e mesmo inclinada á aprovação das propostas de fazenda, parçe finalmente já convencida de que todas as vantagens e beneficios da reforma da pauta em favor da produção não compensáráo os prejuizos que lhe avião d'admir da diminuição de capacidade do consumo.

Assim foi crescendo o movimento de protesto. Alastrou-se. Tornou-se verdadeiramente nacional.

E, qualquer que seja o seu êxito, não se pôde negar-lhe alta importancia. E' assim que a opinião se forma. Este é o grande meio d'educação politica do país, por que este movimento, essencialmente economico dentro das associações, desde que safu de dentro d'elas para a praça pública, converteu-se num movimento politico. E' assim que se poderá ir conseguindo o governo da nação pela nação. E, quando o obtivermos, quando todos os poderes, desde o mais humilde até ao mais elevado, fôrem da vontade e eleição da nação, teremos feito ordeiramente, pacificamente, a maior de todas as revoluções, alcançando com ella o triunfo não só d'um partido, mas da liberdade e da patria.

Não quer accentuar a nota partidária, mas não pôde deixar de tirar a moralidade politica que o movimento de protesto encerra. A'chão-se nesta questão vital, d'um lado todas as classes trabalhadoras, e, do outro, apenas a minoria dos privilegiados, é licito procurar saber com quem estão os nossos partidos politicos. E vê-se que com a oligarquia dos privilegiados que devôráo a substancia

da nação, não estão só os partidarios do atual governo, estão todos os partidos monarchicos, pois todos elles, por mais que ataquem as propostas de fazenda em discussão, todos ao dezafo, como se isso fôsse condição para captarem a confiança da corôa, declarão permanentemente que, quando houver um governo de moralidade na administração, eufemismo que significa — quando elles fôrem governo — o país não se recuzará a novos sacrificios, o que é redondamente falso, porque o país não pôde nem quer pagar mais e o primeiro ato de moralidade, de corajem civica, que se tem d'exigir, ôje, dos governantes, é que equilibrem o orçamento e as contas do estado, não pelo aumento dos impóostos, mas pela sua própria redução e pela supressão de todas as despêzas inúteis e faustozas. Com as classes trabalhadoras, identificado com ellas, só o partido republicano, que iniciou este movimento de protesto e que o acompanhará sem esmorecer até final. Tanto é certo que o partido republicano é ôje o unico profundamente nacional.

A ovação feita no final do discurso do sr. Conselheiro Bernardino Machado, mostrou mais uma vez como o povo sabe recompensar os sacrificios e a dedicação constante dos que zelão desinteressadamente a sua onra, dos que defendem os seus direitos sagrados.

José Pimentel

Foi recebido com uma salva de palmas. A sua fizionomia insinuante e simpatica, a despretenção da sua linguagem conquistáráo-lhe rapidamente o público.

Começou:

Meus senhores! Sinto uma grande satisfação em falar aqui em Coimbra, onde comecei a minha carreira comercial; e sinto ao mesmo tempo pezar e sentimento por ter de erguer a vós contra os governantes que não têm cumprido o seu papel de ômens de bem, politicamente falando, como tem demonstrado a administração vergonhóza do país.

(Salva de palmas.)

As despesas crescem constantemente e absorvem as receitas. Só pela reação do povo se poderá salvar o país.

Antes de entrar propriamente no assunto do comício tenho a agradecer as manifestações a Jozé Ferreira Gonçalves e a mim, manifestações pouco merecidas pois tudo o que se tem feito se deve a uma comissão que está largamente representada aqui.

(Bravos e palmas.)

O sr. conselheiro Bernardino Machado afirmou que não só o comício, como o movimento de protesto, tinham um caráter politico. O mesmo digo eu com todo o respeito pela grande intelligencia e patriotismo que o sr. conselheiro Bernardino Machado tem mostrado em toda a sua carreira politica, mas esta politica é a da onestidade, e do bom senso na administração pública. E' a politica do bem da patria que nos trás congraçados a todos no mesmo esforço.

As propostas apresentadas pelo...

O sr. Afonso Costa:—Falecido...

Exatamente, pelo falecido ministro da fazenda (Rizos), as propostas do falecido ministro da fazenda cozêráo-lhe a mortalha. Pode considerar-se bem falecido este estadista que num relatório, em que só se achão contradicções, não tem uma palavra pela salvação da patria, uma fraze de interesse pelo contribuinte.

Tudo tende a agravar-lhe a situação, a arrastá-lo á miseria.

Uma vós:—Maldade propozitada!

Sim maldade! A' uma passagem do relatório que a revela bem, porque não pôde admittir-se inconsciência num estadista da intelligencia e saber do sr. Teixeira de Souza.

E' a que diz respeito ao petroleo, que pelas circumstancias do comércio, tinha embaratecido. Pois lá vem elle dizendo que é necessário tributá-lo, e que o povo pôde e deve pagar o imposto, por isso mesmo que antes pagava o petroleo mais caro.

Para o falecido sr. Teixeira de Souza o povo portuguez não pôde ter nada barato.

O sr. Teixeira de Souza mentiu a todas as afirmações que tinha feito, quando dissêra que não avia necessidade de agravamento de tributos. Faltou indecorosamente. Não á na sua obra uma só proposta que não agrave a situação do contribuinte.

A filha querida do sr. Teixeira de Souza era a proposta dos 50 p. c. em ouro, era a sua filha diléta.

(Rizos.)

Essa proposta tem a sua condenação no proprio relatório. O sr. ministro afirmava que o ajio do ouro avia de diminuir. Bastou o conhecimento da proposta para o ajio do ouro subir.

E' por isso que é necessario pedir... pedir não! Impôr... E' por isso que é necessario impôrmo-nos aos governos e afirmar de cá levantada que não queremos pagar mais.

As receitas tem aumentado, parte dos encargos antigos desaparecerão, mas nem assim se tem conseguido o equilibrio; porque as despêzes tem aumentado por uma forma espantóza.

Não quero cançar o auditório e falta-me a competencia para fazer uma análise demorada; mas não quero deixar de frizar um ponto.

Com a saída do ministro parece pensar-se ter dado uma satisfação bastante á opinião publica. Nada de iluzões!

E' necessario continuar no protêsto, mantermo-nos vijilantes contra este ou contra outro governo e exigir de todos moralidade e boa administração da fazenda publica.

O atual ministro, o que veio substituir o falecido sr. Teixeira de Souza foi o relator duma das propostas na camara.

E' necessario estar de atalaia e a postos.

Não será a mudança dum ministro que nos fará calar.

E' necessario conservarmo-nos unidos e gritar a todos os governos, bem alto, para que nos ouça: basta! O povo não quer; porque não deve pagar mais!

Calorosamente aplaudido pelo publico o orador é muito felicitado e abraçado.

Nunes da Ponte

Ao adeantar-se para a mēza da presidencia estrondeou em toda a sala uma enorme ovação, ouvindo-se os gritos de Viva Nunes da Ponte!

Viva o partido republicano!

Viva a patria!

Depois de estar serenada a assembleia, o illustre orador começa por agradecer aqueles aplausos que sabe dirigirem-se aos seus principios e ás ideias que defende. E' aquella a quarta vez que toma parte nas manifestações contra as propostas de fazenda, que, como disse o sr. conselheiro Bernardino Machado marcarão epoca.

Acha-se fatigado. Uzará porém da palavra para fazer algumas afirmações.

No comício de caráter republicano a que elle, orador, prezidira no Porto, fôra aprovada uma moção do sr. dr. Afonso Costa em que apelava para as forças vivas da nação propondo se constituísse uma grande comissão de protesto contra as propostas de fazenda. Logo a classe commercial se levanta, unanime, e abre uma tribuna neutra onde todos os ômens onéstos podião ir falar em defesa dos interesses do povo, podião ir gritar bem alto que o país não consente mais este estado de coisas onde todos podião empregar o seu esforço para acabar de vés o deboche na administração. (Aplausos.) Essa tribuna é como a torre da cidade ou o campanario da aldeia, onde os abitantes vão tocar a rebate quando á fogo em alguma casa. Ora como a fazenda publica também arde, o povo tem o direito de tocar a rebate e de tentar a todo o custo extinguir o incendio, pois é o patrimonio sagrado do país que se defende. (Muitos aplausos.) Porque o país não pertence a uma clientela — é do povo portuguez.

Declara com toda a lealdade e sinceridade que milita no partido republicano, porque a sua razão lh'o impõe e a necessidade assim o exige. (Aplausos.)

Se Portugal fosse bem governado, estaria contente, esperando os progressos de evolução lenta. Assim como estamos, pensa que só uma ação rapida pode trazer ao país os beneficios e bem estar a que tem direito. (Aplausos.) Dis que é cedo ainda para se fazer um juizo seguro das consequências do patriótico movimento contra as propostas de fazenda, mas já não é tarde para ver qual a surpeza que elle causou no poder.

«Acordamos — exclama; — mas é necessario que não adormecemos mais.» (Aplausos.)

«Vemos — continua — o espanto, o terror que o movimento causou no governo: já caiu um ministro d'Estado. Lembra-me isto, senhores, as supersticções das religiões antigas, em que a jente ignorante imolava aos deuses vítimas para que não os perseguisse e a sua cólera. O ministro que safu do poder era a melhor cabeça do rebanho. (Rizos.) E com sacrificarem ao povo a melhor cabeça do seu gado pensáráo acalmar-o. Não o farão, porque o que nós queremos é salvar o país de uma ruína fatal. (Aplausos.) Em quanto os processos do governo forem os mesmos não devemos descançar. (Aplausos.) O constitucionalismo em Portugal fechou o parlamento á representação nacional. Pois bem; transforme-se esta tribuna na tribuna popular. (Aplausos.) E' necessario que aquilo que se rejeita ôje se rejeite amanhã, quer venha

mascardo ou em dózes minimas, como parece que o governo quer fazer; porque estes governos parçem-se com os médicos máus que começando por dozes massiças acabão pelas omeopaticas.

Impostos, senhores, nem em dozes massiças nem por omeopatia.

O povo não pôde pagar mais.» (Aplausos.)

Continuando dís que as propostas de fazenda apenas trazem agravamento d'impostos e de despeza. Só viu uma vantagem em toda a obra do ministro. Todas as garrafas de aguas alcalinas devem trazer um selo de três réis. Pois as garrafas de aguas de Vidago não têm tal selo. (Rizos.) Foi o unico resultado vantajoso da jerencia do falecido ministro.

Pás á sua alma dís; ele não lhe fará o necrologio. Não cultivá essa especie de literatura.

Fazendo uma especie de balanço ao estado do país, vê-se que em materia de liberdade individual temos uma correjedoria iniqua; em vés de liberdade politica temos um parlamento que é a negação da representação nacional; em vés de liberdade economica possuímos um deficit apavorador. (Muitos aplausos.)

O povo encontra-se sem instrução; a agricultura definhada; a industria sem vida. Tal é o estado a que chegámos. Para terminar, lembra que as questões economicas fôrão sempre as causas das grandes convulsões humanas. Não as dejeje; mas é preciso dizer ao governo que somos ômens como aquelles que produzirão as revoluções; que exigimos onrads na administração do Estado; liberdades individuais e politicas. Cada um, pois, cumpra o seu dever até ao fim. (Muitos aplausos.)

Luís Filipe da Mata

Alto, com um rosto aberto e intelligente, o olhar cheio de riso é ironia, o orador impôs-se logo pela sua figura cheia de energia varonil, respirando bondade e a tranquillidade do dever sempre cumprido.

Abriu o seu discurso dizendo que estava no comício porque era preciso que viesse ali um soldado raço do commercio de Lisboa declarar que os seus colegas estavam ao lado do povo de Coimbra. (Bravos.) As propostas de fazenda, por agora, estão mortas; mas podém rezurjir. (Aplausos.)

Ele, orador, admira-se muito de que um ministro tivesse a lembrança peregrina de, para equilibrar o deficit, aumentar as receitas, quando o que havia a fazer era reduzir as despesas. (Aplausos.)

Fás uma análise longa, ao orçamento lembrando que, á anos, a Associação Commercial apresentára ao governo uma serie de alvitres para a regeneração economica do país.

Apontava-se nesse relatório como uma das causas da crise o abuso do credito; e dizia-se que era absolutamente necessario reduzir as despesas, acabar com todos os faustos, cortar todos os abusos. Pois a Associação Commercial de Lisboa receberá do governo do sr. João Franco, como agradecimento das suas indicações lealmente dadas, como paga dos serviços desinteressadamente prestados, a sua dissolução.

O país, afirma o orador, não é mais que uma grande familia, precisando de todos os nossos cuidados. E' indispensavel cortar em todas as despêzas superfluas. (Aplausos.)

«Deixem-se de embaixadas custozas, mesmo na China; (Apoiados.) acabem com as viagens pelo país e pelo estrangeiro, que são sempre de graça quando se anunciação, mas pagas sempre e bem caro pelo povo, quando terminão. (Muitos aplausos.)

Acabem de vés as illuminações em que os balões custam 27 contos a principio e vem, depois, a ficar muito mais caros. (Aplausos.)

Conta então o orador, a proposito, e caso de um ministro que, em certo país, prezenteou o monarca com um iate que disse custar três mil contos; depois esse navio apareceu nas costas do Estado como tendo custado trinta mil contos.

Voltando a falar do movimento de protesto, exorta a que se unão sempre assim as classes que trabalhão para salvar o país de uma bancarrota maior que a primeira. (Aplausos.)

As despêzas aumentão, para nada valeu terem aumentado as receitas.

Lembra este factó a anedóta muito conhecida do lavrador e do carro de bois.

Conta-se de um lavrador, á quem um dia viêra a ideia d'e filosofar, ficára muito admirado ao ver que um carro tinha quatro rodas, duas pequenas adiante e duas grandes atrás, sem que, por muito que andassem as de trás pódéssem alcançar as de diante que andáráo

e torná-lo a andar, antes que as grandes rodassem de todo.

O caso da administração publica em Portugal lembra a anedota do lavrador. As receitas são bem grandes; mas adeante vão as despesas, que no orçamento são bem pequenas, mas que dobrão e redobráo, sempre a andar, sem poderem ser alcançadas pelas receitas.

E' isto o que se chama o carro da governação!

(Rizos. Aplausos prolongados).

Convida o povo a correr sempre a ouvir vozes como a do sr. conselheiro Bernardino Machado, o grande educador, seu particular amigo, e que não é um conselheiro d'Estado, mas o verdadeiro educador e esmerado conselheiro do povo.

«O sr. conselheiro Bernardino Machado—termina o orador—dá em toda a parte a lição e o conselho. Se lh'os seguirem, a vitória é nossa e nosso será o dia de amanhã.» (Vibrantes aplausos).

Uma ovação enorme coroou o discurso do sr. Felipe da Mata.

Dr. Augusto de Castro

Começou por dizer que era com a mais profunda e indizível comoção que falava naquela assembleia e nesta terra. Saía avia muito pouco tempo daqui e aqui educara a sua mocidade. Por isso, de todas as assembleias políticas em que nos últimos dias tinha tomado parte, era nesta em que com mais emoção se abeirava da tribuna.

Seria insustentável ali a sua posição se não se referisse, desde o principio, a umas palavras que lêra no *Primário de Janeiro* e que avião sido, segundo aquele jornal, a resposta que o sr. conselheiro Bernardino Machado dera á commissão que o convidára a tomar parte naquele comício. Segundo o sr. conselheiro Bernardino Machado, as classes trabalhadoras não devião confundir-se com os ómens políticos que, rejeitando as propostas de fazenda, entrão no movimento contra elas, sómente no propósito de fazer opposição ao governo.

Seria—repete—insustentável ali, perante aquela assembleia, a sua posição se não levantasse, pela sua parte, o sentido que elas poderiam ter para os oradores monárquicos, como elle.

Tem pelo sr. conselheiro Bernardino Machado a mais alta, a mais sentida consideração.

(Aplausos).

Venera a sua alta figura cívica, a sua nobilíssima individualidade moral no meio duma sociedade corrompida, sem ideais e sem fé. A sua vida sem macula é uma lição: o seu grande carácter sem exemplo — e ele, orador, enternecidamente o respeita.

(Muitos aplausos).

Por isso, com mais razão, deve definir, dentro das frases do sr. conselheiro Bernardino Machado, a sua attitude no movimento empreendido pelo país e que elle tem acompanhado com a mais absoluta lealdade e a mais perfeita izenção.

Não dejeja a queda dum ministro; não dejeja apenas a queda do governo. Dejeja mais alguma coisa: o começo para o país duma vida política nova de liberdade, de moralidade, de democracia. Dejeja que os governos se aproximem do povo e governem com o povo. E o testemunho mais evidente que pôde dar da sua sinceridade vai no pedido que dirige á commissão de comerciantes iniciadora do movimento, ali presente, á toda a assembleia, a todos os ómens de bem e de principios. A eles pede que, não deixem terminar em efémeros resultados este tão largo movimento; que continuem lutando e caminhando sempre intemera-

tamente, viziando junto dos governos que se seguirem, sejam elles quais forem, a orientação política que o país reclama. Com isso ninguém tem a perder! Os governos só podem lucrar em que o povo esteja junto d'elles. Aplaudindo-os, dá-lhes força; reprovando-os, dá-lhes esse avizo e esse ensinamento que, recebido a tempo e acolhido sem reservas, é para aqueles que querem governar de boa-fé, do mais salutar alcance!

(Aplausos).

Ele, orador, não tem ali responsabilidades políticas. Não tem categoria, para representar em condição alguma, o partido em que milita—mas, mesmo que a tivesse, não levantaria ali, num movimento sincero e jeral da opinião, a bandeira de qualquer parcialidade política. De resto, nem o seu partido toma a responsabilidade daquilo que elle afirma, nem elle orador pôde sinceramente tomar a responsabilidade pelos atos do seu partido! Sómente, com inteira sinceridade pôde afirmar que no dia em que visse que os atos desse partido estão em desacordo com as suas opiniões, ele saberia bem que o caminho da coerencia na vida é um só e é inflexível. E' o ca-

minho ensinado pelo seu illustre mestre e onrado amigo sr. conselheiro Bernardino Machado.

(Vibrantes aplausos).

Agradece os aplausos com que o saúdo. Fala com clareza e com sinceridade—porque nem o momento é para equívocos, nem para equívocos é o seu carácter.

Por um regimen de moralidade, de liberdade, de intranzijencia política; por um regimen que não seja a continuação da série de desperdícios, de escandalos, de prepotencias atuais; por um regimen de decôro, verdadeiramente democrático, enérgico e refletido; por um regimen inspirado na opinião e na liberdade—é que todos devemos lutar!

(Intensos aplausos).

Devemos ir até onde as circunstancias o exigirem, sacrificando tudo e procurando vencer os obstáculos que, neste caminho, pôssão surgir!

(Muitos aplausos).

Ontem caiu um ministro—e por trás desse ministro surgiu outro que ninguém sabe quem é. Os jornais dizem que elle é «antigo deputado e autor de um compendio de escripturação por partidas dobradas». (Rizos). Tais habilitações que, com difficuldade, fazem um caixeiro; já é categoria bastante para entrar nos conselhos da corôa;...

O sr. Teixeira de Souza caiu—e caiu no lôdo. Dentro deste mesmo ministério, o sr. Anselmo d'Andrade caiu—mas caiu de pé. O sr. Teixeira de Souza caiu de côcoras...

(Rizos!)

Com o sr. Teixeira de Souza caiu o ministério. O sr. ministro da fazenda, dentro do ministério ainda representava um plano d'administração. Mau, péssimo, inqualificavel como era—todavia era um plano. Saíndo, sairão com elle as últimas tristíssimas e pobres ideias que ainda dávão uma ficticia attitude de charlatanismo ao gabinete. Agora ficarão só expedientes—e com expedientes não se governa um povo!

(Vibrantes aplausos).

Com a queda, tão inglória e deploravel, do sr. Teixeira de Souza, o ministério suicidou-se moralmente—e com elle se suicidão perante a opinião pública todos os governos que não sigão um caminho inteiramente oposto áquele que nos últimos anos se tem seguido em Portugal.

(Aplausos).

E sem paixões partidárias e sem interesses pessoais que, dentro desta campanha, moralizadora e vivificadora, occupa o seu lugar. E é com fé que, esquecendo tudo, levanta um viva á Pátria—á Pátria, cujo alto ideal está acima de todos os interesses, de todas as considerações, de todos os sacrificios! (Muitos apoiados, aplausos ruidozos. O sr. conselheiro Bernardino Machado abraça e beija o distinto orador. Os aplausos redobráo, e o talentoso orador e nosso querido amigo ouve uma longa, sincera e entusiástica ovação).

Segue-se no uso da palavra o sr.

Cupertino Ribeiro

Foi recebido com palmas e vivas que mostrão as sympathias de que goza em Coimbra. Cupertino Ribeiro é um apaixonado de Coimbra, que sabe de côr, e que vem ver muitas vezes como se a não conhecesse.

Todos conhecem a sua fé republicana, a força do seu trabalho, a sua vida onrada, a forma despretençioza de se apresentar e de falar, com que pretende encobrir um coração pronto sempre á dedicação pela sua fé política.

Principia por dezipenhar se de um dever de que o incumbiu o sr. dr. Manuel d'Arriaga, em Lisboa. Encarregou-o de pedir em seu nome desculpa de não poder aceder ao convite que lhe dirigiu a commissão promotora do comício. Ficava em Lisboa; mas o seu espirito e o seu coração estão no comício.

Da sala partirão vivas ao dr. Manuel d'Arriaga, vivas unanimemente correspondidos.

O orador, pr seguindo, disse que ia começar o seu discurso; por onde os outros oradores costumão acabar, e levantou um viva ao povo português e outro ás classes trabalhadoras.

(A assembleia secundou-o com calor).

Levantará um viva ao povo português porque o povo cumpre agora o seu dever. (Aplausos). Quanto ás propostas de fazenda,—dis—elas estão rctas, não a tiros de espingarda porque o povo não as tem! (Aplausos quentes e prolongados) mas pelo seu protesto enérgico contra similhante monstruosidade.

Entrãdo depois na análise da situação económica do país, conta que desde 1892 a 1903 ha um excesso de con-

tribuição de 10.000 contos a que corresponde um excesso de riqueza de dois milhões de contos. «Digam lá—exclama—se tal excesso de riqueza existiu neste período.»

Continuando, afirma que até aqui o povo tem tido apenas o direito de pagar; de comer... não ha! (Aplausos e rizos). Mas para que queixarmo-nos?—pergunta. Temos um bello sol, um céu incomparavel que nos fazem o favor de nos deixar gozar—e digo fazem favor por que com as suas leis pôdem meter-nos a vontade em uma prisão!

(Aplausos).

Analiza depois o orçamento para cada ministerio e compara-o com as despesas. Dis o que pagamos para o exercício que, afirma, não possuimos, e termina o seu discurso erguendo um viva á pátria e outro ao povo trabalhador.

José Saralva

Recebido com uma salva de palmas. Fala sem difficuldade, em attitude correcta, sem calor.

Pelo que a assembleia ouviu aos oradores que o precederão, está já inteirada d'aquillo que o país precisa. Portugal chegou á míserima situação em que se encontra, pela falta de patriotismo de todos os governos. (Apoiados.) Mas a todos os portugueses cabe um quinhão de responsabilidade no desastre. Se todos, reunidos, tivessem lançado mão do direito que lhes assiste de se tornarem fiscaes dos actos dos governos, os governantes não abuzarião da paciencia nacional. (Muitos aplausos.)

Mas ainda se pode salvar alguma coisa apesar de ser tardia a interferencia. E ainda que nada se salve, salva-se a onra. (Aplausos). E' absolutamente necessario que haja economia e onestidade na administração publica. «Fação economias,—exclama—mas principiem pelos grandes, e melhorem a situação do pequeno funcionalismo. (Apoiados). E quando pedirem mais sacrificios ao povo justifiquem claramente esses pedidos. (Aplausos). Em quanto o não fizerem o país responderá e muito bem;—Não queremos pagar mais. (Prolongados aplausos).

Dr. Teixeira de Carvalho

Tenho de falar para ler uma moção, em que se achão resumidas as opiniões de todos os oradores que me precederão neste logar.

Tenho de falar, e faço-o sem custo, apesar de ser perigoso falar agora em comícios sendo-se republicano, porque não falta quem diga que o partido republicano anda incitando o comércio pelo furor de atirar pedras impunemente, sem ninguém ver.

Aproveito esta ocasião, em que vejo reunidos aqui representantes do commercio de todo o país, para repelir a calúnia. Aproveito a ocasião para desafiar alguém, seja quem for, a dizer aqui publicamente que a attitude do partido republicano não tem sido a mais nôbre e a mais digna!

(Prolongados aplausos dos representantes do commercio, que se estendem a toda a sala mantendo-a numa ovação prolongada.)

Ninguém, ninguém poderá onestamente dizê-lo, e todavia escreve-o o sr. Mariano de Carvalho.

Não á vilzeza igual!

(Aplausos estridentes).

Meus senhores! Não sei como me indignei agora.

Desde muito nôvo que leio o que escreve o sr. Mariano de Carvalho, sem conseguir irritar-me; porque lhe reconheço tanto espirito e intelligencia tão grande que penso que elle deve ter um profundo desprezo por si mesmo, vendo, ao cabo de vida publica tão longa, como tem sido estéril tão fino espirito e tão alta intelligencia.

(Renôvo-se os aplausos)

Viria sempre a este comício, porque avia uma calúnia a levantar.

Obrigava-me tambem a vir o agradecimento que devo aos comerciantes de Lisboa e do Porto, que ôje são nossos hóspedes.

Fôrão tantas as atencões que me dispensão nas minhas ultimas viagens a Lisboa e ao Porto, foi tal o carinho com que me tratão que eu não poderia deixar de vir agradecer publicamente.

Meus senhores! Eu julgo-me na vida um abandonado e pensei sempre que só me conhecem bem as pessoas da minha familia os meus amigos mais intimos. A fama de intelligente, que me creão, afasta de mim os mais simples, com medo de eu não julgar digna a sua alma pequenina das grandes ideias que os nobilitão. A ironia, que ri em tudo o que eu escrevo, afasta de mim os mais crentes os que vão a meu lado na adoração da mesma ideia.

E' por isso, Senhores, que sou muito grato aos comerciantes de Lisboa e do Porto. Na festa de duas escolas primárias, receberam-me como se á muito me conhecessem, como se á muito me estimássem. A lembrança das sympathias dos republicanos de Lisboa e Porto, dêrão-me novos alentos, mais força para trabalhar, maior crença no triunfo da nossa cauza.

Ela me trouxe aqui tambem.

Mas, mesmo que eu não tivesse accedido o convite, se aqui tivéssem vindo como era devêr meu, eu d'ali, do povo onde estaria, verme-ia forçado a falar depois de ter ouvido as palavras tão francas e tão altivas do sr. Augusto de Castro.

E' um nôvo, está no começo da sua carreira politica, ligado á um partido monárquico pelos laços da familia e da tradição politica, e não se corrompeu ainda! Isto alegrá-me, Senhores, porque eu não dêzesperei ainda da mocidade portugueza.

Importa-me pouco a sua attitude em comícios e assembleias políticas. São infantilidades de crianças que julgão ter na cabeça o chapéo alto dos pais.

Fazem-me rir, um rizo mau, confesso; mas fazem-me rir porque da convivencia constante com elles eu tenho a convicção de que são elles a garantia do futuro da patria.

Nunca descri da mocidade, e eu, que durante toda a vida academica louvei o sr. Augusto de Castro, com a autoridade que sempre me têm reconhecido os mais nôvos, sógo em louvá-lo de novo; porque é de um grande coração vir publicamente afirmar, apesar das suas tradições de familia, que abandonará o partido em que milita, quando se convencer que elle não defende os interesses da Patria.

Senhor Augusto de Castro, use do seu nôbre coração sempre e sempre, e nunca o esqueça dentro da sua familia e do seu partido.

Tem o sr. Augusto de Castro sobejo motivo para tirar orgulho do seu talento, pôde envaidecer-se tambem do coração. Deixe-o dominar a sua vida inteira; que as pátrias vivem mais do coração do que do cérebro.

Era por isto tudo que eu tinha necessidade de falar.

Para dizer-vos o que penso das propostas de fazenda não. Já o disse no ultimo comício.

E'-me grato ver protestar o povo: é uma prova de vida.

Para mim o protêsto de revolta, que o ano passado correu as ruas de Coimbra, foi perfeitamente legal.

A legalidade não é muitas vezes a ordem.

Á ordem julga-se sempre fora da lei. (Aplausos. Prolongada ovação).

Tenho de ler-vos uma moção.

Tenho de resumir-vos as ideias dos outros; as minhas conheceis-las vós muito bem!

(Aplausos).

Afirmão os jornais monárquicos, senhores, que nós andamos em pecado grave, neste movimento de protêsto.

Pois, Senhores, péca-se por pensamentos, por palavras e por obras, e afirma a teologia que, á face do Senhor, o peccado é o mesmo.

Neste ponto, a teologia está de acordo com a minha consciencia.

Todos protestamos já por pensamentos, por palavras, não será ainda tempo de protestar por obras?!

(Grande ovação).

Que á a esperar dos governos monárquicos que nos deixarão roubar a terra tão gloriozamente ganha pelo sangue português.

Que á a esperar de quem vendeu as colonias, e ipotêcou ao extranjeiro o sólo da patria?

O que á a esperar de quem, na ultima infamia, mercadeja os ossos dos nossos erois.

Como acreditão que possa ouvir um grito português quem deixou arrancar da sepultura os ossos de Pedro Alvares Cabral, o grande descobridor do Brazil?

Quando se abriu a sepultura de Pedro Alvares Cabral, senhores, viu-se que, o tempo comêra o caixão, mas não desaparecera a forma do erôe.

A sua carne a desfazer-se roêra a madeira e o ferro e amassara a terra portugueza, deixando nela a impressão sagrada do seu corpo.

Pois nada se respeitou: foi revolvida aquêlla terra em que se delira o seu grande e forte coração, umedecida pelo seu sangue, amassada pelos musculos que em vida tinham levantado tão alto o brazão de Portugal. (Aplausos muito prolongados).

Isto envilece-nos diante da nossa raça.

Lembrão-se da guerra de Cuba?

Eu lembro-me e recordo-me o procedimento nôbre da mocidade Coimbrã.

Lembrão-se?

Já ninguém se lembra!

Pois lembro-me eu, e é tão grande a tristêza presente que alegrá recordar orgúhlos passados.

Era em Lisboa. Na Avenida passava frio e cerimonlozo um cortejo da festa cívica.

Era um bello dia. O sol inundava tudo, e enchia o ar da alegria dum triunfo. Por deante do palanque em que se apinhava a côrte e o corpo diplomatico ia desfiliando o cortejo friamente.

De repente daquêlla multidão sem vida, deslêta-se um grupo de rapazes, cabêlos ao vento, as mãos cheias de rózas, os lábios a abrirem-se num grito de triunfo.

As rainhas levantão-se imaginando ir ouvir a saudação á graça e á beleza, sempre á beira de lábios portuguezes.

Um fremito de vida percorreu o corpo diplomatico.

De repente ouviu-se num grito alto, e reboou pelo céu fóra na alegria do triunfo do sol um viva clamorôzo a Espanha!

Era o grito alto do sangue duma raça a lerver em revolta; soltára-o a jenerozidade d'aquêles rapazes, nomes onrados no partido republicano.

Disse-se então que o ministro dos Estados Unidos se levantára para oferecer gravemente ao ministro de Espanha uma rôza que acazo lhe trouxera das mãos dos estudantes. As rainhas sentão-se friamente; mas não fallára ainda daquêlla vês a antiga gentilzeza portugueza.

A rôza fóra para a mais formôza; a rôza fóra para a Patria, que todos vião ameaçada na pers'guicção da mesma raça! (Aplausos prolongados).

Acabou a guerra; o que fóra eroicamente conquistado teve de deixar-se ao mais forte; mas ainda desta vês venceu na história a força eroica dos grandes corações.

A Espanha abandonou a terra; mas exijiu que lhe restituissem a ossada do erôe que a conquistára.

E os Estados Unidos entregão solenemente, com todo o cerimonial diplomatico, os ossos de Cristóvão Colombo.

Virão triunfalmente em uma nau; e no mar passou outra vês o cortejo de um navegador antigo.

De dia o sol parecia brilhar com mais luz, de noite parecia que se levantava mais cedo o luar.

A nau seguia serenamente ao brilho do sol, e avia uma harmonia estranha no ruído do mar, no brilho do sol, no grito das aves e no vôo branco de alguma nuvem perdida que passava.

De noite, ao luar, o mar manso estendia um tapete de prata, como um escravo antigo, que não tivesse esquecido ainda o seu senhor.

E um marinheiro, que, por hábito, abria a boca num canto descuidado, improvisou sem querer uma trôva de marreante antigo.

Nos livros espanhois chamou-se á quêlla á ultima viagem do grande navegador...

E assim será; porque nunca o cavalleirismo espanhol deixará que arranquem do sólo bendito de Espanha os ossos de Colombo.

Só os levará, quem levar a terra. Foi a ultima viagem.

E notal, senhores, que Colombo era um estrangeiro e os Espanhois são côzios do seu cavalleirismo.

Não á, dizem elles, e é verdade, maiores cavalleiros que os das Espanhas.

Pois nós deixamos ir sem um protêsto os ossos de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, um ómem da mesma raça, um ómem do nôsso sangue.

Uma aventura monárquica levára-nos a terra, outra leva-nos os ossos do descobridor.

E esperais, senhores, que possa atender-vos quem partiu os laços com o povo português, desprezando as suas tradições!

Julgais que ade lêr-se esta moção. Não, Senhores, não se lerá, e talvez não seja publicada no *Diario do Governo*. Tal: é!... (Aplausos).

A unica forma de protestar é apelar-des para a vossa força e á vossa enerjia. Não, não é assim!

A unica forma de protestar era afirmar os vossos direitos, fazê-os respeitar. A unica salvação da patria era, era... (Uma ovação estridente de palmas e gritos, que se prolongou por muito tempo, interrompeu o orador.)

Era! Era!

Mas não estou para vos dizer a minha opinião; estou para vos apresentar, numa moção, a dos oradores que me precederão. Vou fazê-lo já, aproveitando a pouca vós que me resta.

Não faltarão ocasiões de nos encontrarmos, nem eu as deixarei perder. (Lê).

MOÇÃO

O commercio, a industria e as demais classes trabalhadoras de Coimbra, reunidos em comício publico no dia 27 de Março de 1904.

Considerando que as propostas de fazenda, apresentadas no parlamento pelo actual governo, lonje de representarem um plano de fomento economico da Nação, sómente vizão a prover o governo de recursos novos para que possa continuar a existir a oligarquia politica dominante;

Considerando que a administração do Estado, como é e tem sido e, dado o regimen politico em que essa administração se desenvolve, não reveste um caracter de seriedade e honradês em que possa ter confiança a Nação;

Considerando que o commercio e a industria bem como todas as classes productoras do país, são quem sofre os encargos, já insuportáveis, d'uma hiper-tributação esmagadora que vem crescendo necessariamente sem em nada concorrer para o progredimento material e intelectual da Nação, visto que a grande maioria das receitas é absorvida em inconfessadas e inconfessáveis despêzas;

Considerando que nos altos poderes do Estado se não tem atenção pela ruina e miséria do povo que todas as classes trabalhadoras tem de detender visto que êle não encontra protecção nos governos, antes sómente é vitima de multiplices meios de exploração e de postergação de garantias;

Considerando que o resurjimento nacional está dependente, não do aumento de impostos, mas de rasgadas medidas de fomento ao mesmo tempo que d'uma politica sadia e onrada;

Considerando — que é impossivel separar a solução do nosso problema economico-financeiro da solução do nosso problema politico; porque deste directamente derivão para sustentação das clientelas politicas, as ruinosas administrações do Estado;

Considerando — que a Nação já á tantos anos vergada ao pézo de tantos e tam diversos impostos, não pode já reconhecer nos governos constitucionais competencia moral para lhe imporem sacrificios novos;

Considerando que o Commercio e a Industria, tendo concorrido, ao lado das demais classes produtoras do país, com os seus mais constantes esforços para o levantamento economico da Nação, estão dispostos a empregar toda a sua actividade em proveito do país, animados sómente dos seus mais desinteressados e patrioticos sentimentos;

Mas considerando que todos os sacrificios resultarão inuteis enquanto se mantiverem os actuais processos de administração publica, inteiramente adversos aos interesses nacionais;

Rezolvem:

1.º — Continuar mantendo-se com intransigencia e firmeza na sua opposição ás actuais propostas da fazenda ou outras que conduzão a agravamentos de impostos;

2.º — Levar a sua resistencia até onde as circunstancias o determinarem;

3.º — Reclamar desde já e sem cessar a implantação d'um novo regimen de politica e de administração, fundados exclusivamente nos interesses da patria.

O sr. dr. Teixeira de Carvalho teve no final uma grande ovação, sendo abraçado pelos prezidente e secretarios e por todos os comissionados e jornalistas que enchião o palco.

Quando se ia pôr á votação a moção, o auditorio manifestou o desejo de que falasse o nosso amigo

Afonso Costa

Entusiasma e prende o publico logo ás primeiras palavras.

Orador de raça, tem todo o ardil subtil dum lutador. A ideia que a principio se esboça, volta perzistentemente e vai adquirindo o vigor e a força do triunfo.

O jesto acompanha e descreve a ideia. Sereno, entusiasta ou dezalentado, o seu jesto tradus sempre a pêsse de toda a sua alma pela ideia dominante.

Por, vezes ao acabar dum periodo, imobiliza-se um momento numa attitude de estatua, a cabeça alta, o peito deitado para a frente, o braço deitado para trás a mão forte crispada, bêlo como um fundibulario antigo.

Foi recebido com uma enorme ovacão.

O talentoso orador principiou por dizer que se atendesse ao seu estado de saude prejudicado pela attitude dispendida no atul movimento de protesto contra as propostas de fazendas, se dêsse ouvidos ás ordens imperiozas do seu medico, não teria vindo falar áquele comicio. Mas acima dos interesses da sua vida ele sentiu a necessidade imperioza de vir ao comicio dizer mais uma vez ao povo que está com ele, d'alma e coracão, na campanha que não tem outro fim senão a redenção da patria. (Aplausos.)

Demais, fôr em Coimbra que nasceu para a vida publica, vida que tem seguido sempre com a preocupação de, á hora da morte, dizer aos seus filhos que não contribuiu para a perda da patria. Por ela se tem dedicado e sacrificado sempre, consubstanciando no sentimento da patria a ideia da republica (Aplausos.)

Em palavras eloquentes, aponta á assembleia como nôbre exemplo de conduta a seguir no momento actual o sr. conselheiro Bernardino Machado. Fás os mais rasgados e altos eloijos ao brilho do seu talento, á nobreza do seu caracter, ás suas grandes qualidades de professor e de chefe de familia.

Agradece, depois, os aplausos que a assistencia lhe dispensou e que sabe se dirigem á coerenza da sua vida publica.

Refere-se ao incidente com ele sucedido em Braga, verberando o facto d'algum querer abatar na bôca d'um ômem de consciencia livre a afirmação das suas convicções.

Conta como o partido republicano iniciou o actual movimento que o commercio prontamente seguiu logo, e saúda na pessôa do sr. prezidente o commercio de Coimbra.

Afirma aquêla nôbre e enérgica campanha á de terminar pela vitória do povo sobre os que governão. (Aplausos.)

Os republicanos gritão e condenão os governos que, com 25.000 contos d'aumento de receita, não abrem uma estrada nem levantão uma escola. (Muitos aplausos). Gritão contra tudo que o povo tem sofrido em 15 años de esmagadora tirania. (Aplausos.)

Manifestando a sua opinião de que era preciso modar de rejimen, fecha o o seu brilhante discurso, afirmando que é o exercito portugûês, a quem a patria tanto dêve e de quem tudo espera; o exercito portugûês compôsto dos ômens mais fôrtes do país, formado por todos os nossos filhos, quem dêve vir para a rua desfaldar a sua bandeira e acabar com o regimen, implantando outro onde não á um generalissimo, mas onde o povo manda.

O eloquente discurso do brilhante orador, arrancou prolongados e entusiasticos aplausos á assembleia.

Tomou outra vez a palavra o sr. conselheiro Bernardino Machado para uma espiacão:

Confirmando a noticia a que se referiu o seu querido amigo Augusto de Castro, declara que nunca poderia ter querido negar a ninguém, o direito d'uzar d'aquella tribuna, e que o seu desejo

seria ter por muitas vèzes ainda durante a sua vida publica a grande satisfação d'encontrá-lo ao seu lado. Oxalá a nossa jenerosa mocidade tome o seu logar na vanguarda das reivindicações sociais! E muito estimaria que todos os ômens independentes se unissem desde já para levarem este movimento d'opinião dos comicios até á urna, apresentando nas próximas eleições jerais os seus candidatos de protesto.

O final do discurso do sr. conselheiro foi recebido com a mais extraordinaria manifestação de todo o comicio.

De toda a parte se levantãvo gritos de Viva a patria! Viva o partido republicano! Viva Bernardino Machado.

Serenada a manifestação desceu ao proscenio o sr.

Vitor Feltor

que lê a seguinte:

PROPOSTA

Constando que dever-se-á realizar, nesta cidade, nos dias 21 a 24 do proximo mês de abril, um congresso nacional contra a tuberculose e constituindo as novas medidas de fazenda agravamentos tributários que pèzão duma forma esmagadora sobre a já tão escassa e fraca alimentação do povo, especializando as classes proletárias, porque são as que dão maior contingente de tuberculózos;

Considerando que êssas minozas propôstas fazem encarecer os principaes jéneros de consumo indispensaveis para a vida, chamados jéneros de primeira necessidade, como são: o bacalhau, o arroz e tantos outros, como o petroleo, a luz do pobre que trabalha amarguradamente durante todo o dia para receber uma pequena remuneração que dêsta forma está provado nem para comer lhe chegará;

Considerando que todo o aumento progressivo de toda a qualidade de impostos que tem lançado ao país, tem sido um dos fátôres que mais contribuíram para o grande desenvolvimento da tuberculôze em Portugal, êsse terrivel flagelo que nos vem roubar traiçoeiramente os entes mais queridos do nosso lar, trazendo-nos sobresaltados e roubando-nos consequentemente a alegria e o bem estar das nossas familias;

Considerando que, finalmente êstas medidas de fazenda, se opõem por completo á boa alimentação e á higiene, visto que êlas sobrecarrégão de impostos os jéneros alimenticios e trazem o aumento da decima de renda sobre êsses lúgubres casebres, úmidos e sombrios que mais parecem umas enxovias do que abitacões dêsses pobres operarios, cujas rendas êles já mal podem pagar.

Proponho para que a meza dêste comicio fique encarregada de officiar á illustrada comissão promotora dêsse congresso, dirigindo-lhe o seu apêlo para cooperarem connosco, por que êste nosso esforço contra as novas propostas de fazenda, é tambem uma luta (ainda que indirecta) contra a tuberculôze em Portugal.

Proponho até para que se lhe pondere frizando bem nesse officio, que é urgente, mesmo inadivavel, que as novas propostas de fazenda não sêjam convertidas em lei, porque o contrario seria destruir a obra grandioza que encetarão, pois que dêssa forma seria improficuo todo o seu denodado trabalho, seria combater os efeitos sem procurar destruir a causa.

Proponho ainda que nesse officio se lhes peça em nome das

classes trabalhadoras para que do congresso seja enviada uma moção ás altas rejiois dos poderes constituídos, dizendo-lhes para que não só, não sêjam aumentados os impostos sobre os jéneros de primeira necessidade para a alimentação publica, mas tambem sêjam diminuidos tanto quanto seja possivel.

O contrario será inutilizar e deixar morrer de fome o povo portugûês.

Esta proposta foi muito aplaudida pelo publico.

Têve em seguida a palavra o sr.

Adriano do Nascimento

que pronuncia um enérgico discurso d'ataque ás propostas de fazenda, e de critica aos processos governativos em vigor.

E' tão mau e tão incoerente o projeto do sr. ministro da fazenda que, tendo-lhe chamado iniquo, deve dizer que êle é uma infâmia. E é uma infâmia porque tende a arrancar ao povo aquilo que êle não tem. (Aplausos). Infelizmente quanto mais lhe lêvo mais lhe querem tirar! (Bravos prolongados.)

Os ministros da fazenda, em vês de facilitarem a vida ao povo, difficulção-lha. E o que nos é extorquido não entrã nos cofres publicos, nem beneficia o país.

O novo ministro seguirá o caminho do falecido.

—Uma voz— Ou será ainda peior. Tem-se dito que o povo não pôde nem deve pagar mais. Pois não deve só dizer-se; é necessário que se mostre que de não quer... (Aplausos.)

A fome bate-nos á porta. Os nossos filhos pedem pão e luta-se com difficuldade para lho dar. E' necessário que os nossos filhos não nos acuzem amanhã de que a situação em que a patria se encontra é a fome que recebô por legado, fôrão fruto da nossa apatia em momento tão critico e perigoso. (Aplausos.)

Para isso é necessário escorraçar quem nos vilipendia. (Bravos e aplausos prolongados.)

Eu queria dizer muito mais — e olha para o lado da autoridade — mas não me deixão.

—Vozes— Diga, diga tudo e claro! Antes morrer sob a força, da força que é nossa, antes cair varado pelas balas das Kropatchéckis, porque morrer assim é nôbre e é activo, pois é morrer defendendo a onra e defendendo a patria, do que permitir que amanhã nos acuzem de cumplicidade com os governantes. (Grande ovacão.)

Os oradores que o antecederão dão a entender que as propostas de fazenda, estão, ou serão postas de parte. Ele não pensa assim.

Nem o ministro é defunto, nem as propostas deixarão de passar. Elle reaparecerá e ellas pouco a pouco vão de aparecer, talvez, com peiores encargos. (Aplausos.)

Oje, sabe-se já que é nomeado director geral das alfandegas; amanhã, quem sabe...

Uma voz — Acumulará o logar das contribuições directas.

Sim, talvez! E cumpre acrescentar que essas benesses são as que sempre adveem áqueles que trabalhão a favor e em proveito d'algum e que, ao morrer, não deviam ser enterrados em terra lusitana, pois deveriam ser considerados traidôres á patria. (Muitos aplausos.)

Fala ainda acerca das propostas de fazenda e do irmão de um ministro que acumula uns cinco ou seis logares. E voltando-se para o conselheiro Bernardino Machado e para o dr. Afonso Costa, dis que um professor da Universidade não ganha metade do que ganha essa nulidade!

Finalmente, conclue, é necessário trabalhar para o resurjimento da patria. Que todos se unam para esse fim!

Termina, dizendo que o povo não pôde nem quer pagar mais.

E levantaria jubilosamente um viva, um outro grito cheio de indignação e desprezo:

—Viva a Patria!
—Abaixo as propostas de fazenda!
O orador teve uma grande ovacão.

O sr. prezidente toma a palavra para agradecer a comparença do povo ao comicio. Agradece igualmente aos oradores o seu concenro e ao sr. commissario de policia a forma como deixou seguir livremente o curso dos trabalhos. A assistencia associou-se ao agradecimento, dando palmas ao sr. major Souza Araujo.

O sr. prezidente encerrou o comicio erguendo vivas á patria, ao commercio e ao povo trabalhador, vivas que forão muito correspondidos.

Erão cinco ôras da tarde. Quando os oradores saíram do teatro, a multidão, que os aguardava, aclamou-os com entusiasmo.

ADEZÔIS

Por falta de espaço, não podemos dar ôje a relação completa das adezôis particulares ou coletivas ao comicio.

Fá-lo êmos em numeros successivos.

Aderiram:

Comissão de protesto contra as propostas de fazenda do Porto: em nome do commercio representada pelos srs. José Pimentel, Jozé Ferreira Gonçalves, Antonio Jorje, Jozé Ramos Pais, Albano Alves e Jozé Maria Gomes que tambem representava o jornal «A Razão».

Associação de vendedores de viveires á retalho, pelos srs. Antonio Marques Nogueira e Antonio Ferreira da Silva

(Continua)

O DEBATE

Escreve este nosso prezado collega:

Escrevo-lhes á pressa, depois de terminado o comicio de protesto promovido pelos commerciantes.

A manifestação de ôje foi extraordinaria pela concorrencia de povo e pelo entusiasmo com que forão recebidos os oradores republicanos. Não sei como descrever as manifestações do povo ao dr. Bernardino Machado, que pelas suas declarações de intransigente republicanismo adquiriu, se é possivel, mais popularidade; ao dr. Nunes da Ponte, Teixeira de Carvalho e Afonso Costa. Sempre que estes oradores acentuãvo as suas ideias republicanãs, a assembleia rompia em aplausos que, rapidamente, dêrão ao comicio a verdadeira significação d'um protesto, não contra o governo mas contra a monarchia. Os oradores dos partidos reaccionários forão aplaudidos quando censurãvo o governo e fazião alguma censura, ainda que tímida, ao rejimen. Os oradores republicanos sempre, foi o povo que transformou o comicio, manifestando-se claramente republicano.

CONTINUA O PROTESTO

Leiria prepara-se para fazer um comicio na segunda feira contra as propostas de fazenda e sobre tudo contra as más administrações da monarchia.

Pelo telegrama, que em seguida publicamos, se vê que já estão inscritos varios oradores e que mais esta manifestação do commercio áde ser significativo de força, de solidariedade, mostrando que o povo está divorciado da monarchia. Esse facto evidencia-se em todas as manifestações publicas. E tambem se mostra que se o partido republicano é o que se apresenta a defender as regalias populares e o commercio. Que todos o reconheção.

Leiria, 29. 7 h., 16 m., t. A redacção da «Resistencia».

Jozé Ferreira Gonçalves e Jozé de Pimentel, do Porto, vierão aqui ontem lançar as bases para um comicio que se deve realizar na proxima segunda feira contra as propostas de fazenda. Estão inscritos varios oradores para fazer uzo da palavra esperando-se venha dr. Afonso Costa, Alexandre Braga e outros.

S.